



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS
HUMANAS .
CURSO DE MESTRADO EM CIÊNCIAS HUMANAS**

TALIA GABRIELI FIANCO

“O MENOS POETA SOU EU”: TRAJETÓRIA INTELECTUAL DE FILINTO DE ALMEIDA

**ERECHIM
2025**

TALIA GABRIELI FIANCO

“O MENOS POETA SOU EU”: TRAJETÓRIA INTELLECTUAL DE
FILINTO DE ALMEIDA

Proposta de Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas sob a orientação da Prof Dr. Ricardo Machado.

ERECHIM
2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Av. Fernando Machado, 108 E
Centro, Chapecó, SC - Brasil
Caixa Postal 181
CEP 89802-112

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Fianco, Talia Gabrieli
"O menos poeta sou eu": trajetória intelectual de
Filinto de Almeida / Talia Gabrieli Fianco. -- 2025.
145 f.:il.

Orientador: Doutor Ricardo Machado

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação
Interdisciplinar em Ciências Humanas, Erechim,RS, 2025.

1. Filinto de Almeida. 2. Biografia. 3. Intelectual.
I. Machado, Ricardo, orient. II. Universidade Federal da
Fronteira Sul. III. Título.

TALIA GABRIELI FIANCO

“O MENOS POETA SOU EU”: TRAJETÓRIA INTELLECTUAL DE FILINTO DE ALMEIDA

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Para obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas, defendido em banca examinadora em 22/08/2025

Aprovado em: 22/08/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ricardo Machado – UFFS
Presidente da banca/orientador

Prof. Dr. Fábio Francisco Feltrin de Souza – UFPR
Membro titular externo

Prof. Dr. Paulo Ricardo Müller – UFFS
Membro titular interno

Prof. Dr. Zoraia Aguiar Bittencourt – UFFS
Membro suplente

Erechim/RS, agosto de 2025

Para Luci, Valdecir e Teilor.

AGRADECIMENTOS

O processo de escrita de uma dissertação é complexo e acompanha diferentes momentos da vida do pesquisador ou pesquisadora. Por sorte, tive pessoas que me acompanharam e apoiaram ao longo de todas as fases, a quem agradeço e dedico este trabalho. Estas pessoas celebraram comigo a aprovação no processo seletivo em primeiro lugar no mês de agosto de 2023, e lamentaram comigo quando o cansaço e o desânimo tomaram conta de mim até o final, em agosto de 2025. Não escrevo estes agradecimentos exaltando um ciclo de boniteza da educação. Escrevo lamentando a falta de financiamento da pós-graduação brasileira, a falta de perspectiva para os profissionais das Ciências Humanas e o excesso de positividade acadêmica que acredita que em algum final utópico, tudo vai ficar bem, basta assistir e esperar.

Por trabalhar quase 42 horas semanais, e de acordo com o critério da instituição, não recebi bolsa de pesquisa. Me restou então negociar no trabalho algumas “fugas” para conseguir cumprir o número de créditos necessários. Quanto à escrita dos capítulos, ela foi elaborada em férias, feriados e finais de semana. Agradeço ao meu orientador, professor Dr. Ricardo Machado, por compreender minha situação e respeitar o meu tempo, auxiliando a encontrar os caminhos possíveis para que eu não adoecesse. Ele, mais do que ninguém, acompanhou a perda de brilho no meu olhar, mas seu papel foi crucial para que alguma motivação me levasse a concluir a pesquisa.

Agradeço a minha mãe Luci e ao meu pai Valdecir, que mesmo sem entender direito o que eu estava fazendo, sempre estiveram comigo. Em uma noite de sábado, durante a tentativa de iniciar a escrita do capítulo 1, as ideias não vinham e a tristeza tomou conta quando minha mãe me pediu se eu estava conseguindo escrever. Enviei uma mensagem com a voz embargada, lamentando minha situação, no que ela me respondeu um “Olha filha, eu queria poder te ajudar, mas nisso eu não posso, eu não consigo. Só você consegue”. Eu não podia deixar a mulher que trabalhou na roça a vida toda e que fez de tudo para educar os dois filhos se entristecer por algo que estava fora do seu alcance e que era problema meu. Prontamente parei de chorar e naquela noite escrevi alguns parágrafos. Obrigada mãe e pai, amo vocês.

Agradeço ao meu irmão Teilor, pela cumplicidade e parceria de sempre. Obrigada por ser um bom ouvinte e por confiar em mim. Sua curiosidade em desvendar o mundo me inspira. Agradeço também ao professor Dr. Fábio Feltrin, por acompanhar e incentivar esta pesquisa desde a graduação (e por muitas vezes acreditar em mim mais do que eu mesma). Em nome da Karen Menegatt, que compartilhou o mesmo fardo de trabalhar e tentar se tornar mestre, agradeço aos amigos que me acompanharam nesses dois anos. Obrigada por me fazerem lembrar que a vida é mais interessante quando a gente compartilha bons momentos com aqueles que nos fazem bem. Obrigada por entenderem a minha rotina e por embarcar nas minhas aventuras.

Agradeço a equipe do Arquivo Múcio Leão, da Academia Brasileira de Letras, pelo acolhimento e atendimento na visita que fiz em novembro de 2023. Graças ao trabalho dessas pessoas, pude compartilhar um pouco do que vi lá aqui, neste texto. Com muito carinho, agradeço também ao senhor Cláudio Lopes de Almeida, neto de Filinto de Almeida, e sua companheira Beth Araujo, por me receberem na casa em Santa Teresa, em uma tarde nublada no Rio de Janeiro. Obrigada pelo bolinho, pelo café e pela conversa que abriu meus olhos para a relevância do meu trabalho. Seu Cláudio me deu a missão de resgatar e ressignificar a memória de Filinto. Aqui está o produto da minha tentativa.

Por fim, agradeço ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas - PPGICH, por acolher o meu projeto e possibilitar que eu o desenvolvesse; e a Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, por ser o espaço que me permitiu ter um diploma de graduação e me desafiar a tentar o diploma de mestrado, inédito para a história da minha família. Acredito na potência dos programas de expansão do ensino superior público e reconheço o impacto social deste tipo de política pública. Mas saio dessa experiência com a certeza de que podemos fazer mais e tratar a universidade com mais seriedade.

*Eu conservava uma lembrança muito
confusa da festa antes de me decidir a
resgatá-la aos pedaços da memória alheia.*

Gabriel Garcia Marquez

Crônica de uma morte anunciada

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo investigar a vida de Filinto de Almeida (1847-1945) na passagem do Império para a República, a partir do debate sobre a construção de trajetórias intelectuais no Brasil na virada do século XIX para o século XX. Com a reunião de indícios sobre sua biografia, rede de sociabilidade e produções escritas, fez-se uma apresentação do envolvimento do poeta e jornalista na constituição de projetos de nação e instituições, frequentemente divulgados na imprensa. Considerando uma perspectiva interdisciplinar dos fenômenos sociais, esta pesquisa aproximou as diferentes dimensões da vida deste letrado multifacetado, e devolveu uma análise da sua participação no projeto de criação da Academia Brasileira de Letras (ABL). Atentando-se para a construção da imagem de Filinto como “acadêmico consorte” e “poeta medíocre”, esta pesquisa tensionou a atribuição deste tipo de nomenclatura inconsistente. Como resultados, essa investigação apresenta uma narrativa sobre o sujeito que fez-se poeta e explorou o mundo ao lado de sua esposa e companheira de vida, a romancista Julia Lopes de Almeida.

Palavras-chave: Filinto de Almeida. Intelectual. Biografia.

ABSTRACT

This study aimed to investigate the life of Filinto de Almeida (1847-1945) during the transition from the Empire to the Republic, based on the debate on the construction of intellectual trajectories in Brazil at the turn of the 19th century to the 20th century. By gathering evidence about his biography, social network and written productions, I presented the involvement of the poet and journalist in the creation of national and institutional projects, frequently publicized in the press. Considering an interdisciplinary perspective of social phenomena, this research approached the different dimensions of the life of this multifaceted scholar, and developed an analysis of his participation in the project to create the Brazilian Academy of Letters (ABL). Paying attention to the construction of Filinto's image as an “academic consort” and “mediocre poet”, this research questioned the attribution of this type of inconsistent nomenclature. As a result, this investigation presents a narrative about the person who became a poet and explored the world alongside his wife and life partner, the novelist Julia Lopes de Almeida.

Keywords: Filinto de Almeida. Intellectual. Biography.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa do Rio de Janeiro, 1871, com os endereços de trabalho de Filinto destacados.....	23
Figura 2: Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens, Rua da Alfândega, 1885.....	24
Figura 3: Rua Direita, atual Rua Primeiro de Março; ao fundo o Morro do Castelo, 1880.	25
Figura 4: Fotografia de Filinto de Almeida.....	28
Figura 5: Anúncio de “Gran Galeoto”, O Mequetrefe, 20 jan. 1884.....	30
Figura 6: Anúncio de “Gran Galeoto”, A Folha Nova, 09 jun. 1884.....	31
Figura 7: Anúncio de “Gran Galeoto” e “Amostra de Sogra”, A Folha Nova, 11 jun. 1884.....	31
Figura 8: Anúncio de “Gran Galeoto” e “Amostra de Sogra”, Gazeta de Noticias, 9 jun. 1884.....	32
Figura 9: Anúncio de “Gran Galeoto” e “Amostra de Sogra”, Gazeta de Noticias, 13 jun. 1884.....	32
Figura 10: Cabeçalho de <i>A Semana</i> , edição de 17 de julho de 1885.....	33
Figura 11: Boletim da Alfândega do Rio de Janeiro: Distribuição Quinzenal na Alfândega e suas dependências (RJ) - Dia 24 de outubro de 1887.....	37
Figura 12: Fotografia de Julia Lopes de Almeida em frente a um anúncio de apresentação da filha Margarida.....	40

Figura 13: Informe sobre o princípio de incêndio na residência de Filinto de Almeida, Correio Paulistano, 21 jun, 1890.....	43
Figura 14: Nota sobre o falecimento de Adriano, Diario do Commercio, 21 jun, 1891.....	44
Figura 15: Nota sobre o falecimento de Valentina, Correio Paulistano, 11 jun, 1893.....	44
Figura 16: Certificado de nacionalidade brasileira de Filinto de Almeida, emitido pelo Consulado Geral do Brasil em Portugal, em 1924.....	46
Figura 17: Anúncio da Educadora em <i>A Noticia</i> , edição de 1 de janeiro de 1900....	51
Figura 18: Montagem com Fotografias da família Lopes de Almeida.....	53
Figura 19: Divulgação de <i>Contos e Cantigas</i> na <i>Revista da Semana</i> , edição de 16 de janeiro de 1915.....	54
Figura 20: Sala do casarão no Morro Santa Teresa, com quadro da família ao fundo.....	56
Figura 21: Divulgação da peça encenada nos jardins do casarão em Santa Theresa. Revista da Semana, edição de 12 de janeiro de 1918.....	58
Figura 22: Ilustração de Filinto de Almeida.....	65
Figura 23: Sobre o retrato de Filinto por A. Ferrigno, na Casa Verde. Correio Paulistano, edição de 13 de junho de 1895.....	66
Figura 24: Antonio Parreiras sobre o retrato de Filinto de Almeida, pintado pelo italiano Antonio Ferrigno, no <i>O Estado de S. Paulo</i> , edição de 12 de junho de 1895.....	67

Figura 25: Filinto compra os quadros “Aguas Mortas” e “Açude”. <i>Correio Paulistano</i> , edição de 29 de junho de 1893.....	69
Figura 26: fotografia de Filinto de Almeida e Silvestre de Lima.....	72
Figura 27: fotografia de Filinto de Almeida com Valentim Magalhães.....	73
Figura 28: Divulgação da viagem do Presidente Campos Salles ao Rio da Prata, na qual Filinto fez parte da comitiva. <i>Revista da Semana</i> , 21 de outubro de 1900.....	75
Figura 29: Filinto na recepção de Ataulpho de Paiva na ABL. <i>Revista da Semana</i> , edição de 01 de junho de 1918.....	77
Figura 30: Filinto lendo a saudação no Jantar de Confraternidade Luzo Brasileira. <i>Revista da Semana</i> , edição de 06 de julho de 1918.....	78
Figura 31: Lucio de Mendonça sobre a criação da ABL, no <i>O Estado de S. Paulo</i> , edição de 12 de novembro de 1896.....	81
Figura 32: Lista dos possíveis componentes da fundação da Academia Brasileira de Letras, por Lucio de Mendonça. <i>O Estado de S. Paulo</i> , edição de 12 de dezembro de 1896.....	83
Figura 33: Edição de <i>Lyrice</i> , 1887, com dedicatória para Julia Lopes assinada por Filinto de Almeida.....	86
Figura 34: Filinto acompanhando Julia em sua conferência no salão do <i>Jornal do Commercio</i> . <i>Revista da Semana</i> , edição de 23 de janeiro de 1915.....	89
Figura 35: Filinto e Julia Lopes de Almeida em Sevilha, na Espanha.....	93
Figura 36: Filinto e a filha Margarida nas ruas de Madrid, em 10 de novembro de 1929.....	94

Figura 37: Filinto e Julia Lopes de Almeida na Piazza San Marco, em Veneza, Itália.....	97
Figura 38: Filinto e Julia em visita a uma cidade italiana, provavelmente Nápoles...	98
Figura 39: Filinto com os netos. Ao fundo, um quadro de Julia.....	100
Figura 40: Recorte de jornal divulgando <i>A Casa Verde</i> , romance escrito em conjunto por Julia e Filinto em 1932.....	102
Figura 41: Soneto escrito por Filinto de Almeida após a morte de Julia.....	105
Figura 42: Filinto de Almeida visitando o casarão em Santa Teresa.....	107

LISTA DE SIGLAS

ABL – Academia Brasileira de Letras

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	UM BAÚ PERDIDO EM SANTA TERESA: CIRCULAÇÃO E PRODUÇÕES DE FILINTO DE ALMEIDA	20
3	ENCONTRO COM UMA DEUSA: PARTICIPAÇÃO DE FILINTO DE ALMEIDA NOS CIRCUITOS CULTURAIS	57
4	DORME EM PAZ, MEU AMOR: FILINTO E FAMÍLIA ALMEIDA EM IMAGENS.....	91
5	CRONOLOGIA DE FILINTO DE ALMEIDA.....	108
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117
	REFERÊNCIAS.....	118
	ANEXO A- Entrevista de Álvaro Salgado - Poetas do Brasil: Filinto de Almeida.....	123
	ANEXO B - Atestado de óbito de Filinto de Almeida.....	140

1 INTRODUÇÃO

Minha casa, no interior de Charrua, uma cidade com menos de três mil habitantes, era feita de madeira e possuía dois pisos. O inferior, por muito tempo, foi de chão batido, recebendo depois uma camada de cimento bruto. Era o local usado como arquivo da casa: tudo o que não estava mais em uso era depositado lá. O superior, onde ficavam três pequenos quartos, a cozinha, a sala e o banheiro, era onde a vida acontecia: o fogão a lenha era o ponto de encontro da família nos invernos com geadas fortes, e a sala era o local de reunião nos dias mais frescos. Ali, rodeada pelas árvores e pelos animais, vivia uma família do campo, organizada por um casal que não teve acesso aos estudos além da chamada “quinta série”, e que tirava seu sustento da agricultura familiar e de uma dezena de vacas de leite.

Apesar das poucas referências intelectuais, a dura realidade do trabalho árduo vivenciado pelos meus pais diariamente, fez com que eles acreditassem no poder dos estudos como agente de mudança social. Por isso, nunca mediram esforços para que eu e meu irmão mais velho, Teilor, tivéssemos acesso ao conhecimento. Foi naquela pequena casa de madeira que passei horas de minha vida sentada em um sofá próximo do fogão a lenha lendo todo tipo de livro que chegava até mim. As grandes fantasias sempre foram os favoritos, mas os olhos brilhavam toda vez que encontravam um bom conto da mitologia grega. Outras horas passei ao lado do meu irmão assistindo documentários na televisão aberta, uma vez que, além do gosto pela música, ele era muito curioso pelos acontecimentos dos grandes conflitos mundiais.

Estes dois pontos (gregos e guerras mundiais) foram o motivo clichê que me levaram à inscrição em um curso de Licenciatura em História no ano de 2017. Por sorte, ou pela implantação do programa de expansão das universidades federais no Brasil, um campus da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) havia sido construído na cidade de Erechim, no norte do Rio Grande do Sul, próximo da cidade onde vivia. Isso possibilitou que eu fosse a primeira mulher da família a frequentar o ensino superior. E público. O que era para ser 4 anos e meio de graduação se tornaram cinco, uma vez que meu processo de formação foi atravessado pela pandemia de coronavírus. Entre idas e vindas, mudança para a cidade da universidade, envolvimento em inúmeros projetos e representações discentes, os gregos e as guerras já não importavam mais.

Por conta de uma disciplina optativa de História da Imprensa no Brasil, em 2019, fui incentivada a conhecer a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Foi em uma tarde de temperatura amena, sentada na minha cama, com computador no colo, que encontrei o documento que iria mudar minha vida nos próximos anos. A revista *A America*, estava logo no início da lista de documentos disponíveis em ordem alfabética, justamente por seus dois “As” seguidos. A capa me cativou, o texto de apresentação me cativou, as palavras utilizadas para descrever o propósito daquele periódico me cativaram: “Publicação quinzenal, científica, litteraria, commercial, industrial e noticiosa”. Uma revista interdisciplinar, eu diria.

A partir dela, produzi um Trabalho de Conclusão de Curso que discutiu a percepção de aceleração do tempo através da mobilização dos conceitos de “progresso”, “civilização” e “república”, dentro de um projeto de nação republicano. Entretanto, faltou desenvolver melhor uma investigação sobre o responsável pela publicação dessa revista: Filinto de Almeida. Descobrir quem tinha sido este sujeito tornou-se um passo fundamental para qualquer pesquisa que eu quisesse desenvolver depois. As palavras de Angela de Castro Gomes, passaram a ecoar, quando afirma que “as ideias não circulam elas mesmas pelas ruas; elas estão sendo portadas por homens que fazem parte de grupos sociais organizados”¹.

Decidida a realizar uma pesquisa que tem como tema a construção de trajetórias intelectuais no Rio de Janeiro na virada do século XIX para o século XX, e como objetivo geral, investigar a vida de Filinto de Almeida (1847-1945) na passagem do Império para a República, encontrei espaço de acolhimento da Linha 3, Sujeito e Linguagem, do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da UFFS, para desenvolver minha investigação. Para analisar a articulação entre a produção literária, jornalística e política deste poeta e dramaturgo, fiz uso de jornais e revistas nas quais colaborou tanto no Brasil quanto no seu país de origem, Portugal, bem como dos livros de poesia e romance que publicou sozinho ou em parceria com sua esposa, a romancista Júlia Lopes de Almeida. Além disso, o material iconográfico disponível no Arquivo Múcio Leão, da Academia Brasileira de Letras (ABL), configuraram documentos importantes nesta pesquisa.

Este variado conjunto de documentos exigiu uma investigação que extrapola as fronteiras disciplinares e que se conjuga na intersecção dos estudos literários, que

¹GOMES, Angela de Castro. Essa gente do Rio... Intelectuais cariocas e o modernismo. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro. vol.6, n. 11, 1993, p. 62-77. p. 63.

passam pela biografia e a linguagem, e dos estudos culturais, que envolvem elementos sociológicos, políticos e intelectuais. Esta pesquisa, portanto, foi realizada na intersecção interdisciplinar da História, localizada no Colégio de Humanidades / Ciências Humanas de acordo com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), e da Linguística e Literatura, localizada no Colégio de Humanidades/ Linguística, Letras e Artes.

A partir dessa mobilização, pretendi responder ao seguinte problema: de que maneira as produções literárias e jornalísticas articularam-se na trajetória intelectual de Filinto de Almeida? De maneira específica, este trabalho perseguiu os objetivos de a) analisar a circulação e as produções intelectuais de Filinto de Almeida ao longo de sua vida; b) identificar e compreender participação de Filinto de Almeida nos circuitos culturais, bem como suas relações com outros escritores e pensadores do período, inclusive com Julia Lopes; e c) compreender a dinâmica de Filinto de Almeida e sua família por meio de fotografias.

O desejo pela realização desta pesquisa justifica-se em três âmbitos. O primeiro, pessoal, considera a vontade de persistir na carreira acadêmica e dar continuidade no projeto iniciado na graduação, agora de modo a agregar mais áreas do conhecimento e enriquecer as possibilidades de reflexão. Uma vez que cresci no campo, ocupar o espaço da Pós-Graduação brasileira pesquisando intelectuais no Rio de Janeiro no século XIX tornou-se a maneira mais digna de afirmar que o acesso ao ensino de qualidade deve ser pauta permanente nas discussões sobre políticas públicas e redução da desigualdade social.

O segundo, acadêmico, acompanha as elaborações de François Dosse², que atenta para o zelo do biógrafo para preservar a finitude do outro e arrancá-lo do esquecimento, no que tento reconstruir a trajetória desse intelectual que foi fundador da cadeira número 3 da Academia Brasileira de Letras (ABL), mantinha uma presença constante na imprensa e estava próximo dos debates sobre os projetos políticos de Brasil, mas que não se faz presente nos resultados de pesquisas acadêmicas relacionadas a sua figura. As menções a Filinto de Almeida era reduzidas geralmente às notas de rodapé dos trabalhos relacionados à Júlia Lopes de Almeida, como por exemplo os elaborados por Michele Asmar Fanini e Deivid Aparecido Costruba, ou até mesmo à definição de “marido

² DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: escrever uma vida*. 2. ed. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2022.

da Júlia Lopes de Almeida”, como no artigo de Clóvis Carvalho Brito e no texto de Gabrielle Carla Mondêgo Pacheco Pinto³.

O terceiro, social, envolve as condições da constituição da elite letrada brasileira. Apesar da expressiva importância de Júlia Lopes de Almeida e da defesa de Filinto de Almeida para que sua esposa fosse também uma das fundadoras da ABL, o casal foi voto vencido e a instituição fundou-se aos moldes da francesa, apenas com membros homens. Nesta pesquisa, tensiono a narrativa acadêmica que indica Filinto como o responsável por se apropriar da vaga de Julia, e aponto para os perigos da redução do debate nestes termos. Além disso, Filinto foi muito envolvido politicamente não só nos periódicos que colaborou, como na elaboração de projetos e decretos da Assembleia Legislativa de São Paulo, onde ocupou o cargo de deputado entre os anos 1892 e 1897.

Ao longo deste trabalho, investiguei as relações sociais e intelectuais nutridas por Filinto de Almeida e tentei desvendar o desafio contido na indagação de Deivid Aparecido Costruba em seu trabalho sobre a companheira de vida do letrado, a romancista Julia Lopes de Almeida: “Filinto seria intelectual que viveu à sombra de Julia Lopes ou era um literato digno de destaque em tal campo?”⁴. Para tal, parti da coleta de toda uma produção que foi deixada à margem, recuperada a partir da análise de documentos disponíveis em arquivos digitais e físicos. No caso de periódicos, as edições publicadas encontram-se em grande número digitalizadas e disponíveis pela Biblioteca Nacional Digital (BNDigital) da Fundação Biblioteca Nacional. Já os arquivos referentes ao jornal *A Província de São Paulo* e, após a mudança do nome, *O Estado de São Paulo*, encontram-se em acervo digital organizado e mantido pelo próprio jornal.

Realizei também uma investigação nos arquivos pessoais de Filinto de Almeida disponíveis no Arquivo Mucio Leão da Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro - RJ. Como descrito no trabalho da arquivologista Eliza Salgado de Aguiar Machado, que

³ FANINI, Michele Asmar. Júlia Lopes de Almeida em cena: notas sobre seu arquivo pessoal e seu teatro inédito. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 71, p. 95-114, dezembro de 2018. FANINI, Michele Asmar. Júlia Lopes de Almeida em “retrato e prosa”: a propósito dos diálogos entre as imagens da escritora e sua produção literária. *Cadernos Pagu*, n. 41, julho/dezembro de 2013.p. 159-199. COSTRUBA, Deivid Aparecido. Para além do sufragismo: a contribuição de Júlia Lopes de Almeida à história do feminismo no Brasil (1892-1934). 2018. 200 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2018. BRITO, Clóvis Carvalho. Sob os véus de Thalia e Melpômene: Júlia Lopes de Almeida em cena. *Cadernos Pagu*, n. 52, 2018. PINTO, Gabrielle Carla Mondêgo Pacheco. Sobre fontes e arquivos: o repertório para investigar Júlia Lopes de Almeida. *Revista Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades*. Teresina (PI), v. 4, n. 1, 2022. p. 01-11.

⁴ COSTRUBA, Deivid Aparecido. Por dentro da biografia: trajetória intelectual e “Campo Literário” em Júlia Lopes de Almeida. *Oficina do Historiador*, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 10, n. 2, jul./dez. 2017. p. 103.

fornece um tipo de mapa do conteúdo dos documentos existentes, encontram-se reunidos os arquivos doados pela família de Filinto e de Júlia nos anos de 2008 e 2010⁵. O acervo é composto por três tipos de gêneros documentais: textual, iconográfico e audiovisual. Nota-se ainda que, apesar da ABL manter apenas a documentação dos imortais das letras, dentro do fundo de Filinto de Almeida encontram-se séries organizadas para Júlia Lopes de Almeida e para Margarida Lopes de Almeida, uma das filhas do casal, devido às suas contribuições reconhecidas para a literatura brasileira. O contato direto com estes documentos auxiliou na tentativa de compreender a circulação e a projeção de Filinto e suas produções.

O investimento de um trabalho em arquivo, “[...]deslocando as certezas, enfrentando os silêncios e ruídos do arquivo na tentativa de criar algo novo, pouco interessado em estabelecer fronteiras.”, como descreve o professor Ricardo Machado⁶, compõe o esforço em pensar a respeito dos intelectuais à margem. Esse mesmo esforço é definido por Arfuch como um desafio:

Assumir hoje o desafio de trabalhar com relatos de vida pressupõe essa herança: a linguagem não mais como matéria inerte, na qual o pesquisador buscaria aqueles “conteúdos” afins à sua hipótese ou ao seu próprio interesse, para sublinhar, colocar entre aspas, citar, glosar, quantificar, colocar em grades, mas, pelo contrário, como um acontecimento de palavra que convoca uma complexidade dialógica e existencial⁷.

O desafio de investigar uma trajetória intelectual, neste caso, passou por uma perspectiva mais integradora dos fenômenos sociais e culturais e que por isso demandou um leque disciplinar de intersecções múltiplas, envolvido no que Arfuch chamou de “métodos biográficos”. François Dosse⁸, em um sentido parecido, afirmou que o argumento arquivístico, ou seja, a descoberta de novos arquivos a respeito de uma figura intelectual, é um dos *topoi* utilizados por biógrafos para justificar suas pesquisas. As fontes documentais, analisadas e costuradas a partir do olhar investigativo do

⁵ Machado, Eliza Salgado de Aguiar. Arquivos Pessoais: Implicações teóricas e a organização do Arquivo Filinto de Almeida. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia)- Instituto de Arte e Comunicação Social – Universidade Federal Fluminense. Niterói: UFF, 2017.

⁶ MACHADO, Ricardo. Por uma História Intelectual à margem. *Gavagai*, Erechim, v. 8, n. 2, p. 107-114, jul./dez. 2021. pp. 111-112.

⁷ ARFUCH, Leonor. *O Espaço Biográfico: Dilemas da Subjetividade Contemporânea*. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2010. p. 258.

⁸ DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: escrever uma vida*. 2. ed. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2022.

pesquisador, criam as condições para uma retomada da questão do sujeito do saber na esfera do conhecimento.

No processo de desenvolvimento da pesquisa, não consegui fugir da perspectiva de Dosse. Após a visita ao arquivo Múcio Leão voltei minha investigação para as imagens. O encontro de um acervo iconográfico com fotografias de Filinto com a esposa, os filhos e amigos, em viagens e passeios, descontraído e divertido, me emocionaram. Até então, as imagens disponíveis apresentavam apenas o intelectual em poses e quadros sérios e planejados. Era uma representação oficial. A descoberta destes documentos mudaram o rumo do meu texto, que passou a ter a intenção de promover uma experiência também visual aos leitores. Ao encontrar novos documentos, encontrei ao mesmo tempo um novo Filinto, que tentei apresentar nos capítulos a seguir.

Para dar conta da investigação e escrita sobre a vida de um sujeito multifacetado, esta pesquisa se ampara em um uso da biografia descrito por Giovanni Levi (1996) como “biografia e contexto”, o qual compreende que “uma vida não pode ser compreendida unicamente através de seus desvios ou singularidades, mas, ao contrário, mostrando-se que cada desvio aparente em relação às normas ocorre em um contexto histórico que o justifica”⁹. Nesse sentido, compreendo que a época e o meio no qual Filinto estava inserido foram fatores que influenciaram suas escolhas ao longo de sua trajetória.

Sendo assim, organizei esta dissertação em três capítulos, que contam com o amparo de uma “linha do tempo” sobre a vida de Filinto, na qual resumi seus dados biográficos, publicações e deslocamentos. No primeiro capítulo, aproximando-se dos estudos biográficos, reuni e apresentei de maneira horizontal algumas informações a respeito da trajetória desse intelectual, que até então estavam espalhadas e pouco exploradas. No segundo, em um texto vertical, me aprofundei em alguns documentos que indicavam trocas e trabalhos em conjunto com outros nomes do período, na tentativa de me aproximar das redes de sociabilidades frequentadas por Filinto de Almeida. No terceiro, focado nas imagens, analisei a relação do poeta com a família, especialmente com a companheira Julia Lopes de Almeida.

Escolhi redigir os textos de maneira mais leve, situando referências e informações adicionais nas notas de rodapé. Fruto de uma pesquisa que buscou seus resultados

⁹ Levi, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da História Oral*, Rio de Janeiro, FGV, 1996. p. 167-182. p. 176.

durante o processo, meus capítulos carregam as marcas dos momentos em que os escrevi. O desafio de incluir novos documentos e novas perspectivas descobertas ao longo da produção da dissertação gerou uma diferença de estilo em alguns trechos. No processo de revisão, fiz ajustes nesse sentido, mas em muitos momentos mantive o estilo de escrita por entender que, enquanto pesquisadora da formação intelectual de um sujeito, eu iniciei o processo de construção de mim mesma enquanto escritora concomitantemente.

2. UM BAÚ PERDIDO EM SANTA TERESA: CIRCULAÇÃO E PRODUÇÕES DE FILINTO DE ALMEIDA

Na Rua do Curvelo, em Santa Teresa, no Rio de Janeiro, então capital do país, um lote pertencente ao Dr. Joaquim Murinho foi adquirido pela família Lopes de Almeida. Ali, um casarão seria erguido e um baú enterrado junto com as fundações. Eram os anos 1900, e daquele ponto do morro via-se o cenário do Rio com o seu estrondo de sons e de cores, o tumulto das ruas estreitas, os montes desalinhados de casas, o perfume dos jardins e a enorme extensão da baía ao fundo. Toda a cidade, o formigamento dos seus bairros, trechos da Gamboa, ruas centrais, torres de igrejas, a cúpula da Candelária, tetos envidraçados, altas chaminés de fábricas, palácios, casas miseráveis, pedaços de mar obstruídos de mastros, parece cantar o ofertório da vida. Ah! A humanidade da grande colmeia! Quantos soluços, quantas alegrias, quanta diversidade! A chuva passou e o mormaço foi pouco a pouco dissipando as nuvens baixas e o panorama aumentou, assombrou com leves tons de azul e ouro. É um panorama épico de porto de mar latino.¹⁰

Lá embaixo, a cidade se agitava nos salões, nos cafés, nas casas editoriais. Diferentes espaços foram arrebatados pelo advento da modernidade.¹¹ Faltavam apenas cinco anos para Albert Einstein propor a teoria da relatividade. O progresso técnico invadiu as casas, transformou os ritos, os costumes e os horários da rotina doméstica.¹² As tendências da moda francesa, vigentes na capital, ocupavam as vitrines. Da França também veio a inspiração para a criação da Academia Brasileira de Letras, que, alguns anos antes, concentrou na mesma instituição os intelectuais que faziam circular as ideias do período. Apesar dos dois séculos que separavam temporalmente a fundação de uma e de outra, o exemplo foi seguido tão à risca que, das mesmas 40 cadeiras definidas para compor o grupo, também nenhuma pertencia a mulheres.¹³

¹⁰ FAEDRICH, Anna; FANINI, Michele Asmar. Entrevista com os netos de Júlia Lopes de Almeida: Claudio e Fernanda Lopes de Almeida. *Aletria*, Belo Horizonte, v. 30, n. 4, 2020, p. 315-328. RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/Dep. Nacional do Livro, 1994[1905].

¹¹ GOMES, Angela de Castro. *Essa gente do Rio... Intelectuais cariocas e o modernismo*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro. vol.6, n. 11, 1993, p. 62-77.

¹² NEVES, Margarida de Souza. *Os cenários da república. O Brasil na virada do século XIX para o século XX*. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Jorge Luís (Orgs). *Brasil republicano: Estado, sociedade civil e cultura política. O tempo do liberalismo excludente. Da Proclamação da República à Revolução de 1930*. 1.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, v. 4. p.14 a 44.

¹³ SALIBA, Elias Thomé. *Cultura/As apostas na República*. In: *A abertura para o mundo: 1889-1930*. v. 3. Coord: Lilia Moritz Schwarcz. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. pp. 239-294.

Na ocasião, o debate sobre quem deveria e quem não deveria fazer parte da academia implicou diretamente na família que tempo depois comprou o lote no morro Santa Teresa. O casal Francisco Filinto de Almeida e Julia Lopes de Almeida, casados desde o dia 28 de novembro de 1887, em um cerimônia realizada na Igreja de São Domingos, em Lisboa, Portugal, compartilharam 47 anos de união, colaboração, admiração e inspiração intelectual. Dez anos depois do casamento, estavam envolvidos nas discussões a respeito da participação de Julia como uma das fundadoras da ABL. Apoiando a presença da esposa, Filinto teve voto vencido. Ele foi fundador da cadeira número 3. Ela, de nenhuma.

Ele foi jornalista, poeta e dramaturgo. Nascido no Porto, Portugal, no dia 4 de dezembro de 1857, era filho de Margarida Monteiro de Almeida e Francisco de Almeida. Se tornou órfão quando pequeno, mas pertencia a uma família grande e que tinha recursos¹⁴. Criou-se e alfabetizou-se no Porto até completar seus 10 anos, onde foi aluno do Colégio da Lapa. Muitos membros da família Almeida moravam no Brasil, e no ano de 1867 Filinto veio para o solo brasileiro no dia seguinte ao seu aniversário, em 5 de dezembro. Dois tios seus, irmãos de sua mãe, eram Comandantes da Marinha Mercante e faziam, entre outras, a rota Portugal e Brasil. No dia 15 de janeiro de 1868, Filinto desembarcou no Rio Grande do Sul. No mês de abril, foi levado para o Rio de Janeiro, na casa de um primo mais velho. Com essa família abastada, recebeu mais alguma escolarização nos cerca de 2 anos em que lá viveu.¹⁵

Aos 12 anos, devido a desentendimentos com os familiares, saiu de casa e passou por momentos difíceis, chegando a dormir na rua. Logo arranhou um emprego no comércio, em que dormia no próprio estabelecimento. Entre demissões e contratações, sua curiosidade e pensamento inquieto o motivaram. Em 1869, com 12 anos, trabalhou na Loja de calçados Amorim e Rocha, cujo endereço era na Rua S. Pedro 43. No ano seguinte, trabalhou na Papelaria e Livraria Oliveira Gonçalves & Correia, na Rua da Quitanda 86. Em 1872, com 15 anos, trabalhou na Loja de ferragens e armarinho Miranda Taveira & Cia, situada na Rua das Violas, na esquina de Candelária. Aos 16 anos, já um jovem rapaz, foi trabalhar na Papelaria e Livraria Gayoso e Cia, endereçada na Rua da Alfândega, 18. Como adorava ler, sentiu-se no paraíso¹⁶. Quando não havia

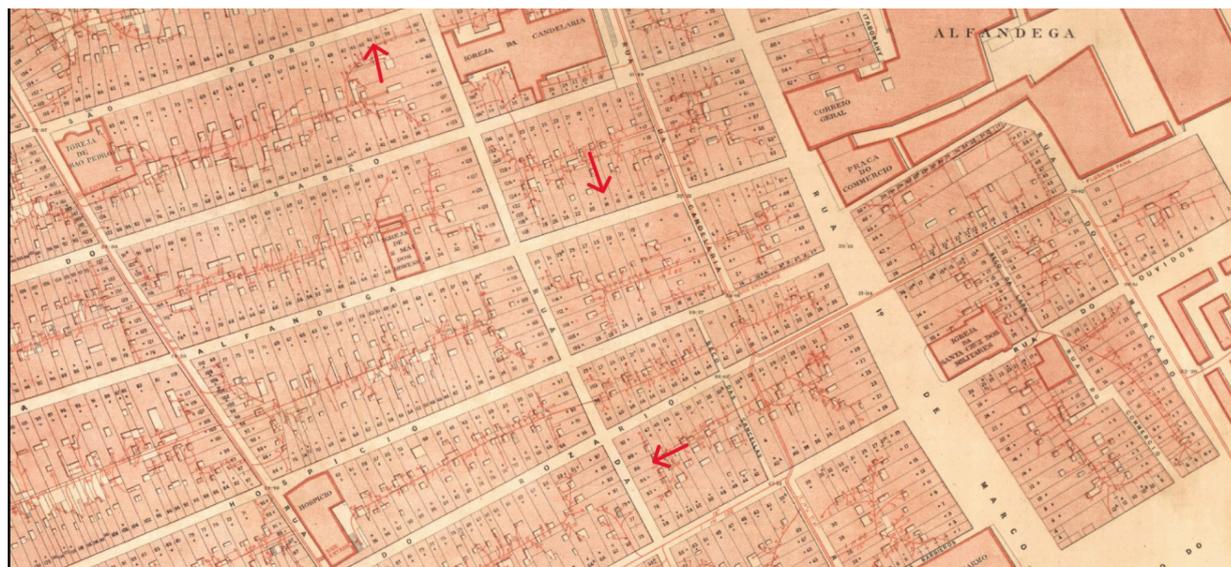
¹⁴ Não encontrei o motivo da morte dos pais.

¹⁵ Álvaro Salgado, que reuniu algumas informações sobre o poeta, não especifica qual a cidade do Brasil que Filinto primeiro colocou os pés. Entrevista de Álvaro Salgado - Poetas do Brasil: Filinto de Almeida (Anexo A).

¹⁶ Notas biográficas de Claudio Lopes de Almeida.

compradores, lia, disfarçando sob o balcão. (Já acadêmico, o seu antigo patrão foi assistir a uma palestra sua na Academia, identificou-se e disse que sempre percebera suas leituras sob o balcão, que achava graça e apreciava aquilo). Filinto estudava até altas horas com prazer e admirável tenacidade.

Figura 1: Mapa do Rio de Janeiro, 1871, com os endereços de trabalho de Filinto destacados.



Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Nacional. Mapa completo:

https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart326448/cart326448.html

A rua faz o indivíduo.¹⁷ Enquanto Filinto descobria novos mundos através dos livros, as ruas que percorria todos os dias o permitiram descobrir novas camadas de um mundo já conhecido. A cada vez que passava pela igreja da Candelária para chegar na Rua São Pedro, os personagens que compunham o cenário eram outros. A cada vez que passava pela Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens, na mesma estreita Rua da Alfândega onde trabalhava na papelaria, os personagens de cada cena eram outros. Ao percorrer a extensa Rua das Quitanda, sentia o cheiro de mar de um lado, avistava o Morro do Castello de outro, e contemplava o agito da cidade ao seu redor. Nesse agito, ouviu e compartilhou histórias. Viu os bondes passarem nas ruas mais amplas e os charretes se amontoarem nas ruas menores. Observou os habitantes da capital em suas pequenas varandas que se projetavam sobre a calçada, e os trabalhadores dos

¹⁷ “Sim, a rua faz o indivíduo, nós bem o sentimos”. Trecho da crônica *A rua*, de João do Rio, 1908. Ver: RIO, João do. *A Alma Encantadora das Ruas: crônicas*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995. CASTRO, Ruy. *As vozes da metrópole: Uma antologia do Rio dos anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

suntuosos prédios com altas portas em formato de arco chegarem e saírem de seus postos.

Figura 2: Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens, Rua da Alfândega, 1885.



Fonte: Instituto Moreira Salles.

Figura 3: Rua Direita, atual Rua Primeiro de Março; ao fundo o Morro do Castelo, 1880.



Fonte: Instituto Moreira Salles

Nesse vai e vem de gente e de palavras, foi descobrindo o mistério daquelas ruas. Os seus segredos. As ideias que circulavam por ali. Ao dobrar cada esquina, esbarrava com o inesperado. “As ruas são tão humanas, vivem tanto e formam de tal maneira os seus habitantes, que há até ruas em conflito com outras”, escreveu João do Rio em suas crônicas, (mais ou menos pela época em que entrevistou Filinto, já consagrado poeta e com a família formada).¹⁸ Nos conflitos que presenciou, Filinto foi se aproximando de alguns sujeitos, se identificando com algumas causas, estabelecendo conexões e buscando espaços onde pudesse compartilhar o que sentia e observava, uma vez que transformava tudo em escritos ou versos. Também nesse caso João do Rio parecia estar certo:

“Mas, a quem não fará sonhar a rua? A sua influência é fatal na palheta dos pintores, na alma dos poetas, no cérebro das multidões. Quem criou o reclamo? A rua! Quem inventou a caricatura! A rua! Onde a expansão de todos os sentimentos da cidade? Na rua!”¹⁹

¹⁸ Crônica *A rua*. Ver: RIO, João do. *A Alma Encantadora das Ruas: crônicas*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995. p. 13.

¹⁹ idem, p. 18.

Filinto negou sua vida de comerciante e fez-se *intelectual*. O conceito que surge atrelado aos ideais republicanos franceses, a partir da segunda metade do século XIX, concentrou em um mesmo sujeito o seu desejo pela busca e produção do saber nas diferentes áreas do conhecimento. Além da produção de ideias, o intelectual estava envolvido em divulgá-las, se vinculando direta ou indiretamente à intervenções político-sociais.²⁰ Nesse contexto, o capital de relações sociais era relevante. No Brasil, de acordo com o levantamento de Sergio Miceli (2001), é no período entre 1870 e 1922 que se desenvolvem as condições favoráveis à profissionalização do trabalho intelectual e à construção de um campo relativamente autônomo.²¹ Das categorias que criou para compreender as condições sócio-históricas dos intelectuais brasileiros, Miceli identificou que os letrados geralmente vinham de famílias oligárquicas em declínio, eram “parentes pobres”, ou sofriam por perdas (morte do pai, falência material, etc.), e estigmas (surdez, gagueira, etc.).

Nos casos que analisou, atribuiu a escolha pela carreira intelectual como uma alternativa inferior em relação às posições dominantes, como cargos políticos e militares, e que chamou de “abandono progressivo do modelo masculino”²². Tabela condições específicas para justificar decisões sobre o rumo de uma vida não é o melhor caminho no caso de Filinto de Almeida. Sozinho e sem recursos em outro país, ele não tinha contatos importantes que pudessem lhe ajudar, e nem grandes referências que pudesse seguir. Se ficasse limitado à condição dos primeiros anos de sua vida, talvez ele não tivesse se tornado objeto desta pesquisa. Neste caso, a carreira intelectual não foi o resultado do definhamento de uma família de posses, foi o início de uma família de artistas. E essa mudança de rumo só foi possível através da educação. Foi através do contato com os livros enquanto trabalhava no comércio que Filinto forjou-se leitor e escritor. Ele pode viver uma outra vida.

Seus trabalhos começaram a ser reconhecidos e divulgados gradativamente pela imprensa. Em 1876, escreveu o entreato cômico *Um idioma*, que foi representado no

²⁰ Definição elaborada a partir de: DA SILVA, Helenice Rodrigues. *Fragmentos da História Intelectual: entre questionamentos e perspectivas*. Campinas, SP: Papyrus, 2002. GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patricia Santos (Orgs). *Intelectuais Mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. DA SILVA, Helenice Rodrigues. A História Intelectual em Questão. In: *Grandes nomes da História Intelectual*. LOPES, Marcos Antônio (Org.). São Paulo: Contexto, 2003. p. 15-24. LOPES, Marco Antônio. Pena e espada: sobre o nascimento dos intelectuais. In: *Grandes nomes da História Intelectual*. LOPES, Marcos Antônio (Org.). São Paulo: Contexto, 2003. p. 39-48.

²¹ MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001

²² Idem, p. 32.

Teatro Vaudeville. De 1878 a 1879, colaborou na revista ilustrada, satírica e humorística *O Besouro*, na qual teve sonetos publicados. Entre os anos de 1879 e 1880, criou e administrou a revista *A America*, publicação de caráter republicano, que teve duração de nove edições. Também em 1880, foi redator, junto com Coelho Neto²³, do *Diário Ilustrado*, e convidado por Lopes Trovão²⁴, colaborou com o jornal republicano *O Combate*. Aprendeu sozinho, já depois de adulto, a língua francesa, necessária para compreender o que escreviam Zola, Flaubert e Maupassant, autores com os quais se ocupou enquanto tentava superar o vazio deixado pela perda de uma noiva, que tragicamente foi levada pelas Parcas.²⁵ O “Poema da Morta” é fruto desse período encoberto pela tragédia.

Entre os anos de 1881 e 1883, Filinto participou da publicação de diversos periódicos. Colaborou em *A Comédia*, de São Paulo; no periódico *A Folha Nova*, jornal diário, noticioso, literário e agrícola; no jornal *A Estação* e escreveu para a folha *Gazetinha*, de tiragem diária, exceto aos domingos, que divulgava notícias ligadas ao teatro, anedotas, notícias da vida mundana, folhetins e notícias da cidade.²⁶ Enquanto participava desta última, você poderia ver Filinto caminhando pelas ruas do Rio de Janeiro com um pesado passo britânico, alto, com um tórax e uma musculatura de gladiador. Sempre com a fisionomia expressiva e alegre, o jovem de 23 anos transparecia postura de atleta, comandado pelo cérebro de um gigante.

Quem teve essa visão privilegiada, como Silvestre de Lima, poderia afirmar também que a condição física e a virilidade intelectual de Filinto representavam naquele momento o tipo exato de uma organização verdadeiramente robusta, com os pulmões cheios de ar puro e o espírito orientado pela força de uma “aspiração rudemente moderna”.²⁷ Aspiração que era compartilhada por Silvestre, um mineiro que foi levado ao Rio de Janeiro para estudar medicina em 1877, mas que acabou se dedicando mais à

²³ Henrique Maximiano Coelho Neto, romancista, crítico e teatrólogo, nasceu em Caxias, Maranhão, em 21 de fevereiro de 1864, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 28 de novembro de 1934. Foi fundador da cadeira número 2 da ABL. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL). Disponível em <<https://www.academia.org.br/academicos/coelho-neto/biografia>>. Acessado em 05 de jun. 2025.

²⁴ José Lopes da Silva Trovão era médico e jornalista, foi Deputado Federal, abolicionista e líder republicano. Sobre a sua participação no movimento abolicionista, ver: ABREU, Martha; DANTAS, Carolina Vianna. É chegada “a ocasião da negrada bumar” comemorações da Abolição, música e política na Primeira República *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 27, nº 45. p.97-120, jan/jun 2011.

²⁵ O nome desta noiva não consta nos documentos analisados. Notas biográficas de Claudio Lopes de Almeida. Entrevista de Álvaro Salgado - Poetas do Brasil: Filinto de Almeida. RIO, João do. O momento literário. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/Dep. Nacional do Livro, 1994[1905].

²⁶ Em relação aos periódicos *A Comédia* e *A Estação*, a informação consta na biografia de Filinto no site da ABL, contudo não foram encontradas comprovações na Hemeroteca Digital.

²⁷ Essa descrição de Filinto foi elaborada por Silvestre de Lima na matéria “Typos e Typoes”, na edição de 22 de janeiro de 1882 da *Gazetinha*. *Gazetinha*, 22 jan. 1882.

poesia e ao jornalismo. Com suas pautas abolicionistas e republicanas, colaborou em periódicos como *Gazeta de Notícias*, *O Mequetrefe*, *O Combate* e *A America*, de Filinto. Amigo de Júlio de Mesquita, seu mentor político, mudou-se para a cidade de Barretos - SP, onde fundou o primeiro jornal, chamado *O Sertanejo*, presidiu o Partido Republicano, e foi um dos responsáveis pela modernização da cidade no período. Ao longo de sua carreira política, foi vereador, presidente da Câmara Municipal, Prefeito Municipal, Deputado Estadual, Curador Geral de Órfãos, Promotor Público Interino e Coronel da Guarda Nacional.²⁸ Na sua trajetória pessoal, foi mais um dos contatos de Filinto no estado de São Paulo.

Figura 4: Fotografia de Filinto de Almeida



Fonte: Arquivo Filinto de Almeida/ABL²⁹

²⁸ Sobre Silvestre de Lima, ver: PERINELLI NETO, Humberto. Nos quintais do Brasil : homens, pecuária, complexo cafeeiro e modernidade – Barretos (1854-1931). Tese – Doutorado – História – Faculdade de História, Direito e Serviço Social – UNESP–Franca : UNESP, 2009.

²⁹Fotografia de Filinto. Arquivo Filinto de Almeida/ABL. Machado, Eliza Salgado de Aguiar. Arquivos Pessoais: Implicações teóricas e a organização do Arquivo Filinto de Almeida. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia)- Instituto de Arte e Comunicação Social – Universidade Federal Fluminense. Niterói: UFF, 2017.

Transportado quando criança de Portugal para o ponto mais agitado do movimento brasileiro, a natureza peninsular de Filinto adquiriu, sob o sol dos trópicos, o que lhe era exigido em vigor para completar a constituição moral de um verdadeiro poeta. Com essa combinação, ele imprimia a todas as suas produções o vigor de um organismo sadio, da mesma maneira que na vida prática, na luta com as dificuldades materiais. Sobre as dificuldades, Silvestre de Lima disse também que “O contacto inclemente com os obstáculos da vida transmittiu-lhe a rijeza do sentimento e a fecunda humanização do ideal artístico, condições necessárias e indispensáveis para a inteira afirmação de um escriptor incontestavelmente do nosso tempo”.³⁰

Quem estivesse mais atento, ao ver Filinto pelas ruas, poderia ver não somente seu porte físico mas também sua alma. Ampla, franca, sonora, rasgada em todos os sentidos e em todas as direções pelas arestas penetrantes das aspirações do seu meio, era dotada de excepcional capacidade de conter as feições mais delicadas e mais íntimas, os sentimentos mais largos e mais arrojados, ao lado da maior altivez de caráter e da maior dignidade concebível na relatividade fatal da sociedade humana. Os elogios com notas de admiração sinceras por parte de Silvestre de Lima encerravam com um resumo: “Em synthese: Filinto de Almeida, moralmente e fisicamente considerado - é um forte”.³¹ Além das participações pela imprensa, com 25 anos ele também era visto trabalhando na Fotografia Alemã Henschell & Cia, na tentativa de se afastar cada vez mais do cenário de escassez material até então tão presente em sua vida.³²

A partir de 1883, os caminhos percorridos por Filinto poderiam ser observados não apenas ao encontrá-lo pelas ruas, como também através da imprensa, que passou a documentar suas atividades com mais detalhes. Uma vez que muitos colaboradores contribuíram para a publicação de mais de uma folha ao mesmo tempo, foi possível acompanhar o trânsito de informações sobre a vida dos intelectuais na Côrte. No final daquele ano, no dia 9 de dezembro, Valentim Magalhães (jornalista, contista, romancista e poeta, que veio a ser parceiro na fundação da ABL), escreveu para a *Gazeta de notícias*, informando que, no dia 7 daquele mês, recebeu Filinto em sua residência, e que juntos trabalhavam na tradução de *El Gran Galeoto*, de José Echegaray y Eizaguirre. A informação foi publicada no dia 10. No mesmo dia, o jornal *O Mequetrefe* também

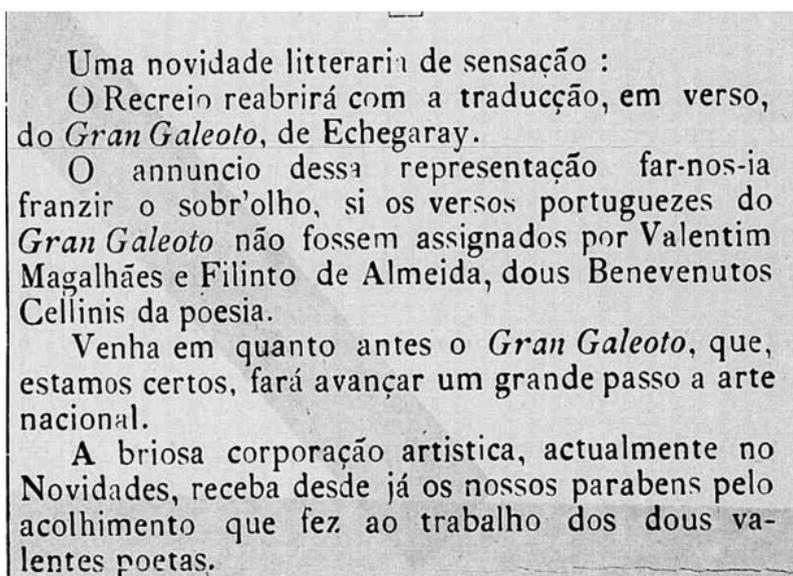
³⁰ “Typos e Typoes”, de Silvestre de Lima. Gazetinha, 22 jan. 1882.

³¹ Idem.

³² Notas biográficas de Claudio Lopes de Almeida.

anunciou que Filinto e Valentim Magalhães estavam traduzindo esse drama em verso. No dia 20 de janeiro de 1884, *O Mequetrefe* divulgou que o teatro Recreio Dramatico iria reabrir com a apresentação de *El Gran-Galeoto*, traduzida enfim por Filinto e Valentim Magalhães. *A Folha Nova* também anunciou a peça nos dias 9 e 11 de junho (neste último com anúncio de outra obra com tradução de Filinto).

Figura 5: Anúncio de “Gran Galeoto”, *O Mequetrefe*, 20 jan. 1884.



Uma novidade litteraria de sensação :
O Recreio reabrirá com a traducção, em verso,
do *Gran Galeoto*, de Echegaray.
O annuncio dessa representação far-nos-ia
franzir o sobr'olho, si os versos portuguezes do
Gran Galeoto não fossem assignados por Valentim
Magalhães e Filinto de Almeida, dous Benevenutos
Cellinis da poesia.
Venha em quanto antes o *Gran Galeoto*, que,
estamos certos, fará avançar um grande passo a arte
nacional.
A briosa corporação artistica, actualmente no
Novidades, receba desde já os nossos parabens pelo
acolhimento que fez ao trabalho dos dous va-
lentes poetas.

Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Nacional.

Figura 6: Anúncio de “Gran Galeoto”, A Folha Nova, 09 jun. 1884.

THEATRO RECREIO DRAMATICO
 COMPANHIA DRAMATICA
HOJE
 SEGUNDA-FEIRA 9 DE JUNHO
GRANDE SUCESSO
 4.^a REPRESENTAÇÃO
 do celebre drama em 1 prologo e 3
 actos, de D. José Echegaray,
 traducção em versos do Dr. Valentim
 Magalhães e Filinto de Almeida

O GRAN GALEOTO

Tomam parte os artistas Dias
 Braga, Eugenio de Magalhães, Mag-
 gioli, Mesquita, Affonso,
 Bragança, Cunha e as actrizes Leo-
 linda e Helena Cavalier.

Quarta-feira, 11 — Grande suc-
 cesso da epoca — 5.^a repre-
 sentação do

Gran Galeoto

As encommendas entregam-se
 desde já na bilheteria do theatro.

Aviso.— A companhia d'este theatro
 trabalha amanhã no Polytheama, em
 beneficio da Sociedade Luis de Ca-
 mões.

Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Nacional.

Figura 7: Anúncio de “Gran Galeoto” e “Amostra de Sogra”, A Folha Nova, 11 jun. 1884.

THEATRO RECREIO DRAMATICO
 COMPANHIA DRAMATICA
HOJE
 QUARTA-FEIRA 11 DE JUNHO
 EXTRAORDINARIO SUCESSO DA EPOCA
 5.^a REPRESENTAÇÃO
 do celebre festejadissimo drama de
 D. José Echegaray, em 1 pro-
 logo em prosa e 3 actos, traduzidos
 em versos portuguezes pelos
 Ilmos. Srs. Dr. Valentim
 Magalhães e Filinto de Almeida

O GRAN GALEOTO

Tomam parte os artistas Dias
 Braga, Eugenio de Magalhães, Mag-
 gioli, Mesquita e as
 actrizes Leolinda, Helena Cavalier
 e outros

Mobilias e scenario do
1.^o e 3.^o actos novos
 A's 8 1/2

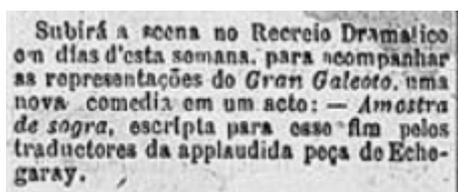
AVISO. — Recebem-se encom-
 mendas para a recita seguinte:
 Esta semana — a comedia em um
 acto original dos Ilmos. Srs. Dr. Va-
 lentim Magalhães e Filinto de Al-
 meida.

AMONTRA DE SOGRA

Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Nacional.

O ano de 1884 foi marcado por projetos novos na vida do escritor. Ainda no dia 1º de janeiro, junto de Silvestre de Lima e Antonio Figueira, Filinto lançou a folha intitulada *Meio Dia*, então anunciada em outros veículos da imprensa. Contudo, uma nota em *O Mequetrefe*, logo no dia 10 de fevereiro do mesmo ano, informou que Filinto e Silvestre deixaram a redação do *Meio Dia*. Já pela metade do ano, no dia 6 de junho, o poeta teve os versos traduzidos de *O Gran Galeoto* publicados na *Gazeta de Notícias*. Seu nome já havia sido mencionado em artigos de outros autores anteriormente, sobre diversos temas, mas só naquele momento ganhou um espaço. Além dos versos, no mesmo mês estreou no Recreio Dramatico a comédia em 1 ato chamada *Amostra de Sogra*, escrita originalmente por Filinto e Valentim Magalhães.

Figura 8: Anúncio de “Gran Galeoto” e “Amostra de Sogra”, *Gazeta de Notícias*, 9 jun. 1884.



Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Nacional.

Figura 9: Anúncio de “Gran Galeoto” e “Amostra de Sogra”, *Gazeta de Notícias*, 13 jun. 1884



Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Nacional.

Em 1885, teve início uma das participações mais consistentes de Filinto da imprensa do Rio de Janeiro. No dia 03 de janeiro, publicou o primeiro número da revista *A Semana*, que criou junto de Valentim Magalhães, já naquele momento seu maior parceiro de trabalho. Sua tarefa semanal era escrever a crônica *Historia dos sete dias*, que resumia de maneira crítica os acontecimentos da semana e os agitos da cidade. Junto com ele, também, publicou a peça *Mulher Homem*, da revista cômico-fantástica dos acontecimentos de 1885, em 1 prólogo, 3 atos e 11 quadros, que foi representada no Teatro Santana em janeiro de 1886, musicada por Chiquinha Gonzaga, e traduziu outra obra de Echegaray, *No seio da Morte*, encenada no teatro Recreio Dramatico. Também foi o ano em que Filinto deixou de ser apenas notícia para *O Mequetrefe*, tendo alguns de seus versos publicados no jornal no dia 28 de fevereiro, situação que se repetiu no dia 10 de outubro e 20 de dezembro de 1886.

Figura 10: Cabeçalho de *A Semana*, edição de 17 de julho de 1885.



Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Nacional.

Ao pensarmos sobre nossas trajetórias, sobre nossas vidas, sobre nossos feitos, podemos lembrar de um ano que foi excepcional, seja pelas conquistas ou pelas oportunidades. Talvez o ano de Filinto tenha sido o de 1887. Além de publicar o monólogo cômico em versos *Os Mosquitos*, ele lançou, entre os meses de janeiro e março, o livro de versos intitulado *Lyrice*, que compilou em 280 páginas um conjunto de produções anteriormente impressas em jornais, incluindo o *Poema da morta*. A obra foi amplamente apresentada e aclamada pela imprensa, como foi o caso do *Diario de Santos*. No dia 1º de abril, após uma visita a Campinas, Filinto teve uma opinião publicada no *Diario de*

Santos, na qual aprovava a atitude do deputado provincial João Egydio de Souza Aranha, que havia concedido liberdade às duas escravas que possuía. Depois da visita no mês de abril, o *Diario* publicou alguns versos de Lyrica ao longo daquele ano.³³

No dia 24 de setembro, Filinto publicou sua última participação em *A Semana*, além da tradicional *Historia dos Sete Dias*, um texto de despedida a companhia Emanuel, no qual repetiu a comparação publicada anteriormente naquela mesma folha, dizendo que o grande artista italiano era no teatro o que Zola era na literatura: um rebelde contra todas as convenções e todos os preconceitos da tradição³⁴. A edição de 1º de outubro anunciou a ausência de Filinto em virtude de sua iminente viagem de casamento. O anúncio era, na verdade, uma carta de reconhecimento e um pedido de Valentim Magalhães ao seu fiel amigo. Quem a leu poderia até dizer que se tratava de uma declaração de amor. O texto começou com a notícia prática, para logo em seguida tocar os leitores.

Rio, 1 de Outubro de 1887.

FILINTO D'ALMEIDA

Parte no dia 9 do corrente, com destino a Lisboa, o meu querido companheiro de trabalho, o meu inseparável, e até hoje inseparado, amigo Filinto d'Almeida. Filinto vae para voltar. Mas voltará elle? Nem elle mesmo o sabe. Verdaderamente não é para Lisboa que Filinto vae partir: é para a Felicidade. Vae realizar o supremo ideal do seu espirito e do seu coração, vae desposar aquella a quem dedicou a sua primorosa e inspirada Lyrica, aquella de quem disse nos famosos versos da Dedicatória: "Tu és a minha esposa, O meu benicto amor."³⁵

Valentim seguiu informando que a previsão do retorno de seu amigo de mais de dez anos era para o mês de dezembro, e que até lá sentia-se envolvido em um grande isolamento. Em nome da revista, disse que *A Semana* perdia sua pedra angular, a força íntima que a mantinha e levava adiante. Tudo isso, claro, não queria dizer que a pena de Filinto era insubstituível. Um amigo em comum, Arthur Azevedo, foi o responsável por assumir, com gentileza tocante, as honras da *Historia dos Sete Dias*. A revista despediu-se do poeta como se fosse um pai adorado, desejando tantas flores, tanta luz, tanta alegria no seu futuro quantas as que pelas suas páginas derramou prodigamente, durante aproximadamente três anos. Valentim finaliza o anúncio com seu pedido.

Quanto a mim, meu, Filinto... que diabo! Afinal de contas, não ha nada mais simples: vaes ali assim, a Lisboa, casar, casas e voltas... Voltas alegre, forte,

³³ No site da ABL consta a informação de uma colaboração de Filinto ao *Diario de Santos* nos anos de 1898 e 1899, contudo as edições destes dois anos do jornal não estão disponíveis na Hemeroteca Digital.

³⁴ Filinto de Almeida, sob o pseudônimo de Filindal, a respeito da viagem da companhia Emanuel para Buenos Aires. *A Semana*, 24 set. 1887.

³⁵ Valentim Magalhães ao anunciar a viagem de Filinto para Lisboa. *A Semana*, 1 out. 1887.

contente, inteiramente, absolutamente feliz! Não é caso, então, para um - adeus! É caso para um - até logo! Boa Viagem, portanto, meu Filinto, e... - Até logo! (grifo do original)³⁶

A edição de 15 de outubro publicou um conjunto de despedidas à Filinto. A razão pela qual os amigos compartilharam a alegria e a empolgação com a viagem do poeta era a Excelentíssima Senhora D. Julia Lopes, a qual Filinto foi encontrar viajando a bordo do navio *Jonh Elder* no dia 12 de outubro.³⁷ A data da partida do navio, que tinha Liverpool como destino primeiro, pode ser conferida no Boletim da Alfândega do Rio de Janeiro (figura 11). Rodrigo Octavio, colaborador do *Diario de Noticias*, escreveu em seu espaço intitulado *Cornucopia*, uma despedida em versos para Filinto, na qual o aproximou aos deuses romanos. A exaltação foi reproduzida na íntegra nas páginas de *A Semana*.

Toda a felicidade e a historia toda
 Vou dizer de um poeta afortunado
 Que ora nos deixa em busca de ventura,
 Que parte para a Kolchida, em demanda
 Do conquistado Vellochino de oiro,
 Que a luz vae ver em que offuscado vive,
 Se bem que a tenha longe dos seus olhos,
 Que o suprem ideal da vida, o sonho,
 O ultimo sonho que lhe brilha na alma,
 Vae, num momento de indizivel goso,
 Ver desbrochar-se como a flor de lotus,
 Que esse momento uma só vez se gosa.

Ao Filinto de Almeida me refiro.

O *Filindal*, saudoso, que ha tres annos
 Na *Semana* fabrica a bella *Historia*
dos sete dias, com talento e graça;
 O poeta da *Lyrical*, o adoravel
Causeur de veia tão chistosa e amena;
 O illustre companheiro inseparavel
 Do Valentim Magalhães - o poeta
 Dos *Vinte Contos*; o Filinto, o Chico
 Vae a Lisboa desposar a illustre
 Buriladora das *Illuminuras*.

Que festa no Helicon!

Apollo excelso
 Manda que as aguas da Castalia augmentem
 E as de Hippoerene a transbordar comecem.

³⁶ Valentim Magalhães ao anunciar a viagem de Filinto para Lisboa. *A Semana*, 1 out. 1887.

³⁷ Factos e Noticias. *A Semana*, 15 out. 1887.

E em taças de oiro, loucamente, a turba
 Dos Habitantes do sagrado monte
 Vão libando, com gaudio, o delicioso
 Liquido inspirador das epopeias.

Em pouco o effeito a produzir começa
 A agua das fontes privilegiadas,
 E deuses, deusas, satyros e nymphas
 Uma chuva de versos principiam
 A derramar sobre os mortaes extaticos.
 E a encosta, aos trambolhões, do outeiro descem,
 Em bachanal turbilhonando tontas.

E em meio d'elles o Filinto, envoltos
 Os pés mimesos em folhagens verdes,
 De pampanos á frente um guirlanda...

Isto o principio, o mais a gente vendo
 Só é que póde pequenida idéia
 Formar da *historia*. D e festança identica
 Não reza a chronica do Olympo excelso.
 Mais eu podia referir; podia
 De Vulcano falar, falar de Venus,
 Que hão de ir á festa, como Marte e Ceres,
 Eas mais deusas e deuses celebrados;
 Podia mais, qual *Souvenir* de outr'ora,
 Da elegancia pagan fallar nas modas,
 Nas *fanfreluches* d'esse tempo e em outros
Quipures, jupes e corseis e o resto.
 Entretanto não falo: pedantismo
 Chamariam os zoilos maldizentes,
 E eu d'esses zoilos maldizentes fujo.

Parte o Filinto, mas nos fica a bella,
 A encantada *Semana* deliciosa,
 Que, aos sabbados, a quem quizer, fornece
 Verso dos bons e prosa das melhores.
 Tudo isso por cem réis, cem réis sómente!
 Leitor, se tu tens gosto e tens talento,
 Compra a *Semana* aos sabbados; merece
 Todo o auxilio do publico a *Semana*.³⁸

³⁸ Reprodução dos versos de Rodrigo Octavio sobre a partida de Filinto para Lisboa. A *Semana*, 15 out. 1887.

Figura 11: Boletim da Alfândega do Rio de Janeiro: Distribuição Quinzenal na Alfândega e suas dependências (RJ) - Dia 24 de outubro de 1887.

BOLETIM DA ALFANDEGA--Segunda-feira, 24 de Outubro de 1887								5
SAHIDAS—No mesmo periodo foram despachados e desembarcados 35 navios de longo curso.								
Datas	Destinos	Navios	Naciona- lidades	Nomes	Tonela- gens	Equipa- gens	Cargas	Consignatarios
3	Baltimore.	barca.	amer.	J. Rollins.	586	10	3.250 s/café.	Levering & C.
4	Auckland.	"	ing.	Surline.	769	17	lastro.	John Petty & C.
	Batavia.	"	holl.	W. Eggert.	1275	23	"	O. Leonardos.
	Bremen.	vapor.	all.	Koln.	1736	55	varios generos.	Herm., Stoltz & C.
5	Hamburgo.	"	"	Hamburgo.	1284	36	"	Ed. Johnston & C.
	Marseille.	"	franc.	Bourgogne.	1479	56	"	Karl Valais & C.
	N. Orleans.	"	belga.	Strabo.	1303	29	"	Norton, Megaw & C.
6	Pensacola.	galera.	rusa.	Waltikka.	942	18	lastro.	L. Johansen & C.
	Barbadas.	barca.	norueg.	D. Sophie.	735	11	"	"
7	Montevideo.	"	ing.	B. Vue.	679	11	"	G. F. Basset & C.
	Trieste.	vapor.	hungar.	Tibor.	893	25	varios generos.	Ed. Johnston & C.
	New-York.	"	ing.	Herschel.	1294	30	"	Norton Megaw & C.
	Liverpool	"	"	Ptolemy.	905	28	"	"
8	Rio da Prata.	"	franc.	Niger.	2351	118	"	Bertolini.
	Pensacola.	barca.	norueg.	Freya.	816	12	lastro.	L. Johansen & C.
10	Londres.	vapor.	ing.	Arawa.	2681	35	varios generos.	Wilson, Sons & C.
	Southampton.	"	"	Tamar.	2923	40	"	Royal Mail S. P. C.
11	Lisboa.	brigue.	din.	Marie.	202	6	3.000 s/café.	O Capitão.
	Plymouth.	lugar.	ing.	F. Princess.	173	5	couros e chifres.	P. S. Nicolson & C.
	Havre.	vapor.	franc.	V. de Pernambuco.	1699	38	varios generos.	Augusto Leuba & C.
	"	"	"	Tafna.	1057	30	lastro.	Watson Ritchie & C.
12	Buenos Ayres.	"	"	Provence.	3008	78	varios generos.	Karl Valais & C.
	Valparaiso.	"	ing.	G. of St. Vicent.	1501	40	"	Wilson, Sons & C.
	Liverpool.	"	"	John Elder.	2447	65	"	"
	Hamburgo.	"	all.	Valparaiso.	1543	49	"	Ed. Johnston & C.
	Bremen.	"	"	Berlin.	1637	50	"	Herm. Stoltz & C.
13	Londres.	"	ing.	Tongariro.	2654	65	"	Wilson, Sons & C.
	Valparaiso.	"	"	Sorata.	2604	60	"	"
	Marselha.	"	franc.	Poitou.	2567	58	"	Karl Valais & C.
14	Bordeaux.	"	"	Congo.	2444	118	"	Bertolini.
	Port Eads.	galera.	ing.	Astracana.	1192	19	lastro.	John Bellamy & C.
	Pensacola.	barca.	norueg.	Meduza.	417	13	"	E. de Ferro D. Pedro II.
15	Southampton.	vapor.	ing.	Cuvier.	1523	39	varios generos.	Norton, Megaw & C.
	Rio da Prata.	"	"	Trent.	1707	40	"	Royal Mail S. P. C.
	New-York.	"	amer.	Allianca.	2205	30	"	Wilson, Sons & C.

CAPATAZIAS		SAHIDOS	
De 1 a 15 de Outubro de 1887, o movimento foi de	51.276	Pela porta n. 1...	5.457
volumes entrados e 44.276 sahidos, sendo :		" " " 3...	10.977
ENTRADOS		" " " 5...	820
<i>Descarregulos na Alfandega</i>		" " " 8...	378
De proced. estrangeira de.. { vapores... 38.189		" " " 11...	1.608
{ nav. á vela 4.779		" " " 15...	5.354
De proced. nacional, de vapores..... 118	43.086	" " " 16...	6.156
<i>Descarregados na Ponte Auxiliar</i>			30.750
De proced. estrangeira de vapores	8.190	Transporte.....	30.750
Total.....	51.276	Pela porta n. 17...	3.567
Em igual quinzena de 1886 (1).....	56.495	Pateo da R. do Roz.º	800
Diferença para menos em 1887.....	5.219	Pelos elevadores....	2.890
		Pela Ponte Auxiliar.	489
		Arm. " "	5.600
		Reemb. e reex.....	180
		Total.....	44.276
		Em igual quinzena de 1886 (1).....	80.531
		Diferença para menos em 1887.....	36.255
		RECAPITULAÇÃO	
		Existiam.....	21.497
		Entraram ...	51.276
		Sahiram.....	44.276
		Existem.....	28.497

(1) Vide o Boletim n. 20 do 4º anno.

Em versos também foi escrita a despedida por parte de Arthur Mendes, na mesma edição de 15 de outubro de *A Semana*:

Adeus ao Filinto

Vae-se o Filinto, o trefego Filinto,
Por esses mares fóra alegremente...
E o coração lhe salta de contente,
Emquanto as garras da tortura eu sinto.

Feliz rapaz, teu bem já se avisinha...
Tens das estrellas a melhor estrella;
Emquanto o riso levas para vel-a,
Eu solto o pranto por não ver a minha.

Pois tambem, como tu, vou caminhando
Nessa estrada do amor que não se finda;
Se colhes flores, não as colho ainda,
Que certamente és mais feliz amando.

A tua noiva, a doce creatura
A quem teus versos dás e dás tua alma,
Deu-te, em troca, essa vida alegre e calma,
E o seu talento augmenta-te a ventura.

De certo, inda virás mais satisfeito...
E que assim seja, amigo; que a alegria
Não te abandone, que não deixe um dia
De irradiar-te o coração no peito!³⁹

A doce criatura, considerada “O primeiro romancista brasileiro”.⁴⁰ Oriunda de uma família tradicional, nasceu no dia 24 de setembro de 1862, no Rio de Janeiro e era filha do educador e médico, então Visconde de São Valentim (Valentim José da Silveira Lopes), e de D. Antonia Adelina, musicista e pedagoga. Também portugueses, vieram para o Brasil em 1856 e transitaram entre as cidades do Rio de Janeiro e Campinas. No Rio, a família fundou o Colégio de Humanidades, que funcionou por alguns anos e foi transferida para outra cidade. O pai de Julia partiu então para a Alemanha, onde concluiu os estudos de ciências médicas em Berlim. Ao retornar desta viagem, mudaram-se para Campinas. Entre 1876 e 1878, a família viveu em Montevidéu, no Uruguai, por conta de um

³⁹ Despedida em versos de Arthur Mendes para Filinto. *A Semana*, 15 out. 1887.

⁴⁰ RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/Dep. Nacional do Livro, 1994[1905].

tratamento de saúde de Valentim. Em meio a todas essas mudanças, ainda intercalaram viagens ao continente europeu⁴¹.

Julia Lopes cresceu nesse ambiente culto, e teve a possibilidade de conhecer diversas partes do mundo ainda jovem. Foi alfabetizada pela irmã mais velha, aprendeu francês com a mãe, inglês com um professor em Campinas e espanhol no período em que viveu no Uruguai. Fazia versos desde pequena, primeiro em segredo, depois (por conta de uma denúncia por parte da irmã mais velha), com o reconhecimento e incentivo do pai. Chegando a ser apontada como a maior romancista da geração de escritores que precedeu a eclosão do movimento modernista, ela publicou inúmeros trabalhos como romances, contos, crônicas e poemas ao longo de sua vida. Desde sua primeira publicação, aos 19 anos, Júlia advogou, dotada de elegância e sutileza, pela causa da liberdade das mulheres, sendo chamada, por isso, “a George Sand brasileira”, em analogia com a maior escritora francesa do século XIX.⁴²

⁴¹ Sobre a trajetória do Visconde de São Valentim, ver: SALOMONI, Rosane Saint-Denis. *A escritora/ os críticos/ a escritora: o lugar de Júlia Lopes de Almeida na ficção brasileira*. 2005. 231 f. Tese (Doutorado em Letras - Literatura Brasileira) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

⁴² FANINI, Michele Asmar. Júlia Lopes de Almeida em “retrato e prosa”: a propósito dos diálogos entre as imagens da escritora e sua produção literária. *Cadernos Pagu*, n. 41, p. 159-199, julho/dezembro de 2013. RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/Dep. Nacional do Livro, 1994[1905].

Figura 12: Fotografia de Julia Lopes de Almeida em frente a um anúncio de apresentação da filha Margarida⁴³



Fonte: Arquivo Filinto de Almeida/ABL.

Dentre os espaços que mais acolheram seus romances, publicados na maioria primeiro como folhetins, estavam os periódicos *O País* e *A Semana*, este último, como mencionado, criação de Filinto e Valentim Magalhães. Filinto se apaixonou primeiro pelos escritos e depois pela escritora. Como ela morava em Campinas, demorou a vê-la pessoalmente. Contudo, como tinha familiares no Rio, todo ano Júlia passava uma

⁴³ Fotografia de Julia. Arquivo Filinto de Almeida/ABL. Machado, Eliza Salgado de Aguiar. Arquivos Pessoais: Implicações teóricas e a organização do Arquivo Filinto de Almeida. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia)- Instituto de Arte e Comunicação Social – Universidade Federal Fluminense. Niterói: UFF, 2017

temporada na Capital. Em uma destas estadias, na entrada do Teatro Sant'Ana, acompanhada da irmã mais velha, o encontro com Filinto aconteceu. O poeta tentou manter sua admiração no campo da intelectualidade, jurado nunca mais amar depois do acontecido com sua primeira noiva, mas não tardou a se entregar aos encantos daquele amor.⁴⁴

Cada estadia de Julia no Rio estreitava os laços entre os dois. Contudo, a família da romancista não estava muito feliz com a ideia de ver sua filha unida com um poeta de origem pouco definida. Ciente de seu valor e confiando no renome que seus trabalhos estavam construindo, Filinto não se abalou com os Lopes, e a relação se desenvolveu bem. Até que Valentim resolve voltar para Portugal com toda a família para passar uma temporada na Europa. O poeta decide então pedir a romancista em casamento nas vésperas da viagem, e ouve do futuro sogro um "Vá buscá-la, se quiser". E ele foi. Como visto, o valor do poeta era também creditado por seus amigos e companheiros de trabalho, que admiravam seu caráter nobre e suas qualidades morais. A notícia da partida de Filinto para casar-se com Julia incluiu uma visão do futuro: "Casados, Filinto d'Almeida, o poeta valiosissimo da *Lyrice*, o adoravel Filindal da *Historia dos sete dias*, e Julia Lopes, a *conteuse* deliciosa dos *Contos Infantis* e dos *Traços e Illuminuras*, é de esperar que 'tenham muitos...livros'."⁴⁵

Destaco a torcida pelo casal publicada no jornal não apenas porque se tornou realidade, mas porque quebrou o frequente desejo ouvido pelos jovens noivos, de que "tenham muitos...filhos". Com esse sutil comentário, o autor da notícia reconheceu a potência de Filinto e Julia como dupla de autores além de par romântico. Além disso, se estabeleceu a expectativa de que nem um nem o outro diminuísse o fluxo de publicações por conta do matrimônio. Eram desde início reconhecidos como um casal de intelectuais, que acabaram por formar juntos uma família de artistas. Tiveram muitos livros e muitos filhos. De certa maneira, a romancista encontrou no poeta a parceria que precisava para construir um lar onde as artes e o conhecimento pudessem florescer, tal qual aquele em que foi criada.

No dia 28 de novembro, casaram-se na Igreja de São Domingos em Lisboa, Portugal, ele com 29 anos e ela com 25, e só depois voltaram para o Brasil para iniciar a

⁴⁴ MACHADO, Raul. Filinto de Almeida. Revista Brasileira, Rio de Janeiro, n. 13, jun./1945. pp. 11-21. Entrevista de Álvaro Salgado - Poetas do Brasil: Filinto de Almeida.

⁴⁵ Factos e Noticias. A Semana, 15 out. 1887.

sua vida conjugal.⁴⁶ Nesse período em que permaneceram na Europa, a inspiração para a escrita não abandonou Filinto e, em Lisboa, escreveu a comédia em verso intitulada *O defunto*, que foi apresentada no teatro D. Maria II, em Portugal, no ano de 1891, no teatro Recreio Dramatico, em 1892, na cidade do Rio de Janeiro e no Theatro Minerva, em 1893, na cidade de São Paulo. No dia 31 de agosto de 1888, uma menção nas *Chroniquetas* de “Eloy, o heróe” (pseudônimo de Arthur Azevedo) no jornal *A Estação*, informou o retorno de Filinto ao Brasil, indicando que após o casamento em Lisboa, os noivos teriam passado um tempo em Paris, cidade para a qual retornariam para viver mais alguns anos no futuro.

Parabens igualmente á chronica e á poesia. Filinto de Almeida ahi está de volta do seu passeio á Europa. Vem gordo, fero e até - quem o diria? - bonito!... Ah, Pariz! Pariz!... Filinto foi solteiro e veio casado. E' sua esposa D. Julia Lopes, a escriptora de merito a quem se deve os *Contos Infantis* (escriptos de collaboração com Adelina Vieira, sua irman) e os *Traços e illuminuras*. O auctor da *Chroniqueta* comprimenta os ditosos noivos.⁴⁷

De volta ao Brasil, instalados no Rio de Janeiro, o casal celebrou no dia 21 de dezembro o nascimento do primeiro filho, Afonso Lopes de Almeida. Naquele momento, faltava menos de um ano para a data institucional que marcou a Proclamação da República. Filinto, sempre próximo das discussões republicanas, estreitou relações com colegas não só cariocas, mas também de São Paulo. Sua atuação entre os dois estados ocorreu muito por conta de sua proximidade com Júlio de Mesquita, diretor do jornal *A Província de São Paulo* e membro da família que disputava a liderança política e cultural na região. No *Correio Paulistano*, Filinto teve versos publicados no dia 20 de maio, dia 14 de junho e 15 de junho. Em 1889, foi redator e cronista no *Diario do Commercio* e, junto de Valentim Magalhães, escreveu a revista musicada *Abolindenrepcotchindegó*.

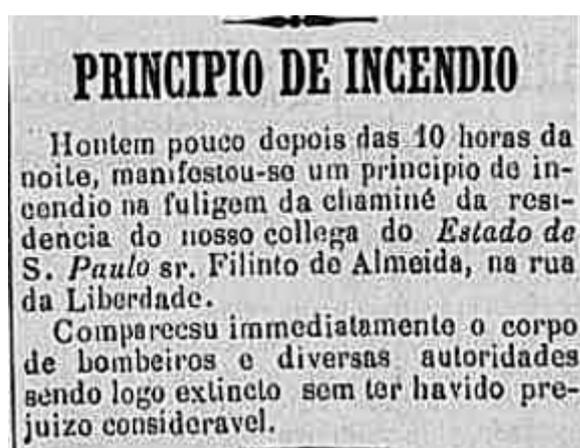
⁴⁶ A viagem para Portugal, de acordo com Elenita Conegero Pastor Manchope, só foi possível devido ao dinheiro arrecadado com a venda de *Lyrice*. Após o sucesso de vendas, Filinto teria ido acompanhar em Lisboa a impressão dos “Anais da Câmara dos deputados de São Paulo”, trabalho que não podia ser feito no Brasil. Durante sua estadia em solo Português, de acordo com a autora, o casamento aconteceu. Contudo, estas informações foram fornecidas por membros da família de maneira on-line para Manchope, e não pude acessá-las ou confirmá-las a partir de outros documentos. O fato é que o casal de escritores casaram-se em Portugal. Ver: MANCHOPE, Elenita Conegero Pastor. Entre Narrativas e imagens: trilhando passos. *Revista de Literatura, História e Memória*, Unioeste, Vol. 12, nº 19, 2016. p. 143-166. Disponível em: <<https://saber.unioeste.br/index.php/rlhm/article/view/15507/10654>>. Acesso em: 01 abr. 2025.

⁴⁷ *Chroniqueta*, de Eloy, o heróe. Escrita em 20 de agosto e publicada no dia 31. *A Estação* (edição para o Brasil), 31 ago. 1888. Sobre o pseudônimo de Arthur Azevedo, ver: SILVA, Arielle Farnezi. Papéis para mulheres: Educação e abolição nas “Croniquetas” de Arthur Azevedo (1885-1889). 117 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018. Programa de Pós-graduação em História.

Com a mudança de regime, muitas alterações de cargo ocorreram para acolher os projetos de nação então tornados possíveis. Nesse contexto, Filinto recebeu o seguinte telegrama de Julio Mesquita: “Preciso imediatamente de você aqui fui nomeado secretário do governo e o Pestana governador. Preste esse serviço à nova pátria. Venha ainda que só por poucos dias. Família virá depois. Responda urgente. Julio Mesquita.”⁴⁸ No dia 19 de novembro de 1889, ele deixou o Rio de Janeiro e mudou-se para São Paulo para tomar a chefia da redação da *Província de São Paulo*, onde foi redator chefe até o ano de 1895, sendo responsável pela alteração do nome para *O Estado de São Paulo*. Não sei ao certo a data de ida de Julia.

Os anos vividos pela família Lopes de Almeida em solo paulistano foram marcados por momentos trágicos. No dia 21 de junho de 1890, o *Correio Paulistano* publicou uma nota informando a ocorrência, na noite anterior, de um princípio de incêndio na chaminé da casa de Filinto, na rua da Liberdade. No mesmo ano, nasceu o segundo filho do casal, Adriano Lopes de Almeida, que morreu antes de completar um ano. O falecimento foi comunicado no dia 21 de junho pelo *Diario do Comercio*, do Rio de Janeiro. No dia 12 de janeiro de 1891, nasceu a primeira filha, Valentina Lopes de Almeida, que também morreu ainda pequena. O caso foi noticiado no dia 11 de junho de 1893 pelo *Correio Paulistano*, que publicou uma nota lamentando o falecimento de Valentina, com um ano e alguns meses de idade.

Figura 13: Informe sobre o princípio de incêndio na residência de Filinto de Almeida, Correio Paulistano, 21 jun, 1890.



Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Nacional.

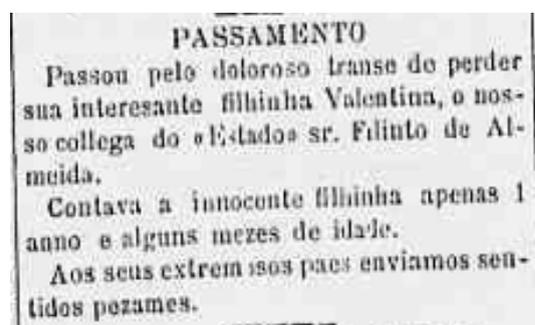
⁴⁸ Roberto Simonsen, no seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, comenta sobre a relação de proximidade entre Filinto e Julio Mesquita. Ver: SIMONSEN, Roberto. Discurso de Posse. *Academia Brasileira de Letras*. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/roberto-simonsen/discurso-de-posse>>. Acesso em: 02 jan. 2025.

Figura 14: Nota sobre o falecimento de Adriano, *Diário do Commercio*, 21 jun, 1891.



Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Nacional.

Figura 15: Nota sobre o falecimento de Valentina, *Correio Paulistano*, 11 jun, 1893.



Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Nacional.

Em meio ao clima de luto abraçado pela família, movimentações políticas também aconteciam. Filinto se tornou cidadão brasileiro no evento conhecido como “grande naturalização”, que diz respeito ao procedimento adotado pela Constituição de 1891 (a primeira Constituição da República) que, em seu artigo 64, § 4º estabeleceu que seriam considerados “cidadãos brasileiros os estrangeiros que, achando-se no Brazil aos 15 de novembro de 1889, não declararem, dentro de seis mezes depois de entrar em vigor a Constituição, o animo de conservar a nacionalidade de origem”. Com isso, ele se tornou um nome elegível para candidaturas a cargos públicos.

Já no dia 18 de março de 1891, apareceu no *Correio Paulistano* uma prévia da lista dos nomes que seriam os senadores e deputados eleitos, constando o de Filinto. Em 27 de fevereiro de 1892, a lista oficial dos candidatos da chapa do Partido Republicano foi divulgada no *Correio Paulistano* pela primeira vez. Filinto foi apresentado como jornalista, e seu número de candidato era o 14. A mesma lista foi divulgada no dia seguinte, e depois nos dias 1º, 3, 4 e 5 de março. No dia 7 de março, ocorreram as eleições para o

Congresso do Estado de São Paulo, e nos dias 8 e 9 de março, o jornal divulgou o resultado das eleições em algumas localidades. No distrito do Braz, Filinto recebeu 21 votos; no distrito da Consolação, 22 votos; no distrito de Santa Ephigenia, 16 votos; no distrito do sul da Sé, 10 votos.

No dia 18 de março, o resultado final da eleição na Comarca da Capital de SP foi divulgado no *Correio Paulistano*. Filinto recebeu 1410 votos no total, sendo o 12º deputado mais votado, com uma diferença de 21 votos para o 1º. Em 30 de março, faltavam ainda 18 colégios eleitorais para serem somados. Até este dia, Filinto somava 12812 votos, sendo o 13º deputado mais votado. Nos primeiros dias de abril, ocorreu a 5ª sessão preparatória da Câmara dos Deputados do Congresso do Estado de São Paulo, na qual Filinto foi reconhecido como um dos deputados eleitos e foi convocado, junto com os demais, a instalarem o congresso no dia 7 de abril. Filinto foi deputado na Assembleia Legislativa de São Paulo de 1892 a 1894.⁴⁹ Apesar de passar a maior parte de sua vida e ter conexões fortes no Rio de Janeiro, se tornou deputado em São Paulo. A situação evidencia a habilidade de socialização de Filinto, uma vez que foi capaz de circular entre dois grupos com projetos de nação diferentes, mantendo sua projeção.

Esse caso contribui para a análise de Angela Alonso (2002), que parte de critérios que extrapolam a dicotomia liberal-conservador para investigar os projetos de República discutidos a partir de 1870. Pensando na pluralidade, afirma que “como os próprios agentes percebiam, as designações liberal e conservador já estavam inaptas para expressar as divergências de opinião”, e que estas diziam respeito mais sobre os diferentes “projetos de futuro”, aos limites da mudança, do que em relação a necessidade do seu acontecimento⁵⁰. Nesse sentido, ela dividiu a defesa desses diferentes projetos de futuro entre Liberais Republicanos, Novos Liberais, Associações Positivistas nas Faculdades Imperiais (estas separadas em três núcleos: Côrte, Recife e São Paulo) e Federalistas Científicos (Paulistas e Gaúchos). Compunham estes grupos intelectuais das mais diferentes filiações, escolas ou corporações, e que não atendiam também a um critério de regionalização específico. Cada grupo tinha diferentes interpretações do Brasil. Filinto tinha compromisso mais com a nação do que com o estado em que morava, mas

⁴⁹ No site da ABL consta a informação de que Filinto teria sido deputado por dois mandatos, 1882 à 1897, contudo nesta pesquisa só foram encontrados dados suficientes para verificar sua participação no congresso até 1894.

⁵⁰ ALONSO, Angela. *Idéias em Movimento: A geração de 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p.90.

sua presença no eixo Rio-São Paulo não passa despercebida e merece mais atenção em outro trabalho.

Figura 16: Certificado de nacionalidade brasileira de Filinto de Almeida, emitido pelo Consulado Geral do Brasil em Portugal, em 1924.⁵¹



Fonte: Arquivo Filinto de Almeida/ ABL

⁵¹ A naturalização ocorreu em 1889, contudo apenas essa versão de 1924 do documento foi encontrada no arquivo pessoal de Filinto de Almeida na ABL.

Seguindo com os rastros do poeta nos impressos, encontrei a informação de que nos anos de 1892 e 1893, Filinto atendeu a três compromissos enquanto cidadão brasileiro: no dia 27 de abril, Filinto foi mesário nas eleições para deputados e senadores do Congresso Federal, alocado na 6ª seção, referente aos quarteirões 24 e 25, com 192 eleitores, no Lyceu de Artes e Offícios, na rua Marechal Deodoro; no dia 23 de março de 93, foi mesário na eleição para um senador e dois deputados ao Congresso Federal, alocado na 6ª seção, de 1251 a 1407, no antigo Paço da Câmara Municipal, pavimento térreo, na sala de espera (à esquerda); no dia 24 de junho, no dia 23 de março, Filinto foi mesário na eleição para um deputado ao Congresso Federal, alocado na 6ª seção, de 1251 a 1407, no mesmo endereço.

Neste mesmo ano, ele recebeu uma proposta de trabalho na empresa que o acolheu por décadas: no dia 22 de fevereiro, Filinto foi nomeado gerente geral da Companhia Nacional de Seguros de Vida A Educadora, cujo diretor presidente era Valentim Magalhães e o diretor gerente era Edgar Gambaro. Após a oferta, a família retornou para o Rio de Janeiro, em 1894, e Filinto ficou transitando entre as duas cidades. Na edição de 27 de abril, *O Estado de S. Paulo* publicou uma nota informando que, no dia anterior, Filinto e Julia haviam retornado de uma viagem à Europa. Na edição de 28 de abril de *A Semana*, informou o retorno do escritor à redação para contar aos velhos amigos que tinha voltado. Quando retornaram, faltava menos de um mês para o nascimento de Albano Lopes de Almeida, que veio ao mundo no dia 22 de maio, na Rua Hadock Lobo 127, no mesmo quarto onde nasceu o Afonso em 1888.

Em 1894, Filinto assumiu o cargo de diretor tesoureiro na companhia de seguros do seu amigo Valentim Magalhães. Com a família crescendo, e com a diminuição de sua participação na imprensa, o foco estava em seu trabalho na seguradora. Em julho de 1895, ele deixou oficialmente a redação de *O Estado de São Paulo*. *O Correio Paulistano* divulgou que além do jornal, ele estava também deixando a cidade de São Paulo para voltar a morar no Rio de Janeiro. Enquanto isso, a comédia *O Armario do Diabo*, traduzida para o português por Filinto, ocupava os palcos do teatro Eden-Lavrado, e Margarida Lopes de Almeida, outra filha do casal, estava a caminho. Ela nasceu no dia 7 de abril de 1896, na Rua Aprazível em Santa Teresa.

1897 foi o ano da criação da Academia Brasileira de Letras, da qual no dia 20 de julho, Filinto de Almeida tornou-se o fundador da cadeira número 3. Os envolvimento e negociações a respeito do surgimento dessa instituição serão abordados com mais

detalhes no próximo capítulo. Por hora, não é difícil imaginar que a ausência de Júlia na lista oficial de membros fundadores da ABL, mesmo sendo uma das maiores autoras contemporâneas, tinha explicação simples. Seguindo os moldes da Académie Française de Lettres, em cujo regimento interno a expressão *homme de lettres* adquire sentido literal, a versão brasileira do grupo de intelectuais imortais não permitiu a inclusão de mulheres. Naquele contexto, as mulheres que quisessem trilhar caminhos que contrariassem as expectativas sociais em torno dos papéis que tradicionalmente lhe cabiam no ambiente privado, não eram acolhidas com muitos sorrisos.⁵² Mesmo que essa ruptura drástica com a normatividade fosse apenas a busca pelo direito e reconhecimento de suas obras e de respeito pela sua produção literária. Algumas das dificuldades para administrar carreira, lar e filhos foram relatadas pela própria Julia à João do Rio, quando visitou o casal em 1905:

Julia: — Eu li Maupassant depois de publicada A Viúva Simões. Sou de muito pouca leitura. Era capaz de passar a vida lendo, mas uma dona de casa não pode perder tanto tempo. E até fico nervosa quando vejo livros por abrir. Seria tão agradável gastar a existência lendo!... Quem entretanto cuidaria dos filhos, dos arranjos da casa?

João do Rio: — Como faz os seus romances, D. Júlia?

Julia: — Aos poucos, devagar, com o tempo. Já não escrevo para os jornais porque é impossível fazer crônicas, trabalhos de começar e acabar. Idealizo o romance, faço o *canevas* dos primeiros capítulos, tiro uma lista dos personagens principais, e depois, hoje algumas linhas, amanhã outras, sempre consigo acabá-lo. Há uma certa hora do dia em que as coisas ficam mais tranquilas. É a essa hora que escrevo, em geral depois do almoço. Digo as meninas: — Fiquem a brincar com os bonecos que eu vou brincar um pouco com os meus. Fecho-me aqui, nesta sala, e escrevo. Mas não há meio de esquecer a casa. Ora entra uma criada a fazer perguntas, ora é uma das crianças que

⁵² O desafio é discutido por Michele Asmar Fanini, pesquisadora que analisou a trajetória de Júlia a partir do arquivo pessoal que a escritora deixou como legado. Ver: FANINI, Michele Asmar. Júlia Lopes de Almeida em cena: notas sobre seu arquivo pessoal e seu teatro inédito. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 71, p. 95-114, dezembro de 2018.

chora. Às vezes não posso absolutamente sentar-me cinco minutos, e é nestes dias que sinto uma imperiosa, uma irresistível vontade de escrever...⁵³

Mulher, mãe, esposa, escritora. Julia precisou conciliar essas múltiplas existências para continuar sua carreira de romancista. Longe da intenção de ignorar sua experiência pessoal, ela fez dos desafios das mulheres do período (fragilidade da segurança material e a capacidade de superar situações críticas), elementos de distinção das protagonistas femininas dos seus contos e romances.⁵⁴ Julia, de início, evitou o confronto direto com o “ciclo de produção e consagração literária”, conseguindo assim forjar uma carreira de sucesso, sendo considerada, ainda em vida, a autora mais publicada na Primeira República. O *Livros das Noivas*, publicado em 1896, teve quatro edições lançadas até o ano de 1926. Já o romance *Família Medeiros*, publicado em folhetim na Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro em 1891 e transformado em livro no ano seguinte, teve sua tiragem consumida em três meses⁵⁵.

Os escritos de Julia ultrapassaram os limites geográficos e chegaram em diversas regiões, sendo inclusive traduzida para outros países. Tanto foi aclamada, que seu nome foi incluído na lista extraoficial de membros fundadores da Academia Brasileira de Letras (ABL). Ela não foi nomeada, assim como nenhuma outra mulher. Filinto, o marido, foi. O fato foi tratado como uma ação compensatória, fazendo com que fosse considerado por alguns como “acadêmico consorte”.⁵⁶ Essa relação entre marido e mulher, entretanto, extrapolou em muito a imagem de homem que age em nome da mulher. Ao longo desta pesquisa me deparei com indícios de interpretações equivocadas sobre a relação de Julia com as figuras masculinas de sua vida. Longe de ser “tutelada” pelo pai ou pelo marido, ela recebeu incentivo e criou o seu espaço para exercer o talento que possuía.

Foram marido e mulher, com duas carreiras distintas, que em alguns momentos se tocaram. Seguindo com Filinto, algumas de suas produções intelectuais aparecem em

⁵³ RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/Dep. Nacional do Livro, 1994[1905].

⁵⁴ Os aspectos particulares da escrita, tema e visão de mundo a partir da ótica feminina de Julia Lopes de Almeida foram objeto de estudo da tese: SALOMONI, Rosane Saint-Denis. *A escritora/ os críticos/ a escritora: o lugar de Júlia Lopes de Almeida na ficção brasileira*. 2005. 231 f. Tese (Doutorado em Letras - Literatura Brasileira) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

⁵⁵ O número da tiragem dos livros publicados por Julia não consta nos trabalhos consultados. Apesar disso, os pesquisadores e pesquisadoras da obra da romancista reuniram algumas informações, como as que apresentei no parágrafo. Sobre a circulação dos trabalhos de Julia Lopes de Almeida, além da já citada tese de Rosane Saint-Denis Salomoni, ver: LOBATO, Denise Araújo. *Prosas de Júlia Lopes de Almeida em jornais paranaenses oitocentistas: entre a temática moralizante e a palavra moralizante*. 2016. 144 f. Dissertação (Mestrado em Letras - Estudos Literários) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

⁵⁶FANINI, Michele Asmar. Júlia Lopes de Almeida em cena: notas sobre seu arquivo pessoal e seu teatro inédito. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 71, p. 95-114, dezembro de 2018.

1898, inclusive no seu país de nascimento, quando colaborou com a revista *Branco e Negro: semanário ilustrado*, de Lisboa. Entre os dias 18 de dezembro de 1898 e 26 de março de 1899, escreveu e publicou em formato de folhetim o romance *A Casa Verde*, nas páginas do *Jornal do Comércio*, em parceria com a esposa Julia, sob o pseudônimo A. Julinto. O romance foi publicado como livro pela Companhia Editora Nacional, em 1932, com a assinatura de Filinto e Julia. Poderíamos tentar imaginar o processo de escrita em conjunto desse casal de intelectuais, a troca de ideias e a discussão sobre o rumo dos personagens. Por sorte, João do Rio fez a pergunta certa ao ir embora da casa de Julinto e nos permitiu evitar a gafe de idealizar o cenário de escrita romântico e pacífico. Se estivéssemos no Morro Santa Teresa naquele dia, ouviríamos o seguinte diálogo:

João do Rio: Já passa de duas horas o tempo em que eu, numa *causeuse* de couro, interrogo inquisitoriamente os dois artistas.

Levanto-me.

Julia: — Vai-se embora? Tão cedo?

João do Rio: — Duas horas! Há lá embaixo, naquela fornalha, uma outra fornalha que me espera — o jornal. Despeço-me.

João do Rio:— Ainda uma pergunta: dos seus livros qual prefere?

Julia: — Vai ficar admirado.

João do Rio: — É A Falência?

Julia: — Não.

João do Rio: — O primeiro?

Julia: — Não, é A Casa Verde, porque foi escrito de colaboração com meu marido. A Casa Verde lembra-me uma porção de momentos felizes...

Filinto: — Imagina eu fazendo romances! Era porque ela queria. Também só me sentava à mesa depois que me dizia: tem que fazer um capítulo hoje com estes personagens, dando-lhe este desenvolvimento.

João do Rio: D. Júlia sorri. Como o tramway passe, precipito-me, e, ao tirar o chapéu, já dentro do carro, vejo no terraço os três airosos perfis dos três petizes de Filinto, que adejam no ar as mãozinhas de rosas.⁵⁷

Antes que os anos 1900 chegassem, a família celebrou a vinda de mais uma integrante. No dia 13 de julho de 1899, nasceu Lucia Lopes de Almeida, na Rua do Curvelo, em Santa Teresa, hoje Rua Dias de Barros. No mesmo ano, Filinto escreveu a comédia em verso *O Beijo*, que foi apresentada em 5 de dezembro no teatro português Dona Amelia, em Lisboa. O poeta, dramaturgo e jornalista chegou ao último ano do século com posição garantida no ramo empresarial. Na edição 1º de janeiro do jornal *A Notícia*, um anúncio da Companhia de Seguros A Educadora o apresentou como secretário-tesoureiro, enquanto Valentim Magalhães era o presidente. Em 1901, Filinto entra para a “Associação dos Empregados do Comercio do Rio de Janeiro”.

Figura 17: Anúncio da Educadora em *A Notícia*, edição de 1 de janeiro de 1900.

16

JANEIRO 1 — Rio de Janeiro — JANEIRO 2

A EDUCADORA

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA

FUNDADA EM 1890

SEGUROS REALIZADOS 50.000.000\$000

SINISTROS PAGOS 1.937.625\$320

A Educadora é a mais importante das companhias puramente nacionais que actualmente funcionam no Brasil.

A Educadora tem todas as suas reservas intactas e empregadas em valores de primeira ordem.

A Educadora até hoje não tem tido uma única reclamação sobre o pagamento dos sinistros.

A Educadora liquida todos os sinistros imediatamente depois da apresentação das provas de morte.

As apólices d'**A Educadora** são mais vantajosas e mais económicas do que as de todas as outras companhias.

A Educadora empresta dinheiro aos segurados desde que a sua apólice tenha tres annos de expediação.

A Educadora reparte entre os seus segurados 75% dos seus lucros líquidos.

A Educadora, pelos seus estatutos, veda-se qualquer operação especulativa em que possa comprometer seus titulos ou valores.

A Educadora acaba de estabelecer uma nova tabela para seguros commerciaes, cujos contractos, feitos sobre as vidas dos socios de um estabelecimento de commercio conjuntamente garantem um capital fixo para o dito estabelecimento, no caso de que venha a fallecer qualquer dos socios dentro do prazo do seu contracto social.

A Educadora adopta as combinações mais liberas e vantajosas para os segurados, abstando-se de offerrecer combinações que redundem em onus para os segurados, isto é, seguros que não possuam sobre tabelas mais pesadas que as normaes.

As tabelas d'**A Educadora** são mais modicas do que as de qualquer outra companhia.

DIRECTORIA.— Presidente, Dr. Valentim Magalhães. — Secretario-thesoureiro, F. Filinto de Almeida.

SÉDE SOCIAL — LARGO DE S. FRANCISCO DE PAULA N. 6 — RIO DE JANEIRO

Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Nacional.

⁵⁷RIO, João do. O momento literário. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/Dep. Nacional do Livro, 1994[1905].

A família, naquele ponto, estava formada. Juntos, Filinto e Julia tiveram 6 filhos, mas puderam ver crescer apenas 4: Afonso, consagrado poeta e diplomata; Albano, que se tornou pintor; Margarida, grande escultora e exímia declamadora, e Lúcia, pianista e cantora.⁵⁸ Eram todos artistas. Para acomodar todos estes futuros talentos, o casal Julinto decidiu construir um casarão naquele terreno que haviam comprado.⁵⁹ João do Rio, responsável por um conjunto de entrevistas com importantes nomes da literatura no início do século XIX, descreveu o local como “Um lar de Artistas”:⁶⁰

Estávamos na casa de Filinto de Almeida, um cottage admirável, construído entre as árvores seculares da estrada de Santa Teresa. Eu descera do tramway sob uma forte carga de chuva e, enlameado, molhado, em baixo da branca escada de mármore, não sabia como explicar tão lamentável estado. A casa de Filinto fica a dez minutos da cidade e é como se estivesse perdida num afastado bairro. Não há vizinhos; não há trânsito pela estrada, a não ser o bonde de quarto em quarto d’hora. Uma grande paz parece descer das árvores. Todas as janelas estão abertas. A sala, de um largo conforto inglês, tem uma biblioteca com os livros preferidos dos poetas, um vasto bureau cheio de papéis e revistas, e uma porção de quadros com assinaturas notáveis de Sousa Pinto, Amoedo, Parreiras...

Nessa entrevista, ao receber uma das pequenas filhas, Lúcia, que aparece na sala, Filinto declara: “Esta casa está perdida, fazem todos versos, são todos poetas, o menos poeta sou eu...”⁶¹ Naquele casarão, que fazia fundos com o que veio a ser o de Laurinda Santos Lobo, concentraram-se saraus e encontros de acadêmicos e artistas em ascensão no período. Os admiradores que passavam de bonde na rua, se tivessem sorte, poderiam ver Júlia cuidando das suas roseiras. Ou até mesmo Filinto fazendo bolinhas de pão para alimentar os passarinhos em uma das janelas.⁶² E não era difícil avistar essas cenas, já que a Rua do Curvelo era uma daquelas que já nasceram íntimas, familiares, incapazes de permitir uma movimentação qualquer sem que os vizinhos não soubessem.⁶³ Além das roseiras, todas as plantas e árvores eram supervisionadas por ela. Seu jardim era todo

⁵⁸ Entrevista de Álvaro Salgado - Poetas do Brasil: Filinto de Almeida.

⁵⁹ Sobre o pseudônimo Julinto ver: COSTRUBA, Deivid Aparecido. Para além do sufragismo: a contribuição de Júlia Lopes de Almeida à história do feminismo no Brasil (1892-1934). 2018. 200 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2018.

⁶⁰ RIO, João do. O momento literário. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/Dep. Nacional do Livro, 1994[1905].

⁶¹ Idem.

⁶² FAEDRICH, Anna; FANINI, Michele Asmar. Entrevista com os netos de Júlia Lopes de Almeida: Claudio e Fernanda Lopes de Almeida. Aletria, Belo Horizonte, v. 30, n. 4, 2020, p. 315-328.

⁶³ RIO, João do. A Alma Encantadora das Ruas: crônicas. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995.

arborizado e verde. Nesse jardim, ela construiu um palco e uma plateia, que nomeou *Salão Verde*. Nesse palco, foram encenadas muitas peças e espetáculos culturais.

Figura 18: Montagem com Fotografias da família Lopes de Almeida.

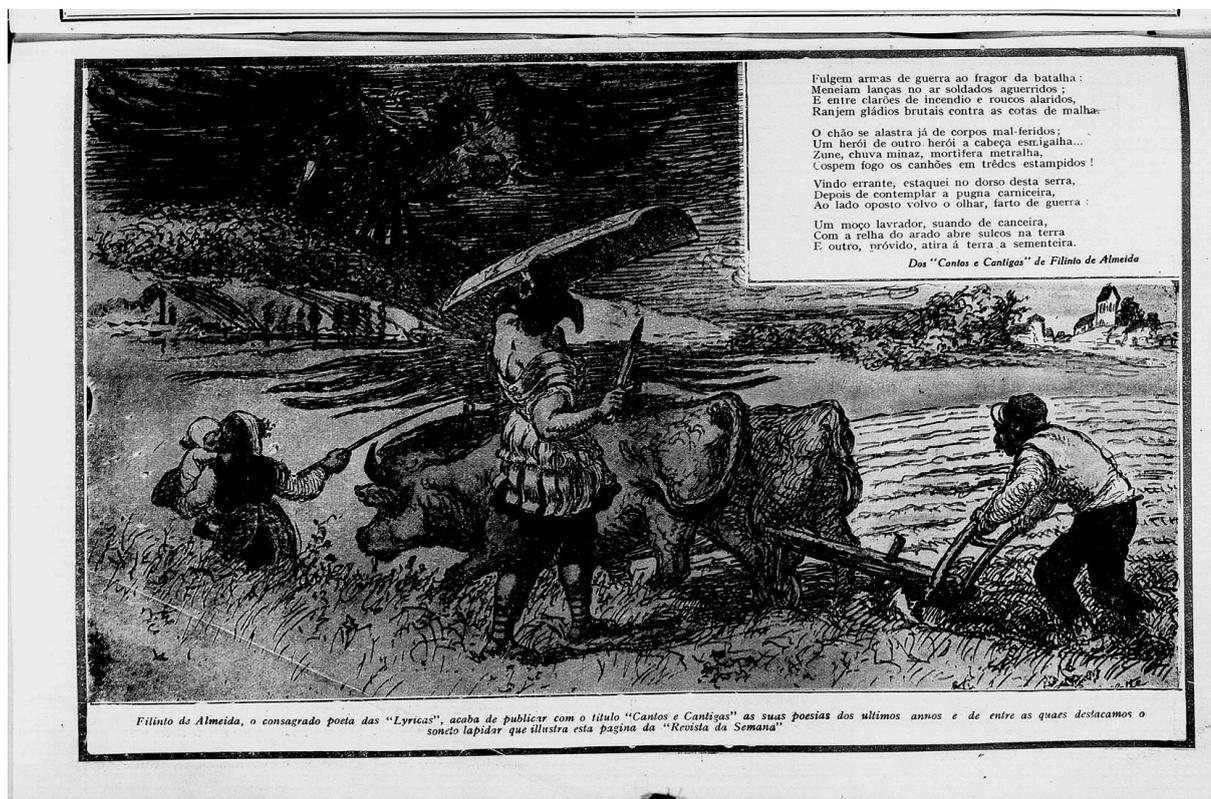


Fonte: Arquivo Filinto de Almeida/ ABL⁶⁴

Se o procedimento de pesquisa sobre uma vida pode ser associado com o de um caçador que persegue o rastro de sua presa, eu enquanto pesquisadora perdi o rastro de Filinto entre os anos de 1901 e 1912. A ausência de documentos que citam o intelectual durante esse período me impediu de discorrer mais sobre estes 11 anos. Espero poder suprir estas lacunas em outros momentos. Dito isso, com os filhos já crescidos, o casal Julinto passou outra temporada na Europa. Em 1913, Filinto e Julia fizeram uma passagem por Lisboa, onde foram prestigiados com um jantar no salão de honra do Palace Hotel. Em 1914, foram recebidos em Paris, em um banquete de 400 convidados, que tinha como pretexto apresentar a escritora ao mundo intelectual francês. No ano de 1915, Filinto publicou o livro de poesias chamado *Contos e Cantigas*, que reuniu alguns escritos que produziu nos anos anteriores.

⁶⁴ Fotografia da família Lopes de Almeida. Arquivo Filinto de Almeida/ABL. Machado, Eliza Salgado de Aguiar. Arquivos Pessoais: Implicações teóricas e a organização do Arquivo Filinto de Almeida. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia)- Instituto de Arte e Comunicação Social – Universidade Federal Fluminense. Niterói: UFF, 2017

Figura 19: Divulgação de *Contos e Cantigas* na *Revista da Semana*, edição de 16 de janeiro de 1915.



Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Nacional.

Após um longo tempo sem colaborações de fôlego na imprensa, no dia 13 de janeiro de 1919, Filinto publicou a primeira crônica no jornal *A Noite*, substituindo a tarefa semanal então ocupada por Alberto de Oliveira. A partir deste dia, seus textos discutiram o dia-a-dia carioca por pelo menos 99 semanas, sendo a última publicada em 28 de novembro de 1921. Exceto nas quatro edições ausentes na hemeroteca digital, da Biblioteca Nacional, e em alguns afastamentos por motivo de viagens ou saúde, Filinto escreveu todas as segundas-feiras sobre a cidade, livros, amigos, leis, teatro, cinema, e sobre o tempo.⁶⁵ Ao final do mesmo ano, foi lançado o livro *Colunas da Noite*, que reuniu as produções dedicadas à revista durante três anos. É nessa mesma revista para a qual Filinto dedicou atenção semanal por alguns anos que a notícia de sua partida para a Europa em 1924 foi anunciada.

No dia 2 de abril, as páginas de *A noite* informaram sobre a viagem que seria feita com acompanhamento da filha Lucia, no dia seguinte, com o objetivo de buscar tratamento médico. No dia 24 de abril, uma notícia em *O Paiz* informa a chegada de

⁶⁵ Não encontram-se digitalizadas as edições de *A Noite* referente aos dias: 12/05/1919, 15/12/1919, 19/01/1920 e 25/10/1920.

Filinto e Lucia a Lisboa. É possível que a escolha para o período da mudança tenha se dado pois a filha Margarida tinha sido laureada com o prêmio “Viagem a Paris” pela Escola Nacional de Belas Artes, onde realizaria um estágio subvencionado. No ano de 1925, toda a família se muda para Paris. *O Paiz*, na edição de 25 de abril, citou a premiação de Margarida e a mudança para a Europa. No dia 9 de abril de 1931, uma nota no *Diário de Santos* informou que Filinto estava deixando Paris rumo a Lisboa, onde pegou a embarcação para retornar ao Rio de Janeiro.

Em 1934, Filinto estava no Brasil esperando pela chegada de sua amada, que retornava para a América depois de visitar a filha Lúcia em Moçambique, país onde o seu marido Carlos de Noronha tinha um cargo no governo.⁶⁶ Contudo, Filinto recebeu a companheira de vida doente e sem forças para enfrentar a Malária, que foi contraída na viagem. Julia faleceu na cidade do Rio de Janeiro, com 71 anos, no dia 30 de maio de 1934. Quatro anos depois, Filinto publicou uma edição particular de *Dona Julia*, livro que reuniu poemas escritos para a sua esposa amada ao longo de sua vida conjugal. O poeta permaneceu no Rio, um tempo sob os cuidados da filha Lúcia e depois sob os cuidados da filha Margarida, que estava na Europa desde 1925 e voltou para ficar com o pai. No dia 29 de janeiro de 1945, 10 anos depois de Julia, Filinto faleceu, também em solo carioca, aos 87 anos.

Nos alicerces do casarão no morro Santa Teresa, enterrado junto com as fundações, existe um baú. Nesse baú, e por iniciativa de Júlia, a família reuniu informações da época, como jornais e revistas.⁶⁷ Talvez ainda estejam lá páginas do *Jornal do Comércio*, da *Gazeta de Notícias*, da *Revista da Semana*, do *O Malho* ou de *Fon-Fon*.⁶⁸ Junto disso, existe uma carta de cada filho que, a pedido do poeta e da romancista, escreveu alguma coisa de si mesmo para deixar registrado. Não é difícil imaginar a família reunida no *Salão Verde*, com a cidade do Rio de Janeiro aos pés, a brisa carregando o cheiro das roseiras tão bem cuidadas por Júlia, escrevendo o que gostaria de deixar registrado para as gerações futuras. Lucia, a caçula, estava na primeira infância e colocou “garranchos”; certamente Julinto escreveram coisas bonitas. Infelizmente, não se lembrava do local onde o baú foi enterrado. Está lá até hoje.⁶⁹

⁶⁶ FAEDRICH, Anna; FANINI, Michele Asmar. Entrevista com os netos de Júlia Lopes de Almeida: Claudio e Fernanda Lopes de Almeida. *Aletria*, Belo Horizonte, v. 30, n. 4, 2020, p. 315-328.

⁶⁷ Idem.

⁶⁸ SALIBA, Elias Thomé. *Cultura/As apostas na República*. In: *A abertura para o mundo: 1889-1930*. v. 3. Coord: Lilia Moritz Schwarcz. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. pp. 239-294.

⁶⁹ FAEDRICH, Anna; FANINI, Michele Asmar. Entrevista com os netos de Júlia Lopes de Almeida: Claudio e Fernanda Lopes de Almeida. *Aletria*, Belo Horizonte, v. 30, n. 4, 2020, p. 315-328.

Figura 20: Sala do casarão no Morro Santa Teresa, com quadro da família ao fundo.



Fonte: Arquivo Filinto de Almeida/ ABL

O baú preservou algumas memórias escritas da família, mas o casarão foi o espaço que abrigou a produção de muitas outras. A sala de jantar, com a mesa de seis cadeiras, tinha condições de acolher os pais e seus quatro filhos ao mesmo tempo. No cômodo com móveis de madeira sofisticados, louças expostas e quadros de fotografias pendurados, muitas conversas surgiram, planos foram elaborados e amigos foram recebidos. O envolvimento da família Almeida na criação e manutenção de alguns espaços de sociabilidade intelectual será discutido no próximo capítulo. No morro Santa Teresa, e talvez nessa sala de jantar, o casal sediou, dentre outras, algumas das reuniões de construção do projeto da Academia Brasileira de Letras. Ao longo dos processos de definição, forjou-se também o cenário que atribuiu a Filinto o papel de coadjuvante de sua própria biografia, que o nomeou como “acadêmico consorte”.

3. ENCONTRO COM UMA DEUSA: PARTICIPAÇÃO DE FILINTO DE ALMEIDA EM CIRCUITOS CULTURAIS

Às nove horas da noite de um dos primeiros dias do ano de 1918, reuniu-se debaixo das árvores, no “Salão Verde” de Filinto e Julia Lopes de Almeida, um auditório distinto. Sob o ruído de aves e insetos noturnos, sentindo a fragrância das hortênsias que, iluminadas por luz artificial, decoravam o ambiente, uniformes brancos de alguns oficiais ingleses se destacavam entre os *smokings* e as casacas. Em companhia do oficial Judice Bicker, estavam presentes também o secretário da Embaixada Justino de Montalvão, o dramaturgo português Dr. Marcellino de Mesquita e o poeta Dr. Augusto Gil. A razão de tamanha reunião foi a festa em benefício da Assistência de Santa Theresa, organizada por Julia, na qual foi representado o episódio bíblico em um ato “Nos Jardins de Saul”, de autoria da organizadora, com música do maestro Alberto Nepomuceno.

De acordo com a *Revista da Semana*, que divulgou a peça em três páginas, a interpretação do episódio foi feita pelas duas filhas da ilustre escritora brasileira, senhorinhas Margarida e Lúcia Lopes de Almeida, pela sua nora, casada com Afonso Lopes de Almeida, e pelo filho mais novo, Albano, que desempenhou o papel de David. Os outros papeis estavam distribuídos às senhorinhas Adelaide Lopes Gonçalves, Herminia R. da Cunha, Sara Cabral, Nadine Tross, Consuelo Gatell, Maria Câmara, Zite Roxo e Ivy de Castro, e aos senhores Nestor E. de Figueiredo e Oswaldo Menezes.

Encerrada a apresentação do ato, a plateia privilegiada viu as senhorinhas Helena van Erven e Margarida Lopes de Almeida recitarem, em desafio de talento e de encanto, a serenata de Filinto de Almeida, “A Mentira do Luar”, e logo em seguida Afonso Lopes de Almeida, com sua irmã Margarida, recitarem o seu diálogo em verso, no gênero das “Noites” de Musset, “O Poeta e a Sombra”, que o autor da matéria disse ser talvez o seu melhor trabalho poético, de mais profunda e humana unção, de uma nitidez de ideias magistral e aquecida pelo mesmo sopro romântico que fazia palpitar os versos do poeta da “Nuit d'Octobre”. Um lar de artistas, de fato, como nomeou João do Rio. Ou ainda, nas palavras impressas, “Familia feliz e deveras illustre esta, em que desde os Paes aos Filhos a sublime scentelha da arte fulgura em cada alma desse lar, guardada pela divindades moraes da Honra e, da Virtude!”⁷⁰

⁷⁰ Revista da Semana, *Semana Elegante*, de 12 de janeiro de 1918.

Figura 21: Divulgação da peça encenada nos jardins do casarão em Santa Theresa. Revista da Semana, edição de 12 de janeiro de 1918.

Revista da Semana

Semana Elegante.

"Nos Jardins de Saúl"... nos jardins de D. Julia

Foi uma das mais encantadoras festas elegantes do anno a representação nos perfumados jardins do palacete do casal Filinto de Almeida, em Santa Theresa, do episodio biblico em um acto «Nos Jardins de Saúl», de D. Julia Lopes, com musica do maestro Alberto Nepomuceno. A festa era em beneficio da Assistencia de Santa Theresa, e na interpretação do episodio entravam as duas gentilissimas filhas da illustre escriptora brasileira, senhorinhas Margarida e Lucia Lopes de Almeida, sua nora, senhora Affonso Lopes de Almeida e seu filho mais novo, Albano, que desempenhava o papel de David. Os outros papeis estavam distribuidos ás senhorinhas Adelaide Lopes Gonçalves, Herminia R. da Cunha, Sara Cabral, Nadi-

D. Julia Lopes de Almeida.




Nos jardins de Saúl—As servas na fonte

Augusto Gil. Uma branda aragem refrescava a noite tropical. Depois de algumas palavras do dr. Francisco de Castro, agradecendo em nome da Assistencia de Santa Theresa a offerta generosa que D. Julia Lopes lhe fazia daquella festa de arte, as luzes da invisivel ribalta acenderam-se. Da obscuridade surgiu, illuminada por uma sabia graduação luminosa, a scena natural, de longa perspectiva, e tão linda como a não executaria o mais genial scenographo. Faltam apenas, nos ultimos planos, as muralhas do palacio do rei dos Hebreus. Mas as frondes entrelaçam-se de tal modo, fechando o horizonte, que permitem á imaginação aceitar a presença longinqua dos baluartes do palacio de Saúl. A scena representa uma parte agreste dos jardins reaes. Um bando de servas, com es longas tunicas israelitas de mangas largas e o manto cutto pela cabeça, veem encher á fonte de Magron as amphoras coloridas.

Ouve-se ao longe, vindas dos terraços régios, as vozes dos levitas de David. As servas, sob a romanseira que cobre de flôres e sombra o murmuro da fonte, enchem os cantaros e conversam. Fallam de David, o ungido de Deus, o favorito de Saúl, o herce que abateu o gigante Goliath e que derrotou os Philisteus; fallam de Merob, a filha mais velha de Saúl, que anda pelas estradas, de noite, acompanhada pela sua serva confidente, interrogando as moças pobres, perguntando-lhes se teem mãe... Em meio de suas conversas, chega, correndo, des-

ne Tross, Consuelo Gattell, Maria Camara, Zite Roxo e Ivy de Castro, e aos srs. Nestor E. de Figueiredo e O.waldo Menezes.

O theatro foi improvisado num «plateau» do embalsamado jardim do palacete da rua Dr. Murinho.

As aléas que subiam, por entre os canteiros, até ao pequenino planalto do theatro, estavam decoradas de hortensias. Na verde sombra vegetal, sob as frondes do ervoredo, a accumulção das hortensias, illuminadas pela luz electrica, produzia um surpreendente effeito decorativo.

Em volta da platéa havia-se construido uma archibanca-

MEROB (senhorinha Margarida Lopes de Almeida) em companhia da sua serva MARTA (senhorinha Lopes Gonçalves), interrogando a ZAGALA (senhorinha Lucia Lopes de Almeida).

Depois, sob as ramagens, o céu estrelado, o voo das aves noturnas e a orquestra invisível dos insectos, dançou-se. Foi uma festa de arte e de beleza. E assim foi por inúmeras vezes naquele casarão. Espaço símbolo das trocas intelectuais no início do século XX, o edifício no morro Santa Teresa reuniu com frequência poetas, dramaturgos, músicos, embaixadores e figuras políticas de diversos países que passavam pela Capital. Muitos dos encontros eram divulgados na imprensa, devido ao tamanho prestígio e contatos do casal de intelectuais. Em edição de 1912, a *Semana Risonha*, dentro da *Revista da Semana*, mencionou outro evento, a realizar-se na quarta-feira, em de uma agenda cheia de atividades:

Pae do céu, o que vae de festas por esse Rio fora!... O que vae de animação por essa cidade de Mem de Sá, neste inverno, com ares de verão que é dum homem mesmo pensar que está em Dezembro ou em Janeiro, quando é apenas Agosto que vae correndo. [...]

— Sabbado á tarde: Abertura da Exposição de Helios Seelinger. Avenida. A' noite: Festa da Concórdia, no Municipal. Baile nos Democráticos e, a seguir para mostrar aspectos typicos do Rio a jornalistas argentinos, "penetração" em um bailinho popular de entradas em rua escusa, baile dos chamados de "quem traz não leva", para significar que quem entra com uma dama (geralmente "trigueira" — mesmo preta, vista de perto) não sae com ella...

Domingo — A's 10 da manhã, partida em pic-nic pela Guanabara, a mostrar os encantos da bahia ao pintor Mattoso da Fonseca. Almoço, passeios, risos, alegria, espirito — uma delicia, com calor a valer.

Segunda — Jantar de Mattoso da Fonseca que vae partir... A' noite festa em casa do General Prefeito, festa amiga, festa d'Arte — encantadora...

Terça — Jantar de Vila y Prades e senhora que festejam o êxito da exposição que esse grande Pintor hespanhol foi abrir em S. Paulo.

Quarta — Festa aos jornalistas argentinos. Corso no Parque da Boa-Vista. A' noite: serão a Villa y Prades em casa dos artistas Filinto de Almeida e Julia Lopes de Almeida —...

Intercalado com tudo isto, trabalho, chronicas, reportagens, criticas theatraes idas aos theatros, aos *clubs*... E' de arrasar, positivamente de arrasar!... E, arrasados, como ha de um homem escrever Semanas Risonhas?

B. C.⁷¹

Anos antes desta agenda ser divulgada, o casarão foi um dos locais que sediou as discussões em torno do projeto que culminou na criação da Academia Brasileira de Letras

⁷¹ Programação dos eventos da semana no Rio de Janeiro. Revista da Semana, 17 ago. 1912.

em 1897⁷². A partir dos encontros de das tertúlias no salão, desdobrou-se a criação da *Revista Brasileira*, na qual Filinto publicava junto com outros nomes que costumava receber em sua casa, e que tornou eventualmente outro ponto de encontro da intelectualidade carioca. O casarão e a revista foram, então, dois dos espaços de agremiação literária que possibilitaram a criação de uma instituição voltada para o culto às letras, nesse caso a ABL. A situação no Rio de Janeiro foi muito parecida com a constituição do meio intelectual da França (uma das grandes inspirações para os brasileiros do período), investigada por Jean-François Sirinelli (2003). Para o autor, os “salões” eram espaços de sociabilidade decisivos na fronteira entre os séculos XIX e XX, e acabaram sendo substituídos pelas salas de redação das revistas e pelos conselhos editoriais⁷³.

Sirinelli considera esses lugares, antes de tudo, como locais de fermentação intelectual e de relação afetiva. As conexões que surgem nestes espaços dão origem a redes e “microclimas”⁷⁴, onde o comportamento dos envolvidos apresentam traços específicos. Dançar sobre o céu estrelado ao assistir a uma peça de teatro junto com os amigos são também momentos de efervescência de ideias, de construção política. O casarão em Santa Teresa foi, portanto, o local para o cultivo das artes, das letras, da política e dos afetos. No caso de Filinto de Almeida, essa aptidão para a cortesia e a habilidade de socialização não surgiu por acaso. Foi um encontro com a deusa Poesia, ainda quando trabalhava no comércio, que o transformou em nome importante no período. Quem contou o episódio foi Gaspar da Silva, na matéria “Letras e Artes: Camapheus”, na edição de 4 de julho de 1880 de *A Constituinte de SP - Orgam Liberal*:

A poesia, passando, casualmente, em uma das ruas mais commerciaes do Rio de Janeiro, lobrigou Filinto d'Almeida, em mangas de camisa, a vender chitas, Agradou-lhe o moço. Fitou-o expressivamente e sorriu-se... O sorriso da deusa quasi fulminou o pobre caixeiro. No dia seguinte, após longas horas de interiores combates, Filinto despediu-se do patrão e fez-se poeta e bohemio. Reputo-o um poeta de primeira ordem. Admira-se em quasi todas as suas producções, a par da fôrma elegantíssima e musical, uma invejável originalidade de concepção. Não sei de poeta portuguez ou brasileiro, recém-apparecido, que menos haja cedido á influencia dos corypeus da escola realista. E, todavia, Filinto não é lyrico. Acompanha a evolução sem ariscar a sua individualidade. As suas inspirações

⁷² FANINI, Michele Asmar. *Fardos e fardões: mulheres na Academia Brasileira de Letras (1897-2003)*. 2009. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

⁷³ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma história cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 231-269.

⁷⁴ Idem, p. 252.

não são bebidas em Victor Hugo ou em Baudelaire ou em Lecomte de Lisle ou em Guerra Junqueiro; são próprias.

Gaspar da Silva, português de nascimento, circulou pelo Brasil entre os anos de 1876 e 1890, atuando como um mediador cultural entre os dois países. Colaborou em jornais como a *Província de São Paulo*, foi proprietário e diretor do *Diário Mercantil* (1874-1890), também em São Paulo, e foi livreiro na cidade de Campinas. Atuante em diversas folhas, contribuiu para a divulgação do repertório e dos debates da literatura portuguesa da época, bem como da literatura brasileira em Portugal. Na mesma direção de Filinto, seu nome também acabou ficando apagado da memória histórica quando discutida a atuação de portugueses na imprensa brasileira.⁷⁵ Dentro desse projeto, Gaspar conheceu o homem que tinha acabado de se tornar poeta e boêmio logo depois do encontro com a deusa. Para comprovar seu ponto e a razão dos seus elogios, Gaspar apresentou em conjunto um dos sonetos de Filinto:

LUNA

Como que a natureza arfava de cansaço
Nessa noite hibernal e negra e tenebrosa;
Congelava-se ao frio o calico da rosa
E fugiam, tremendo, insectos pelo espaço.

Na gelida espessura a negra massa immensa...
Brilhavam subtilmente uns fátuos pyrilampos,
Única luz que havia a illuminar os campos,
Na tenobra fatal da abobada suspensa.

E, ao longo, contemplando as magoas da natura,
Eu expandia a sós na lobrega planura
A minh'alma infeliz—eterna miseranda;

Mas quando mais espessa a escuridão ficou,
O rosto teu formoso a terra illuminou,
Surgindo de repente ás grades da varanda!

Na conclusão dessa matéria, previu: “Se continuasses no commercio, oh meu caro Filinto, chegarias a commendador. Como poeta, terás uma vida tormentosa e apenas

⁷⁵ O trabalho de Célia Regina da Silveira contribui para o resgate da atuação de Gaspar da Silva no Brasil. Ver: SILVEIRA, Célia Regina. Trajetória de Gaspar da Silva na imprensa luso-brasileira em fins do século XIX: mediador cultural entre os dois lados do Atlântico. In: Sociedade de Estudos do Oitocentos SEO. Anais dos Seminários Internacionais, Volume 2, 2017. Disponível em: <<https://www.seo.org.br/volume-2-2017>>. Acesso em: 20/12/2024.

conseguirás chegar à glória!”⁷⁶. Eram portanto dois jovens poetas portugueses encontrando apoio no além mar. Em 1880, Gaspar tinha 25 anos e Filinto 23. Cada um tentando compreender seu estilo, ou ainda testar maneiras diferentes de escrever. Em matéria anterior no mesmo jornal, na edição do dia 16 de junho, a originalidade na escrita já tinha sido exaltada por Gaspar, mesmo sem mencionar o encontro com a deusa.

Reputo-o um poeta de primeira ordem. Admira-se em quasi todas as suas producções, a parda forma elegantissima e harmoniosa, uma estranha originalidade na concepção. Não sei de poeta portuguez ou brasileiro, recém-apparecido que menos haja cedido á influencia dos coripeus da escola realista. E, todavia, Filinto não é lyrico. Acompanha a evolução, sem arriscar a sua individualidade. Ha, aqui e em Portugal, muitos rapazes dotados de estro que seriam bons poetas, se não teimassem em imitar servilmente Guerra Junqueiro. Do sublime ao ridículo, pouco dista. Elles, não podendo attingir as alturas a que se eleva o autor da MUSA EM FÉRIAS, cahem a meio vôo... desastradamente.⁷⁷

Então, um dos elogios recebidos por Filinto no início de sua carreira foi o de que ele não era “lyrico”, o que estava conectado com sua originalidade. Logo ele, que foi chamado de “O poeta da Lyrica” por Rodrigo Octavio (em versos apresentados no primeiro capítulo deste trabalho), apenas sete anos depois dos comentários de Gaspar. A seara do biógrafo ou da biógrafa, diz François Dosse, é “captar os mil e um desvios da existência humana”⁷⁸. Neste caso, o desafio de narrar uma vida longa e multifacetada, perpassa pela aceitação de que o estilo e os interesses de escrita de um jovem no final do século XIX não eram os mesmos daquele senhor de 81 anos que publicou um livro de poesias em homenagem à esposa falecida.

Filinto caminhou por muitas ruas, por diversos países, conversou com muita gente e ajudou a criar grupos que atuavam na construção de um projeto político de nação através da imprensa. Em certo momento, se afastou um pouco das publicações para se dedicar ao trabalho no comércio. Mas nunca desapareceu. Ao longo das próximas linhas, registros de suas participações em periódicos, fotos de eventos, viagens e amigos, e detalhes dos costumes e preferências do casal *Julinto*, são apresentados com o propósito de dimensionar a presença do poeta e jornalista no interior dessa rede que se formava. Contemplo a vida do escritor não como algo que antecede e determina a obra, mas como algo que lhe segue, inspirada pela maneira como Roland Barthes leu a biografia de Proust

⁷⁶ Gaspar da Silva, na matéria “Letras e Artes: Camapheus”, na edição de 4 de julho de 1880 de *A Constituinte de SP - Orgam Liberal*

⁷⁷ Gaspar da Silva, na matéria “Letras e Artes: poetas portuguezes no Brazil”, na edição de 16 de junho de 1880 de *A Constituinte de SP - Orgam Liberal*.

⁷⁸ DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: escrever uma vida*. 2. ed. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2022, p. 122.

escrita por George Painter⁷⁹. Nessa contemplação, nos deparamos também com a possibilidade de alterar a personalidade do outro por meio das palavras e das fontes que são escolhidas. As controvérsias e as críticas feitas à figura de Filinto serão incluídas nessa análise.

Em 1893, um texto no *Correio Paulistano*, assinado por “EU”, atualizou a situação de Filinto, contando como andava seu estilo de escrever, se vestir e se alimentar. Nesse ponto, o elogio de Gaspar da Silva já havia perdido a razão:

Berlinda
Sr. Filinto de Almeida
LXVIII

Alma lyrica de poeta. Sonetisa as ideias felizes em versos dulçoroso á João de Deus. Disso temos á mão um documento precioso - a “Lyrica”, cujas poesias reçumam mellifluas doçuras de sentimento. Entretanto, seu physico é a negação do seu idealismo, a julgar pela craveira da opinião romantica. Antigamente, o poeta era uma rapazelho escaveirado, pobre de carnes e rico de sonhos.

Não comia beef, mas almoçava, jantava e ceava azas de colibri, petaaalas de rosa e gottas de orvalho. Hoje em dia, o trovador passa outra vida: toma banho de chuva, trinca o seu beef ensanguentado, ingere o seu sorvete de morangos. D’ahi a diferença entre o physico do homem e a psychê do poeta - na individualidade de Filinto. De sorte que o que mudou não foi o lyrismo - foi o passadio dos trovadores. Mais beef, mais hygiene, mais alegria - eis tudo.

Filinto não escreve só linhas curtas - escreve tambem prosa, e parece-nos até que hoje escreve mais prosa do que verso. Que o digam “A. Bontempo” e “Arlequino”, do “Estado de S. Paulo”, onde elle exerce sua profissão de jornalista.

Além de tudo, o nosso estimavel collega é um estomago delicado - gosta de finas iguarias, de capitosos vinhos, etc. Brillat Savarin, si existisse, estrellar-lhe-ia a sobrecasaca de condecorações, pois tantos têm sido os combates gastronomicos em que tem entrado, sendo de notar que de todos elles sahiu triumphante, carregado de tropheus... culinarios. A vida de jornalista é isso mesmo. Para entrar nella deve-se saber de tudo, e, além do mais, possuir um estomago livre de dyspepsias.

Filinto de Almeida é deputado, e, como tal, já teve occasião de pronunciar uma pequena, porém sentida allocução a proposito dos naufragos do “Solimões”.

Seu vestuario habitual: costume de casemira clara, chapéu de côr, e flor na “boutonniére” da farpella.

Seu physico: cara gorda, cabeça oblonga, bigodes pretos, pés... caluda! De seus pés disse Valentim um rór de cousas na “Semana”. D’ahi por deante, Filinto tem sido victima de uma infinidade de calumnias. Que diabo! os pés do Filinto não são tão grandes... como pintam. Ha maiores.

Defeito: francamente, o Filinto é um anjo - não tem defeito algum. Perdão, retrucará o Prestes: é um demonio em figura de gente - tem cada peccadarão cabeludo de encher os olhos de muita gente de bastidores e... sem elles.

No mais: um deputado dentro de um poeta lyrico de talento.

EU.⁸⁰

⁷⁹ A discussão sobre a relação de biógrafos e biografados, acompanha o capítulo “Biografia, gênero impuro”, de Dosse. In: DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: escrever uma vida*. 2. ed. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2022

⁸⁰ *Correio Paulistano*. Edição de 28 de março de 1893.

Em 1893 Filinto de Almeida já estava casado, tinha sido eleito deputado e seu livro de poesias *Lyrica* já estava em circulação há 6 anos. Diferente do início de sua carreira no comércio e nas letras, a situação naquele momento, de acordo com “EU”, estava mais confortável. Se afastando da figura de jovem escritor pobre de carne e rico de sonhos, que se alimentava apenas de pétalas de rosas e bebia gotas de orvalho, agora vive de bifos suculentos e sorvete de morango. O gosto pelas finas iguarias e pelos bons vinhos era justificado pelo seu estômago delicado. Apesar das mudanças no estilo de vida (mais bifos, mais higiene, mais alegria), o que permaneceu foi seu lirismo.

A combinação do físico de homem com a psiquê de poeta permitia que Filinto escrevesse não apenas linhas curtas, mas também prosa, que ocupava agora mais espaço nas suas produções do que os versos. De tantos interesses de escrita, precisou criar camadas de personagens que resultaram em alguns pseudônimos, como “A. Bontempo” e “Arlequino”, especialmente no jornal *Estado de São Paulo*, onde era jornalista redator chefe naquele período. Além destes, assinou poesias e matérias com os nomes “Chico Férula”, “A.”, “A. Julinto” (com Júlia Lopes de Almeida), “Munícipe Urbano”, “João da Luz”, “Justo Leal”, “P. Talma” e “Zé Bananal”⁸¹. Como deputado, Filinto participava dos debates, criava projetos e até mesmo fazia discursos solenes, como no caso do naufrágio do navio Solimões, da armada brasileira, que afundou com quase toda a tripulação perto da costa uruguaia em 1892.

Quanto à aparência, a descrição sobre o corpo atlético e a musculatura de gladiador criada por Silvestre de Lima quando Filinto tinha 23 anos, em 1882, foi substituída por: cara gorda, cabeça oblonga, bigodes pretos e seus discutidos pés grandes. Em relação a sua vestimenta, um “costume de casemira clara, chapéu de côr, e flor na “boutonnière” da farpella”, são mencionados. Acompanhando os detalhes escritos sobre a moda do poeta, alguns desenhos ilustraram na imprensa essa composição, sem deixar de destacar a dimensão dos seus pés e de seus bigodes.

⁸¹ A lista completa dos pseudônimos pode ser acessada no site da ABL.

Figura 22: Ilustração de Filinto de Almeida.

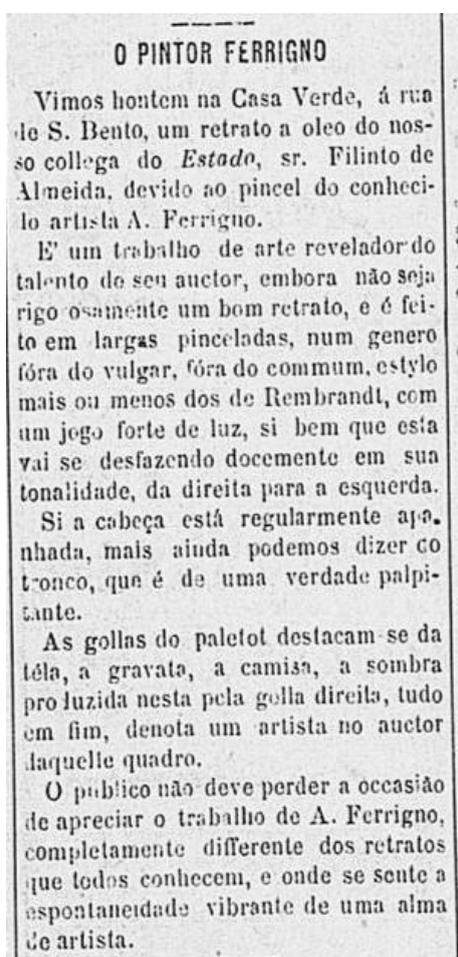


Fonte: Arquivo Filinto de Almeida/ABL

Além dos desenhos, Filinto também foi retratado em pinturas, como a que foi vista pela equipe do *Correio Paulistano* em 1895, na Casa Verde, na rua de S. Bento. O retrato a óleo foi produzido em largas pinceladas pelo italiano Antonio Ferrigno, que entre os anos 1893 e 1905, viveu no Brasil. Tendo passado a maior parte desse período em São Paulo, o artista é um dos responsáveis pela formação do imagético das fazendas de café e do dia a dia dos trabalhadores negros no Brasil. Grande parte de sua obra foi encomendada por Manoel Ernesto da Conceição, o Conde de Serra Negra, que pediu para Ferrigno retratar a sua Fazenda Victória nos anos finais do século XIX.⁸² Apesar do talento do pintor, o redator da matéria do jornal não achou necessariamente que a imagem de Filinto fosse boa.

⁸²Sobre as pinturas das fazendas de café produzidas por Antonio Ferrigno, ver: MOYSÉS, Stefanie Clarice Ramos. As pinturas das fazendas de café de Antonio Ferrigno. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 16, 2022. Atas do XVI Encontro de História da Arte. Campinas: IFCH/UNICAMP, n. 16, 2022.

Figura 23: Sobre o retrato de Filinto por A. Ferrigno, na Casa Verde. Correio Paulistano, edição de 13 de junho de 1895.



Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Nacional.

Pouco mais generoso foi o comentário publicado no *Estado de S. Paulo*, um dia antes. Ocupando duas colunas, o paisagista Antonio Parreiras, de quem iremos tratar a seguir, escreveu uma reflexão sobre a situação da arte no Brasil e o retrato de Filinto pintado por Ferrigno. Ao afirmar que o desenvolvimento artístico brasileiro segue ampliando e buscando superar dificuldades, Parreiras lamentou que ainda existissem pessoas capazes de encomendar retratos da Europa, enviando uma foto e amostras da cor do cabelo, para receber tempos depois de uma “fábrica”, uma pintura dura, onde o retratado parece um boneco de porcelana esmaltada. Ao contrário, o de Filinto feito por Ferrigno nada se parecia com aqueles que a Europa enviava. Feito em duas sessões, o resultado final provavelmente desagradou o “pacato burguez”, que, de acordo com

Parreiras, sempre achava péssimo e feito com tinta ordinária um quadro com grossas e artísticas pinceladas⁸³.

Figura 24: Antonio Parreiras sobre o retrato de Filinto de Almeida, pintado pelo italiano Antonio Ferrigno.

O Estado de S. Paulo, edição de 12 de junho de 1895.

No entanto, o retrato do nosso Filinto é um bom «quadro»—embora não seja um bom «retrato».
Antes assim—pois perde o Filinto, e ganha a arte. E como o tempo de ignorância artística já passou, e como hoje já existem em S. Paulo tantos amadores, é para o Ferrigno uma felicidade que assim possa ser julgado o seu trabalho.

Fonte: Acervo do jornal *O Estado de São Paulo* (Estadão).

Em pelo menos dois momentos, podemos imaginar, ocorreu o encontro de um português recentemente transformado em brasileiro com um italiano de passagem por São Paulo. Ao que parece, Ferrigno desviou de polêmicas ao optar por não pintar os pés de Filinto. Talvez eles tenham conversado sobre as saudades da Europa, já que ambos não pisavam lá há pelo menos um ano. Ou talvez a conversa tenha sido sobre as novidades que chegavam cada vez mais rápido neste país que os tinha acolhido, e sobre os círculos culturais que se formavam. De qualquer maneira, esse foi mais um dos encontros que fortaleceram a rede de conexões intelectuais de Filinto de Almeida. Se a exposição desse quadro teve impacto direto na vida do poeta, é difícil dizer. Mas, o espaço onde a obra foi encontrada pela equipe do jornal tinha o mesmo nome do único romance que Julinto escreveram juntos anos depois, a *Casa Verde*.

Filinto não era apenas motivo de produções visuais, mas também consumidor. No mesmo ano do texto que enalteceu a melhora na condição de vida do poeta e a passagem do consumo de pétalas para bifos suculentos, o *Correio Paulistano* divulgou algumas de suas aquisições. Entre os dias 15 e 30 de junho 1893, o jornalista foi uma das 3794 pessoas que compareceram na exposição de Antônio Parreiras, a primeira dele em São Paulo, no Salão União⁸⁴. Lá, o Dr. Julio Mesquita, Cezar Ribeiro e o poeta rifaram o

⁸³ *O Estado de S. Paulo*, edição de 12 de junho de 1895.

⁸⁴ *Correio Paulistano*, edição de 29 de junho de 1893. *Cidade do Rio*, edição de 19 de junho de 1893.

quadro “Antes da tempestade”, quadro que só iria encontrar seu destino final depois das duas horas da tarde do último dia, quando a exposição estivesse encerrada e apenas os interessados poderiam participar da disputa.

Sozinho, Filinto comprou os quadros “Agua Morta” e “Açude”. O primeiro, que pode ser encontrado também como “Still Water”, retrata um céu limpo e azul claro, uma colina de capins dourados, árvores de troncos brancos com poucas folhas e um pequeno lago de água esverdeada, que ajudava a manter também verde as pequenas plantas mais próximas. O segundo, de tons menos vívidos, apresenta um céu com muitas nuvens, uma colina pouco definida mais distante, e folhagens pontiagudas em primeiro plano, próximo de um açude azulado e escurecido. As pinceladas mais amplas acompanham a parte mais clara dessa pintura, no lado superior direito, onde árvores altas com folhas amarelas e verde claro se encontram.

Figura 25: Filinto compra os quadros “Aguas Mortas” e “Açude”. *Correio Paulistano*, edição de 29 de junho de 1893.

EXPOSIÇÃO PARREIRAS

Esta exposição foi visitada do dia 15 ao dia 26, por 3794 pessoas.

—Foram feitas as seguintes encomendas :

Chacara da Consolação, pelo dr. Eduardo Prado ; fazenda de Pirassununga pelo sr. Benço de Almeida Prado ; duas paisagens «em aguas claras», pela sra. d. Veridiana Prado.

—Quadros vendidos :

Antes da tempestade, rifado pelos srs. dr. Julio Mesquita, Filinto de Almeida e Cesar Ribeiro ; A' Beira do Lago e Angra, á sra. d. Veridiana Prado ; Serra do Rio Claro, ao sr. Cesar Ribeiro ; Aguas Mortas e Açude ao sr. Filinto de Almeida ; Manhã de Neblina, ao dr. Julio Mesquita ; Um estudo, ao sr. Eduardo Prado ; O Portão da Fazenda, ao dr. Pereira dos Santos ; No Porto, ao sr. Gabriel Prestes ; A Volta do Rio, ao sr. Gabriel Prestes ; A Volta do Rio, ao sr. Alberto Souza ; Depois da Colheita, ao sr. Julio Mesquita ; Um Curioso, ao dr. G. Cardim ; Icarahy, ao dr. Bueno de Andrada ; A Cabana, ao sr. Sampaio Vianna ; Brumas, a S. Resende ; Uma Família, ao dr. Luiz Piza ; Espirheiro em flôr, á sra. d. Belmira Negreiros ; Ao Rio, ao dr. Pereira dos Santos ; Na Praia, ao dr. Vicente de Carvalho.

—A exposição será terminada no dia 30 do corrente, ás 2 horas da tarde ; depois dessa hora só terão entrada as pessoas que forem receber os quadros comprados, ou as que tiverem interesse no sorteio do quadro grande, «Antes da Tempestade».

Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Nacional.

Essa foi a primeira exposição de Antônio Parreiras em São Paulo, depois de duas grandes vendas realizadas no Rio de Janeiro em 1892 e 1893. O pintor foi aluno da Academia Imperial de Belas Artes (AIBA), e se dedicou à pintura ao ar livre, tendo ministrado por um breve período aulas sobre a técnica na própria instituição em que havia estudado. Em uma viagem à Europa, em 1888, entrou na Academia de Belas Artes de Veneza, que frequentou por dois anos. De volta ao Brasil, criou sua própria escola e

dedicou-se a viajar realizando eventos para vender os seus quadros e os de seus alunos. Em uma dessas exposições, chegou a receber a visita do imperador D. Pedro II. Narrou sua vida sempre a partir do conceito de trabalho, tendo a produção da arte como a razão e o meio de sua existência.⁸⁵

Em uma dessas viagens, os caminhos do pintor se cruzaram com os do poeta, que, capaz de cativar uma deusa, não tinha problema em criar novas parcerias com os mortais. Esse contato poderia ter se resumido a uma relação de compra e venda, mas não foi. É possível que os quadros adquiridos por Filinto em 1893 tenham sido os primeiros a despertar maior interesse, não só dele como também de Julia. E é através dos escritos da romancista que identificamos a presença de Parreiras dentro do grupo de intelectuais que se formava na imprensa entre Rio de Janeiro e São Paulo. Em 1896, em uma exposição do artista no Rio, o catálogo das obras contava com textos sobre arte assinados por Julia Lopes de Almeida, Ibrantina Cardona, Adelina Amélia Lopes Vieira, Oscar Rosas, Aurélio de Figueiredo, Alberto Silva, Guimarães Passos, Arthur Azevedo, Olavo Bilac, Pereira da Silva, Valentim Magalhães e Coelho Netto.⁸⁶

Até aqui, nada indicava que a relação do pintor com o casal de escritores ultrapassasse a linha de troca intelectuais formais. Contudo, em 1905, Julia escreveu para o jornal *A Província do Pará* um texto de apresentação sobre Parreiras, que se preparava para uma viagem ao Pará. Na ocasião, a romancista inicia comentando sobre seu sonho de conhecer o Amazonas, que na sua imaginação deveria refletir tudo o que a natureza tem de mais belo, devido a sua grandiosidade. Ao discorrer sobre as razões desse sonho, transcreve uma lembrança:

Pensando nisso, lembra-me perfeitamente de que um dia, em minha casa, conversando com o pintor Antônio Parreiras, perguntei-lhe:

- Porquê não vai ao Pará?

Ele percebeu talvez nessa pergunta o desejo de eu ver depois reproduzidas nas suas telas paisagens que de outro modo me não será dado ver, e a conversa perdeu-se em assuntos vagos. Nem ele se lembraria disso e nem teria talvez reparado no meu sorrisinho satisfeito quando há dias me disse na sua linda exposição:

⁸⁵ A tese de Moema de Bacelar Alves analisa o trânsito de artistas no Brasil na virada do século XIX para o XX e destaca a trajetória de Antônio Parreiras. Ver: ALVES, Moema de Bacelar. *Quando os artistas saem em viagem: Trânsito de pintores e pinturas no Brasil na virada do século XIX para o XX*. 2019. 284 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

⁸⁶ Idem.

- Sabe?! Vou ao Pará.

Pois vai o Pará conhecer um dos nossos artistas de mais intensa expressão e o mais penetrante dos segredos de nossa natureza.

Ao talento fecundo de Antônio Parreiras. ao seu temperamento de lutador infatigável. junta-se uma imaginação vasada de poesia com que ele dá alma às coisas ou aos seres que reproduzem nas suas telas inumeráveis!⁸⁷

Parreiras foi, portanto, mais um dos personagens que subiram parte do morro Santa Teresa para compartilhar algumas horas na companhia do casal Julinto no casarão. Seus quadros foram avistados na sala dos intelectuais pelo cronista João do Rio, quando os visitou para entrevistá-los. Além disso, nas palavras de Julia, também consta a informação de que ela esteve presente em outra exposição do pintor dias antes, o que demonstra que o interesse por suas obras não foi passageiro, uma vez que 12 anos tinham se passado desde que Filinto adquiriu os dois quadros no evento em São Paulo. Seguindo os rastros dessa compra, encontramos o intelectual desfrutando momentos com Julio Mesquita e Gabriel Prestes, na época colegas na *Província de São Paulo*⁸⁸, e a romancista participando de projetos com Arthur Azevedo, Olavo Bilac, Pereira da Silva, Valentim Magalhães e Coelho Neto, todos amigos de Filinto e futuros colegas de fundação da ABL.

Por sorte, Filinto e família preocuparam-se em deixar muitos rastros, produzindo e mantendo um arquivo pessoal rico em diversidade de material. Graças ao advento de uma tecnologia de fixação de imagens criada na primeira metade do século XIX, a vida do poeta e jornalista foi também registrada em fotografias. Ganhando mais força nas primeiras décadas do século XX, a fotografia no Brasil foi incorporada às revistas ilustradas, o que auxiliou a construir uma percepção visual das cidades, dos círculos sociais, e até mesmo aproximar o país com o restante do mundo.⁸⁹ No arquivo de Filinto,

⁸⁷ O texto de Julia Lopes de Almeida no jornal *A Província do Pará*, na edição de 11 de junho de 1905, não está digitalizado. A versão original está alocada no Acervo do Museu Antônio Parreiras, fechado desde 2015 e com previsão de reabertura em 2025. Para este trabalho, o trecho utilizado foi extraído de: ALVES, Moema de Bacelar. *Quando os artistas saem em viagem: Trânsito de pintores e pinturas no Brasil na virada do século XIX para o XX*. 2019. 284 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

⁸⁸ A relação de Julio Mesquita e Gabriel Prestes é comentada no capítulo 3, “O jaguncinho que virou professor”, de Vanessa Monteiro. In: MONTEIRO, Vanessa Sattamini Varão. *Crianças do sertão: a história de vida dos jaguncinhos da guerra de Canudos*. 2011. 152 f. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, 2011.

⁸⁹ Sobre a História da Fotografia no Brasil: MONTEIRO, Rosana Horio. *Arte e ciência no século XIX: um estudo em torno da descoberta da fotografia no Brasil*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro. n. 34, julho-dezembro de 2004, p. 51-70. Sobre o uso das fotografias na imprensa carioca: MAUAD, Ana Maria. *Na*

sob os cuidados do Arquivo Múcio Leão da ABL, muitos desses momentos perpetuados em imagens sobreviveram, principalmente fotos com os amigos e com a família.

Para este trabalho, foram selecionadas algumas das imagens que possibilitam acessar uma parte mais íntima da vida de Filinto, em que ele estivesse descontraído e a vontade com os seus. É o caso das fotos com Silvestre de Lima e Valentim Magalhães, o primeiro, dono de uma das descrições mais generosas escritas a respeito do intelectual apresentada no primeiro capítulo, o segundo, seu maior companheiro de trabalho de toda a vida. Especialmente na foto com Silvestre de Lima, é possível observar a expressão de parceria e carinho presente nessas relações.

Figura 26: fotografia de Filinto de Almeida e Silvestre de Lima.



Fonte: Arquivo Filinto de Almeida/ABL

Figura 27: fotografia de Filinto de Almeida com Valentim Magalhães.



Fonte: Arquivo Filinto de Almeida/ ABL

Na imprensa, as fotografias de Filinto aparecem em divulgações de eventos oficiais nos quais participou, como a viagem ao Rio da Prata, quando fez parte da comitiva que acompanhou o Presidente Campos Salles nos meses de outubro e novembro de 1900. Na condição de jornalista e representante da Academia Brasileira de Letras, ele acompanhou o grupo que era composto por médicos, capitães, tenentes, generais, coroneis e outros intelectuais. Dentre eles, Lúcio de Mendonça, responsável por liderar a fundação da ABL, o General Quintino Bocayuva, o Dr. Castello Branco, e, apresentado lado a lado com o presidente do Brasil na edição de 14 de outubro pela *Revista da Semana*, General Julio Roca, então presidente da Argentina.⁹⁰

A viagem e seus integrantes foi noticiada em várias edições da revista. Os navios da “Divisão Branca”, responsáveis pelo transporte desse seletivo grupo eram o

⁹⁰ *Revista da Semana*, edições de 14, 21 e 28 de outubro de 1900.

Encouraçado Riachuelo, o Cruzador Almirante Barroso e o Cruzador Torpedeira Tamoyo. Ao longo das semanas, fotografias dos locais por onde a comitiva foi recebida, eram divulgadas nas páginas do jornal. Dentre esses espaços, o Salão de recepção do Palácio (Casa de Gobierno), em Buenos-Aires, o Palacete na Avenida de Mayo, esquina da rua Peru, a Escadaria de mármore do Palácio Presidencial da República Argentina⁹¹, a Rua Florida em cuja esquina estava o Consulado Brasileiro em Buenos Aires, o Edifício da Prefeitura de Polícia⁹², a Avenida Sarmiento, no Parque Três de Fevereiro e o Edifício da Escola Sarmiento, em Buenos Aires⁹³.

⁹¹ *Revista da Semana*, edição de 14 de outubro de 1900.

⁹² *Revista da Semana*, edição de 21 de outubro de 1900.

⁹³ *Revista da Semana*, edição de 28 de outubro de 1900.

Figura 28: Divulgação da viagem do Presidente Campos Salles ao Rio da Prata, na qual Filinto fez parte da comitiva. *Revista da Semana*, 21 de outubro de 1900.

184 — N. 23

REVISTA DA SEMANA

21 DE OUTUBRO DE 1900

A VIAGEM DO PRESIDENTE AO RIO DA PRATA

ANTONIO MURTINHO
da Faculdade Livre de Ciências
Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro

MAIS UM!

Sem o seu amor era impossível que elle continuasse a viver.
E (agora o reconhecia!), a ingrata nunca chegou a comprehender a grandeza do affecto que lhe inspirava.
Mentira os seus juramentos de amor! mentira os beijos que lhe havia dado e mentira o seu sorriso! mentira os seus olhares ternos! Tudo mentira e só mentira!
Em vez de odial-a, porém, como ella merecia, elle a amava! Amava-a sempre, mau grado a sua traição e a sua infamia! Talvez ainda mais por causa disso mesmo!
Era, pois, mister acabar com aquillo! pensava, afiando a navalha, que comprara sob o pretexto de fazer a barba.
E o passado vinha-lhe todo inteiro á memoria.
Fôra no Lyrico que a virá pela primeira vez.
Cantava-se a *Gioconda* e fôra tal a impressão que lhe causou, que nem sequer pôde apreciar a opera de Ponchielli.
Os laços foram pouco a pouco se apertando tão docemente, tão docemente, que elle não chegava nunca áter consciencia do abysmo em que se ia afundando.
E um bello dia, sem mais nem menos, por um pretexto verdadeiramente fútil, eis que ella o mandou plantar batatas com uma sem cere-

monia capaz de fazer inveja ás hyenas e ás pantheras.
E elle a amava sempre! cada vez mais! com o furor que o desprezo lhe causava!
Não! não era possível viver sem ella! e carregou com seis balas o revolver de que se tinha premunido!
Pois era lá possível que depois de haver conhecido o ceu elle se resignasse a viver no inferno?
E viver sem ella o que era senão isso?
Não! Antes a morte!... mil mortes até! pensava derramando o frasco de acido prussico sobre meio copo d'agua.
Depois, collocou tudo aquillo sobre a mesa, á cabeceira da cama.

via empregar meios mais positivos. Comprou uma caixa de magnificos charutos de Havana e offereceu-a ao referido funcionario.
— Não aceito! não quero que digam que me vendi!
— Mas se é um simples presente que lhe faço...
— De maneira alguma. A calumnia tudo envenena...
— Eu sinto deveras que...
— Entretanto, se não recebo os charutos como presente... posso compral-os se quizer vender barato...
— Faça o senhor mesmo o prego...
— Dou mil réis pela caixa.
— Está dito.

Era o triangulo fatal, onde tudo aquillo devia ter o seu fim.
Deitou-se, estendeu o braço e... adormeceu tranquilla e sosegadamente.
Prof.

INGORRUP-TIVEL!

— Perfeitamente.
— Todos affirmam que está em excellentes condições de fortuna.
— Papae o assegura.
— E' amavel, frequenta a boa sociedade, falla discretamente...
— Sim! tem qualidades reaes, que eu não contesto.
— E porque então não o queres para marido?
— Vou dizer-te muito em segredo.
— Falla.
— Não o quero para meu esposo, por que é tolo!
— Ora essa! nunca tal ouvi dizer.
— Pois fica sabendo que o é.
— Será desconfiança tua...
— Não. E vou dar-te a prova.
— Estou anciosa para conhec-la.
— Pois fica sabendo que elle é accionista do Banco da Republica.
Simplicio.

Á...

Em possuir-te estava o meu desejo.
A minha aspiração ardente e louca...
Com que voluptia preso á tua bocca
Eu sorveria o teu primeiro beijo!
Fomos fracos na luta e ora antevejo
Por esta cobardia que me apouca
Que amanhã não será de certo pouca
A dor por não te ver como te vejo.
Mas forçoso é dizer-te o que não quero:
Se tu foste sincera e eu fui sincero...
Menos culpa me cabe em nossa dor...
Por ti soffri o que ninguém suppozse
Deverias soffrer até a morte,
Se a morte desse vida ao nosso amor.
Ed. Machado.

— Aqui estão dous mil réis...
— E' que eu não lenho troco.
— Pois leve a nota, e, em vez de uma eu comprarei duas caixas de charutos.
Prof.

Entre duas intimas

— Disseram-me hontem que recusaste a mão do Pinto...
— E' certo...
— E não achas que fizeste uma rematada tolice?
— Não.
— Negas que elle seja um moço serio e de excellente familia?
— Não poderia fazel-o com justiça.
— Has de concordar tambem que não tem nada de feio e é um moço bastante elegante.

A *Revista da Semana* divulgou também fotografias de inúmeros eventos que Filinto participou, geralmente vinculados às atividades da ABL e outras instituições das letras. No ano de 1918, em um período de cinco semanas, duas reuniões com a presença do acadêmico foram registradas nas páginas do impresso. No dia 1º de junho, ocorreu a recepção do Dr. Ataulpho de Paiva, que sucedeu a cadeira número 25, então de Artur Orlando da Silva (Figura 29). Na ocasião, estiveram presentes Mario de Alencar, Conde de Affonso Celso, Rodrigo Octavio, Alberto de Oliveira, Osorio Duque Estrada, Paulo Barreto, General Dantas Barreto, Antonio Ramos, Ministro Luiz Guimarães Filho, General Lauro Muller, Medeiros e Albuquerque, Antônio Austregesilo e Goulart d'Andrade, além de Filinto e Ataulpho.

No dia 6 de julho, a Confraternidade Luzo Brasileira ofereceu um jantar ao Sr. Carlos Malheiros Dias, romancista, cronista, contista e historiador, filho de mãe brasileira e pai português (Figura 30). Nesta noite, Filinto leu, ao lado de Paulo Barreto, uma saudação ao homenageado, que assim como ele, prestou importante contribuição ao trânsito cultural entre Brasil e Portugal. Contudo, essa contribuição nem sempre foi pacífica e bem recebida. Carlos, um escritor ligado ao naturalismo, foi considerado um discípulo maior de Eça de Queirós. Transitou muito entre os dois países, várias vezes obrigado devido a perseguições ou descontentamentos com os regimes políticos. Com um discurso anti república e indignado com o regicídio, chegou a abandonar o cargo de deputado em Portugal quando o país deixou de ser uma monarquia em 1910⁹⁴.

No Brasil, criou grande polêmica ao lançar em 1896 o romance *A Mulata*, no qual fez uma representação provocativa e negativa da mestiçagem no século XIX. Apesar de ter dedicado o livro a autores como Machado de Assis, Olavo Bilac, Coelho Neto, João Ribeiro e ao próprio Filinto de Almeida, a publicação desencadeou uma onda de hostilização e comentários desfavoráveis, que levaram Carlos Malheiros Dias a retornar para Portugal⁹⁵. Contendo suas opiniões e reconhecendo alguns exageros, principalmente nesta obra, o escritor retomou suas conexões com a intelectualidade brasileira, reforçando que via a nação como independente e com sua própria literatura. Em 1935, a

⁹⁴Sobre o impacto do romance *A Mulata* na intelectualidade brasileira, ver: CARRIJO, Fabrizia de Souza. *Questões raciais e políticas presentes no romance A Mulata, de Carlos Malheiros Dias*. 2016. 190 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

⁹⁵ CARRIJO, Fabrizia de Souza. Carlos Malheiros Dias. *Convergência Lusíada*, n. 26, julho - dezembro de 2011.

Revista da Academia Brasileira de Letras publicou um texto exaltando o escritor, em virtude de sua posse como embaixador de Portugal na Espanha.

Figura 29: Filinto na recepção de Ataulpho de Paiva na ABL. *Revista da Semana*, edição de 01 de junho de 1918.



Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Nacional.

Figura 30: Filinto lendo a saudação no Jantar de Confraternidade Luzo Brasileira. Revista da Semana, edição de 06 de julho de 1918.



Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Nacional.

No ano de publicação de *A Mulata*, a fundação da ABL era discutida e Filinto já tinha fortes relações com os demais intelectuais do período. Até aqui, podemos observar que o poeta era presença recorrente na imprensa e nos eventos culturais, tanto em São Paulo quanto no Rio de Janeiro, por vezes sendo organizador desses momentos. Ele publicou seus livros, fundou e colaborou em revistas e jornais, construiu uma família de artistas com Julia, atuou na companhia de seguros junto com Valentim Magalhães e foi a razão de muitos textos, pinturas e caricaturas produzidas. Apesar disso, sua carreira de amplitude temática e estilística foi reduzida em diversos trabalhos acadêmicos à uma situação: o fato de ele ter sido “colocado” na fundação da ABL como compensação pela ausência de Julia.

A situação se intensificou a partir das pesquisas que resgatam a grandiosidade de Julia e outras escritoras enquanto romancistas na virada do século XIX para o século XX. É possível encontrar declarações como “Ela acabou sendo preterida por ser mulher. O marido dela, um poeta medíocre, virou acadêmico. É um caso bastante exemplar do machismo que existe no Brasil”⁹⁶, ou ainda “Júlia Lopes de Almeida também participou da organização da Academia Brasileira de Letras e foi cotada para ser um de seus membros efetivos, sendo, no entanto, preterida em favor de seu marido Filinto de Almeida, apenas por ser mulher”⁹⁷, e também com um título marcante:

Mais propriamente, à cogitação de seu nome, proposta por Lúcio de Mendonça em artigo publicado no Estado de S. Paulo, datado de 3 de dezembro de 1896, seguiu-se a decisão esmagadoramente majoritária, perpetrada por aqueles que ocupariam as primeiras quarenta cadeiras da ABL, segundo a qual a vaga em questão seria preenchida por seu cônjuge, Filinto de Almeida, que passou a ser considerado por alguns como o “acadêmico consorte”.⁹⁸

Do mesmo modo, a entrevista realizada por João do Rio no casarão de Julinto recebe interpretações diferentes daquelas apresentadas neste trabalho. É o caso da declaração que diz “Júlia foi substituída por seu marido, Filinto de Almeida, fundador da cadeira nº 3, que chegou a ser considerado ‘acadêmico consorte’. *‘Não era eu quem devia estar na Academia, era ela’*, declarou Filinto na *Gazeta de Notícias* de 25 de março de 1905”⁹⁹, e a que reforça sobre “[...] o ingresso de Filinto de Almeida, que passou a ser considerado por alguns como o ‘acadêmico consorte’. Filinto de Almeida chegou a fazer a seguinte afirmação em entrevista concedida ao dândi João do Rio: “Não era eu quem devia estar lá [na ABL], era ela”¹⁰⁰.

Apresento, então, algumas análises que tensionam o discurso de que Julia foi substituída pelo marido e direciono a reflexão para uma dimensão maior do apagamento

⁹⁶ BRUNET, Daniel. O machismo na Academia Brasileira de Letras. *Portal Geledés*, 2017. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/o-machismo-na-academia-brasileira-de-letas/>>. Acesso em: 03, jan. 2025.

⁹⁷ COQUEIRO, Wilma dos Santos. Entre o silenciamento e a busca por expressão: a representação da voz feminina subalterna em Lívia Garcia-Roza. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 14, n. 3, p. 1-12, jul.-set. 2021. p.3.

⁹⁸ FANINI, Michele Asmar. Júlia Lopes de Almeida em “retrato e prosa”: a propósito dos diálogos entre as imagens da escritora e sua produção literária. *Cadernos Pagu*, n. 41, p. 159-199, julho/dezembro de 2013. p. 164.

⁹⁹ WANDERLEY, Andrea C.T. Série “Feministas, graças a Deus!” XVIII – Júlia Lopes de Almeida (1862 – 1934), a “escritora da Belle Époque tropical”. *Brasília Fotográfica*, 2024. Disponível em: <<https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=35687>>. Acesso em: 03, jan. 2025.

¹⁰⁰ POMPERMAIER, Paulo Henrique. “Estamos ainda diante de um ambiente refratário à presença feminina”. *Revista Cult*, 2017. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/estamos-ainda-diante-de-um-ambiente-refratario-a-presenca-feminina-diz-pesquisadora-sobre-abl/>>. Acesso em: 03, jan. 2025.

das mulheres nas instituições oficiais, indicando que, por relevância e qualidade nas produções literárias, haveria espaço para os dois. A começar pela mencionada divulgação da criação da ABL publicada por Lucio de Mendonça no *Estado de S. Paulo*. Na coluna “Cartas Litterarias”, o projeto inicial foi apresentado na edição de 12 de novembro de 1896, com texto assinado no Rio de Janeiro, com a data do dia 5 daquele mês.

Nessa primeira manifestação, Lucio informa da alegria que teve ao apresentar o projeto ao jovem ministro do interior, Alberto de Seixas Martins Torres, também um homem de letras. Retomando que a ideia da academia tinha surgido junto com a república, mas que por alguma razão tinha sido deixada de lado, no “rol das bellas idéas sem realização”, explicou a importância de essa ser uma instituição oficial, amparada pelo governo. De início, afastando as críticas, informou que não se deveria estranhar a criação de uma academia de letras em pleno regime republicano e nem “chicanar” com o nome. Na sua leitura, a institucionalização permitiria aos intelectuais do período outro tipo de reconhecimento.

E' bem certo que, na forma da lei, podiamos constituir-nos extra-officialmente; mas não é máu, antes convém, por mais de uma razão, que sejamos instituto official; como se trata do culto externe da arte, torna-se indispensavel tal ou qual splenidade, que falta á associação livre [...]; a feição official impressiona mais e melhor o vulgo, quer dizer, a generalidade do publico, assegurando aos homens de letras outro respeito, que, numa civilização imperfeita como a nossa, ainda não conseguem plenamente pelo esforço individual ou das méras sociedades litterarias.¹⁰¹

Na sequência, explica que também a República teria interesses atendidos com a criação de uma academia de letras. Ser amigo dos bons espíritos e da mais nobre das artes era belo e útil para o governo, uma vez que reunidas as mentes inteligentes em um mesmo espaço, as vivas antinomias que envenenam a política seriam apagadas.

¹⁰¹ *O Estado de S. Paulo*, edição de 12 de novembro de 1896.

Figura 31: Lucio de Mendonça sobre a criação da ABL, no Estado de S. Paulo, edição de 12 de novembro de 1896.

E ha, d'envolta com o interesse da classe dos litteratos, o proprio interesse da Republica: é bello e util que esta se mostre amiga dos bons espiritos e da mais nobre das artes; e não é dos menores resultados, que se hão de colher do novo instituto, o congregamento das mais bem dotadas intelligencias nacionaes numa obra commum e desinteressada, numa cooperação que promoverá, naturalmente, o apagamento e a suavisação das vivas antinomias, que a lucta politica abre, aprofunda e envenena.

Fonte: Acervo do jornal O Estado de São Paulo (Estadão).

Lucio apresentou ainda as objeções que o projeto poderia receber, sendo uma delas a falta de pessoas para compor a fundação. Adiantando-se, disse que tinha apresentado ao ministro uma lista de nomes em número superior ao necessário para o quadro de sócios, que seria composto por 40 membros, como a academia francesa, mas apenas 30 efetivos e 10 correspondentes. Estes últimos sendo residentes fora da capital, nos estados ou no estrangeiro. Além disso, reconhecia que alguns dos literatos não aceitariam participar da criação de uma academia financiada pelos republicanos, tendo em vista suas “convicções e consequentes escrúpulos de ordem politica”. Para este caso, a solução que apresentou foi a de que o governo nomearia 10 membros que elegeriam outros 20, competindo aos nomeados propôr dois nomes, tendo-se por eleitos os propostos que mais recebessem votos. Estes 30 membros efetivos elegeriam os 10 correspondentes. Os monarquistas que recusassem a nomeação do governo republicano, disse Lucio, não iriam ignorar a honrosa eleição pelos pares.

Por fim, bastava ao governo conceder um local decente para que as sessões pudessem ser realizadas. A sugestão de Lucio foram a sala da congregação dos lentes e a sala da colação de grau do externato do Ginásio Nacional, na rua Larga de S. Joaquim. Registrou ainda que não seria difícil obter do poder legislativo uma singela verba para as despesas essenciais de instalação e custeio. Aceito o projeto pelo ministro, outra sugestão era a de criar a academia na data de 15 de novembro, para comemorar o sétimo aniversário da fundação da República. Lançada a ideia e recebido o batismo da opinião

pública, Lucio se desculpou por ter tomado a iniciativa e colocou-se a disposição para debater a formulação do projeto e realizar as modificações que fossem necessárias.

O assunto foi retomado na edição de 12 de dezembro de 1896, quando em um texto assinado no dia 3 daquele mês, também do Rio de Janeiro, Lucio explicou que o projeto não teria apoio oficial. Após várias tentativas infrutíferas de dissipar da mente do ministro Alberto Torres os fantasmas de uma possível inconstitucionalidade da criação da academia de letras, ficou resolvida a criação dela como instituição livre. Para este fim, deveria haver em breve uma reunião dos homens de letras do Rio, sem a menor distinção de cor política, ou de escola literária ou filosófica. Todos os que na imprensa, jornal ou livro tiveram adquirido foro de escritor, seriam convocados.¹⁰²

De acordo com as últimas resoluções, a academia iria ser composta por 40 sócios efetivos, e 20 correspondentes, ampliando-se talvez essa última classe com 10 estrangeiros. A composição definitiva do pessoal seria decidida na reunião. Os efetivos iriam escolher os 20 ou 30 correspondentes. É seguindo essa explicação que Lucio faz a apresentação da lista dos possíveis efetivos onde consta o nome de Julia Lopes de Almeida. Além dela, o nome de outra mulher, a poeta Francisca Julia, aparecia como possível correspondente de São Paulo.

¹⁰² *O Estado de S. Paulo*, edição de 12 de dezembro de 1896.

Figura 32: Lista dos possíveis componentes da fundação da Academia Brasileira de Letras, por Lucio de Mendonça. *O Estado de S. Paulo*, edição de 12 de dezembro de 1896.

Sem me responsabilisar pela exactidão absoluta, pois uma ou outra modificação ainda pôde occorrer afinal, penso, entretanto, que posso, sem perigo de muitos enganos, communicar-lhes, como interessante primicia, a seguinte lista, por ordem alphabetica, dos nomes de que sahiram os dos quarenta membros effectivos da Academia de Lettras do Rio de Janeiro: Adolpho Caminha, Afonso Celso Junior, Alberto de Oliveira, Alberto Silva, Alcindo Guanabara, Ararripe Junior, Arthur Azevedo, B. Lopes, Capistrano de Abreu, Carlos de Laet, Coelho Netto, Constancio Alves, Eduardo Salamonde, Escragnolle Doria, Escragnolle Taunay, Eunapio Deiró, Ferreira de Araujo, Graça Aranha, Guimarães Passos, Inglez de Souza, Joaquim Nabuco, José do Patrocinio, José Virissimo, Julia Lopes de Almeida, Luiz Delfino, Luiz Murat, Machado de Assis, Medeiros e Albuquerque, Olavo Bilac, Osorio Duque Estrada, Pedro Rabello, Ramiz Galvão, Rodrigo Octavio, Ruy Barbosa, Silva Ramos, Teixeira de Mello, Urbano Duarte, Valentim Magalhães, Virgilio Varzea e Xavier da Silveira.

Fonte: Acervo do jornal O Estado de São Paulo (Estadão).

Pouco mais de um ano depois, em 14 de dezembro de 1897, na coluna "Noticias Diversas" a *Academia de Lettras do Brasil* foi assunto. O texto era uma reprodução do que L. Guilaine publicou no *Petit Temps*, no qual destacou que o Instituto de França não podia ficar indiferente a outra companhia de além-mar, de que até certo ponto era sua progenitora espiritual. O autor da notícia lembrou que a academia brasileira foi feita nos moldes da francesa, inclusive na decisão final de ser estabelecida com 40 membros, e que salvo um ou outro de seus integrantes, se caso existisse algum nessas condições, todos sugaram o leite das letras francesas. O texto explicou que a seleção se fez

instintivamente e um pouco por sentimento de admiração mútua: “Não houve eleição publica; não houve decreto de nomeação. Em uma palavra: foi a geração espontanea”¹⁰³.

Um por um, a notícia apresentou a lista dos componentes finais. Primeiro os romancistas, que tiveram todos o privilégio de ter suas obras citadas além de seus nomes. Depois vieram os poetas “lyricos”, depois os historiadores, então os críticos e ensaístas, os jornalistas, e por fim os contistas e os autores dramáticos (neste último caso sendo apenas um, Arthur Azevedo). Na lista dos poetas, a seguinte apresentação:

São Olavo Bilac e Raymundo Corrêa, um diplomata que tem no seu activo as *Symphonias*, Alberto de Oliveira, Luiz Murat, Lucio de Mendonça, a quem se deve a iniciativa da fundação da Academia, e que é igualmente jornalista e contista, Felinto de Almeida, cuja esposa cultiva tambem as letras e é romancista de algum talento, mas que - as academias não são gentis, - tem que se contentar com o *quarante et unième fauteuil*, Teixeira de Mello, um poeta da velha geração, director da Biblioteca Nacional e auctor das Sombras e Sonhos, Guimarães Passos, Pedro Rabello.¹⁰⁴

Apesar de reconhecer o talento de Julia enquanto romancista, o autor da matéria destacou a injustiça por parte das academias, que não são gentis, e disse que a esposa de Filinto teve que se contentar com a “*quarante et unième fauteuil*”, ou, na tradução livre, “quadragésima primeira poltrona”. O nome de Francisca Julia sequer foi mencionado. A partir dessa colocação, compreende-se que Julia Lopes de Almeida teria seu lugar entre os 40 membros titulares junto com seu marido, e não no lugar dele. O fator que a excluiu foi o de ser mulher. Filinto, naquele período, conhecia e trabalhava com muitos dos nomes presentes na lista final, especialmente com Lucio de Mendonça, com quem trocou grande número de correspondências desde pelo menos 1882¹⁰⁵. Com Olavo Bilac, citado no mesmo trecho, e Arthur Azevedo, encontram-se registros de colaborações no mesmo periódico desde 1890.¹⁰⁶

Afirmar, então, que Filinto era um poeta medíocre e que teria herdado o lugar de Julia enquanto fundadora da ABL assume tons de exagero e pouca precisão, e antes de

¹⁰³ *O Estado de S. Paulo*, edição de 14 de dezembro de 1897.

¹⁰⁴ A grafia “Felinto”, com a letra “e” no lugar da letra “i” pode ser encontrada em textos da imprensa. *O Estado de S. Paulo*, edição de 14 de dezembro de 1897.

¹⁰⁵ Muitas das correspondências entre Filinto e os intelectuais do período encontram-se disponíveis no arquivo Múcio Leão, da ABL. Destaco uma das cartas destinadas a Lucio de Mendonça que iniciava com um grau de intimidade que indica qual era a proximidade entre os dois. A frase inicial dizia: “Zangadinho com o teu Filinto? Não tens rasão, tyrano.” Devido ao grande volume de documentos, as correspondências não serão investigadas com profundidade neste trabalho.

¹⁰⁶ Os três são citados na divulgação de “A Ilustração”, revista de Mariano Pina que foi publicada em Paris. Os referidos autores participaram com contos e poesias. *O Estado de S. Paulo*, edição de 06 de setembro de 1890.

exaltar a obra da romancista, diminui a trajetória do poeta e jornalista. Como pontuado por Michele Fanini, a própria escritora nunca manifestou-se publicamente sobre o ocorrido, e o episódio não reduziu ou interferiu no ritmo, relevância e sucesso das suas publicações¹⁰⁷. Outro ponto a se considerar era a pertinência, de fato, da instituição para a sociedade brasileira no período. Em uma matéria de tom quase cômico, Olavo Bilac escreveu em 14 de dezembro de 1897, um texto publicado três dias depois, sobre as realizações da Academia até aquele momento.

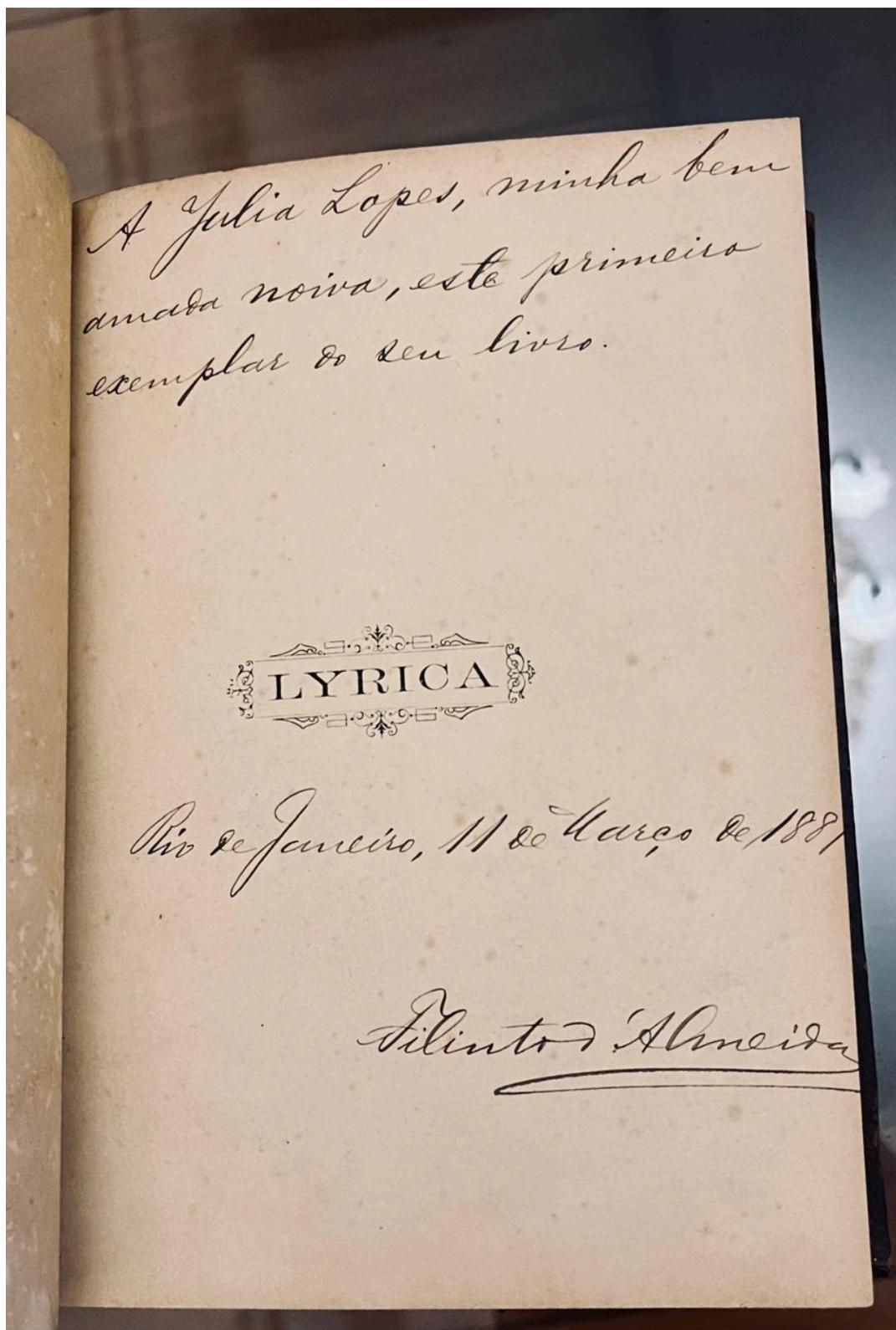
E, sabido isso, tendes o direito de me preguntar o que fizemos durante esse primeiro anno, - porque (ó nunca sonhada gloria!) eu sou um dos quarenta immortaes... E em verdade vos direi que a Academia nada fez, porque os academicos não appareceram: eu, pelo menos, academico e immortal, nem uma só vez appareci *sous la coupole*, com os nobres fins de levantar o nivel intellectual da nação, fixar as regras da lingua portugueza, e discutir se Brasil se deve escrever com s ou com z.¹⁰⁸

Concentrar a potência de um casal de intelectuais brasileiros (um tanto portugueses) na virada do século XIX para o XX, e que acompanharam também a mudança do Império para a República, na fundação de uma instituição que formou-se no boca a boca entre um grupo restrito de pessoas, é limitador. Filinto foi poeta, jornalista, dramaturgo, companheiro, pai e avô. Foi autor e co-autor. Foi motivo de pinturas e caricaturas. Foi razão de poemas e sonetos. Filinto encantou a deusa. Enquanto marido da Julia Lopes, como é citado em diversos trabalhos, foi presente e dedicado, tendo sua esposa como a maior musa e inspiração de todas as obras de sua vida. E nunca escondeu. A edição original de *Lyrice*, com dedicatória para sua amada no ano em que iriam se casar, é indicativa.

¹⁰⁷ FANINI, Michele Asmar. Júlia Lopes de Almeida em “retrato e prosa”: a propósito dos diálogos entre as imagens da escritora e sua produção literária. Cadernos Pagu, n. 41, p. 159-199, julho/dezembro de 2013.

¹⁰⁸ *O Estado de S. Paulo*, edição de 17 de dezembro de 1897.

Figura 33: Edição de Lyrica, 1887, com dedicatória para Julia Lopes assinada por Filinto de Almeida.



Fonte: acervo pessoal de Cláudio Lopes de Almeida, neto de Filinto e Julia.

A ausência institucional de Julia na ABL, por sua vez, não estava conectada com o mérito ou o sucesso de seus trabalhos. Pelo contrário, reconhecida ainda em vida pelos pares, todos sabiam de sua qualidade. Mas ela era mulher. Para Flinto, essa era a grande razão de seu encanto pela companheira: a habilidade de reunir e conciliar o talento com as letras com a rotina de esposa e mãe. Em outro capítulo irei apresentar versos do poeta escritos em homenagem a sua grande musa inspiradora, de modo que essa admiração ficará visível. Contudo, esse acúmulo de papéis bem sucedidos não bastou para que a instituição aceitasse a presença feminina de Julia, e nem das pretendentes que se candidataram depois. Casos como o de Amélia Beviláqua (1860-1946), esposa do jurista e fundador da academia Clóvis Beviláqua, e o de Dinah Silveira de Queiroz (1911-1982), a primeira escritora a ser agraciada com o Prêmio Machado de Assis, concedido pela própria ABL em 1954, evidenciaram o enraizamento do debate contra o ingresso de mulheres¹⁰⁹.

Em 1930, Amélia enviou a primeira proposta oficial de candidatura assinada por uma mulher. A solicitação foi negada e a justificativa utilizada foi a de que a expressão “os membros efetivos da Academia serão eleitos dentre os brasileiros”, do artigo Art. 30 do Regimento Interno da agremiação de 1927, se referia apenas a cidadãos do sexo masculino. Após essa interpretação enviesada do termo “brasileiros”, e a invalidação da esposa, Clóvis deixou de frequentar a agremiação. A partir de 1951, o regimento interno da ABL modificou seu texto para deixar claro que apenas brasileiros “do sexo masculino” poderiam ser membros eleitos. O caso de Dinah, em 1970, reanimou a discussão, uma vez que suas publicações e conexões políticas credenciaram sua candidatura. Mesmo sendo uma escritora premiada pela própria ABL, ela também não foi aceita, evidenciando as contradições internas da instituição.

A primeira mulher indicada para integrar o grupo de imortais da Academia foi Rachel de Queiroz, em 1977. Sua eleição, aprovada pelo mesmo grupo que rejeitou Dinah Silveira poucos anos antes, assumiu tons de exceção e privilégio, e não necessariamente de mudança de postura institucional. O ingresso de Rachel foi marcado

¹⁰⁹ A ausência de mulheres na Academia Brasileira de Letras e o eventual ingresso das primeiras imortais também são tema dos trabalhos de Michele Asmar Fanini. Nesta pesquisa, me amparei em sua Tese de Doutorado, focada no caso de Julia Lopes de Almeida, e em um artigo, no qual resume a discussão até o ingresso de Rachel de Queiroz. FANINI, Michele Asmar. *Fardos e fardões: mulheres na Academia Brasileira de Letras (1897-2003)*. 2009. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. doi:10.11606/T.8.2009.tde-19022010-173143. Acesso em: 12. abr. 2025. FANINI, Michele Asmar. As mulheres e a Academia Brasileira de Letras. *História (São Paulo)*. vol. 29, nº 1, 2010.

pela boa relação e popularidade que mantinha com os demais acadêmicos. Seu nome foi sugerido pelo grupo e não partiu de auto-indicação. O movimento ocorreu então em prol da eleição de Raquel, e não em favor da elegibilidade feminina. Outra vez, não se tratava de talento ou falta dele, mas sim de contexto e jogos de poder. A segunda mulher a ocupar uma cadeira na ABL foi a própria Dinah Silveira, após outra tentativa de eleição em 1980.

Desde a fundação da instituição até a eleição da primeira imortal feminina, se passaram 80 anos. Julia Lopes de Almeida, com sua grandeza e com o apoio que recebia do marido e outros amigos intelectuais, fez com que sua presença enquanto mulher nos espaços institucionais fosse debatida desde o princípio. Ela sempre esteve lá. O número de pesquisas realizadas sobre sua vida e sua obra mostraram que a tentativa de apagá-la do mundo das letras não deu certo. Seja no trabalho de Denise Araújo¹¹⁰ sobre as prosas de Julia nos jornais paraenses nos oitocentos, ou nos trabalhos de Ana Cláudia Suriani¹¹¹ da Silva, que dentre outros editou a versão inglesa de *A Falência* em 2023 e acompanhou a presença de Julia ao lado de Machado de Assis e Artur Azevedo em revistas como *A Estação*, as palavras da romancista ainda ecoam. Ela não poderia ser substituída por ninguém. O que ela tinha era um companheiro de vida, um Filinto, que a apoiou e se orgulhou de suas conquistas.

Através de algumas pistas, podemos imaginar as conversas, as decisões literárias, a escolha dos nomes dos filhos, as dúvidas sobre a disposição dos móveis no casarão ou os debates sobre os melhores roteiros de viagem. Sobre uma vida de trabalho e produção cultural em família, temos registros que demandam o empenho de uma existência para decifrar. Por hora, são algumas fotografias e notícias veiculadas pela imprensa que possibilitam visualizar melhor a parceria e a intimidade dessa família de artistas. Uma delas é o registro de 1915, ocasião em que Julia realizou conferência no salão do *Jornal do Commercio* e foi acompanhada pelo filho e marido. As outras, que merecem um capítulo à parte, foram registradas durante a grande passagem pela Europa, a partir de 1925, onde se estabeleceram por alguns anos e aproveitaram para viajar por diversos países.

¹¹⁰ LOBATO, Denise Araújo. *Prosas de Júlia Lopes de Almeida em jornais paranaenses oitocentistas: entre a temática moralizante e a palavra moralizante*. 2016. 144 f. Dissertação (Mestrado em Letras - Estudos Literários) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

¹¹¹ SURIANI, Ana Cláudia. Moda e literatura: o caso da revista *A Estação*. *IARA – Revista de Moda, Cultura e Arte* – São Paulo v.2, n. 1. set./dez. 2009 – Artigo 1.

Figura 34: Filinto acompanhando Julia em sua conferência no salão do *Jornal do Commercio*. *Revista da Semana*, edição de 23 de janeiro de 1915.



A matéria da *Revista da Semana* ilustra a relação de apoio e admiração intelectual existente entre a família Almeida. Julia no palco de um evento promovido por ela, recebendo a atenção do público, do marido e do filho. A sua carreira não dependia de Filinto ou de outra figura masculina qualquer. Sua trajetória enquanto romancista foi na verdade impulsionada e incentivada pelo companheiro. Cada um com seu talento, cada um com suas produções, mas sempre juntos. A decisão da exclusão de Julia como uma das fundadoras da ABL passou longe das mãos de Filinto, por mais que ele tivesse feito campanha favorável à nomeação de sua amada. A tensão criada a respeito do casal e o questionamento sobre a qualidade de suas produções foi produto de investigações acadêmicas posteriores. Enquanto estiveram vivos, Julinto desfrutaram da companhia um do outro e exploraram o mundo juntos, produzindo memórias dos momentos que compartilharam. Algumas delas apresento a seguir.

4. DORME EM PAZ, MEU AMOR: FILINTO E FAMÍLIA ALMEIDA EM IMAGENS

A fotografia é o registro do que foi e passou. Do que existiu e que tornou-se ausente. No caso das fotos antigas, é o objeto que, de acordo com Roland Barthes, me permite observar com horror um futuro anterior cuja aposta é a morte¹¹². A foto condensa o tempo, guarda o que está morto e o que vai morrer. Nela a catástrofe já ocorreu. Este capítulo será dedicado a ela, a fotografia, e vai contra o projeto inicial que previa nesta pesquisa um momento dedicado a ele, o texto. Entendi por um tempo que o que poderia melhor apresentar um poeta eram os seus escritos (prontos, revisados, publicados). Que seus amores, angústias e certezas estariam estampados nas páginas dos livros e dos jornais através das palavras. Mas o sabor do arquivo me convenceu.

Na oportunidade que tive de visitar e pesquisar no Arquivo Múcio Leão, da Academia Brasileira de Letras, na cidade do Rio de Janeiro, vivenciei a beleza e o desafio de lidar com a imensidão dos documentos. Manusear fotos, cartas, recibos e recortes de jornais pertencentes a Filinto de Almeida fez com que meus olhos ficassem cheios de lágrimas mais de uma vez. Arlette Farge fez alguns alertas sobre o perigo de ser inundada pelos arquivos¹¹³. Eu, mesmo informada, quase me afoguei. Meu salva vidas foi a falta de tempo. Decidida a sair de lá com algo que pudesse fundamentar meu texto, concentrei minha energia no acervo iconográfico, uma vez que despertou meu interesse desde o primeiro momento que o vi. A análise das cartas e textos disponíveis demandam um fôlego e uma amplitude que apenas outro tipo de pesquisa pode atender.

Dentre as fotos que tive acesso, compartilhei nesta dissertação as que mais contribuíram para compreender melhor a existência de Filinto. Algumas já foram utilizadas nos capítulos anteriores e outras serão apresentadas a seguir. Eu poderia apresentar um conjunto de registros do poeta em eventos formais, ou posando com semblante sério para algum retrato. Todas elas me causam interesse, dentro daquilo que Barthes definiu como *studium*, mas poucas me atravessaram como uma flecha, me atingiram como *punctum*¹¹⁴.

¹¹² BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

¹¹³ FARGE, Arlette. *O sabor do Arquivo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

¹¹⁴ “É pelo *studium* que me interesso por muitas fotografias, quer as receba como testemunhos políticos, quer as aprecie como bons quadros históricos: pois é culturalmente (essa conotação está presente no *studium*), que participo das figuras, das caras, dos gestos, dos cenários, das ações. O segundo elemento vem quebrar (ou escandir) o *studium*. Dessa vez, não sou eu que vou buscá-lo (como invisto com minha consciência soberana o campo do *studium*), é ele que parte da cena, como uma flecha, e vem me transpassar. [...] Esse segundo elemento que vem contrariar o *studium* chamarei então *punctum*; pois *punctum* é também picada, pequeno buraco, pequena mancha, pequeno corte - e também lance de dados. O *punctum* de uma foto é esse acaso que, nela, me punge (mas também me mortifica, me fere)”. In:

As fotos selecionadas têm em comum a espontaneidade dos participantes em estar naqueles lugares. Mesmo planejadas na maior parte, o observador consegue identificar a felicidade e o orgulho que o poeta compartilhava com sua família, talvez essa sim sua maior obra, construída junto do seu grande amor.

A foto em Sevilha, na Espanha, é o registro de uma visita ao parque Maria Luísa, feita por Filinto, Julia e Margarida, provavelmente entre os anos de 1925 e 1927. Há a presença de outra figura masculina, que não consigo afirmar a identidade. Mais do que reproduzir por imagem um passeio em família, a foto preservou uma conversa e algumas risadas. As cadeiras espalhadas ao fundo da cena em formato de semicírculo indicam que ali, sob a sombra das palmeiras e da vegetação exuberante da praça, alguns assuntos foram discutidos antes do momento de posar para a foto. A pose, com as mulheres no meio e os homens na ponta, indica a tentativa de um retrato formal, com todos olhando para a câmera. Mas foram os pombos que se tornaram protagonistas.

Espalhadas pelo ambiente, as aves brancas tumultuaram a imagem. Margarida por um momento se esqueceu do fotógrafo para apreciar e fazer carinho no animal que estava próximo da sua mão direita. Julia tentou manter o olhar no horizonte, mas seu pescoço torceu para acomodar o pombo imponente que pousou na sua cabeça, e o corpo buscou equilíbrio para segurar os outros dois que estavam em suas mãos. Filinto, apoiado na sua bengala (outra companheira de vida), exhibe com orgulho a ave que se aconchegou na sua mão direita. Outro pombo, esse transformado em vulto pelo clique da câmera, parece estar voando na direção do poeta. São esses vultos, presentes também nas extremidades inferiores da foto, e o sorriso de Margarida e Julia, que fazem o observador imaginar o movimento da cena.

Quando olho para esse registro, consigo ouvir o som das risadas e do bater das asas dos pássaros e sentir também o leve desconforto de todos em relação a quantidade de animais agitando, fazendo barulho e soltando penas sob suas roupas de passeio. Mas logo me lembro que apenas pensei que ouvi ou que senti algo sobre essa foto. Essas “contorções dos fotógrafos para ‘dar vida’” às fotos fazem parte da empreitada para afastá-las da morte, lembra Barthes¹¹⁵. É uma tentativa de conduzir o observador ao esquecimento de que todos aqueles registrados naquele momento não existem mais. Ressalva parecida fez Anne Ernaux, ao escrever sobre o uso da fotografia. Para a

BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018. p. 29.

¹¹⁵ Idem, p.21.

escritora, “todas as fotos são mudas; essas, feitas ao sol da manhã, mais que outras”¹¹⁶. Nenhum odor, nenhum barulho. O que vejo é apenas luz. Mas o que eu imagino é o cheiro de penas de pombo no meio dos risos de uma família que se diverte.

Figura 35: Filinto, Julia e Margarida Lopes de Almeida em Sevilha, na Espanha.



Fonte: Arquivo Filinto de Almeida/ ABL

¹¹⁶ ERNAUX, Annie; MARIE, Marc. O uso da foto. *ZUM - Revista de Fotografia*. São Paulo, v. 26. Abr, 2024. pp 60-85. p.63

Figura 36: Filinto e a filha Margarida nas ruas de Madrid, em 10 de novembro de 1929.



Fonte: Arquivo Filinto de Almeida/ ABL

Nesta outra fotografia, Filinto e Margarida foram abordados enquanto andavam apressados pelas ruas de Madrid. O registro lembra as fotos de artistas famosos que são abordados por *paparazzi* inconvenientes que os perseguem por toda parte. Estou mencionando a passagem de um grande poeta e de uma declamadora e escultora premiada, mesmo assim é difícil dizer que alguém estava na espreita para fazer um retrato dos dois. Seja lá qual foi a intenção, o fotógrafo captou pai e filha com semblantes sérios, ou até mesmo preocupados, desviando dos demais pedestres que ocupam a rua.

Com sua expressão, Filinto demonstra grande esforço para manter a respiração em ordem, reflexo de seu andar acelerado.

Os casacos de pele e o gorro de Margarida são indicadores do frio de novembro na Espanha. As mãos entrelaçadas tentando aquecer umas às outras escondem o que provavelmente era a bengala de Filinto. Apesar das baixas temperaturas, nada substituiu os sapatos de couro finos e pontudos da moda do pós-guerra. Ao fundo, cartazes e anúncios indicam as ofertas de uma papelaria ou loja de utilidades. Me empenhei para descobrir do que se tratava, inspirada outra vez pelas palavras de Ernaux: “Sempre tento decifrar, em todas as fotos e cartões-postais em que aparecem uma publicidade, uma capa de livro, um jornal, qualquer coisa escrita. Como um sinal do tempo mais real do que o restante”¹¹⁷. Com nitidez, noto as palavras “cintas” e “papel carbon”, e com menos certeza, a palavra “limpieza”. No cartaz maior, vejo “...breros de senora”, possivelmente um anúncio que se referia a “sombrosos” (guarda-chuva), uma vez que o enquadramento da fotografia cortou parte da palavra.

Mesmo com poucas ofertas decifradas, o papel carbono acabou sendo o marcador do sinal do tempo. Uma das poucas possibilidades de produção rápida de cópia escrita na época, merecia estar anunciado na fachada das lojas. Por essas ruas ladrilhadas, Filinto comprava seus papeis de carta para escrever aos amigos, ou algum material para fazer suas anotações. Talvez até alguma cinta. Provavelmente, quando estava sozinho, caminhava em passos mais suaves do que quando estava acompanhado de sua filha. Quando fecho os olhos ou ergo a cabeça após um tempo observando essa foto, vejo uma cena de cuidado e companheirismo entre uma filha adulta e seu pai em idade avançada. A filha “Guida”, como Filinto chamava Margarida em algumas das cartas que tive acesso no arquivo da ABL.

É Guida também quem parece acompanhar os pais pela Itália. O sol da manhã iluminava a Praça de São Marcos, em Veneza, quando a família tentava se organizar para fazer o registro formal da sua passagem por ali. Dessa vez era Filinto quem estava com um pombo na cabeça, aves com plumagem cinza, e não branca como eram as de Sevilha. Outra ave está na mão direita do poeta, enquanto Julia estende seu braço para tentar acomodar pelo menos um animal no seu corpo para a foto ficar completa. O pombo que ela tenta alcançar está borrado entre a sua mão e a da filha, que está de costas para

¹¹⁷ ERNAUX, Annie; MARIE, Marc. O uso da foto. *ZUM - Revista de Fotografia*. São Paulo, v. 26. Abr, 2024. pp 60-85. p.63

o observador. Os trajes indicam que as temperaturas não estavam tão baixas, mas que as peles ainda eram bem-vindas pelas manhãs.

Julia sorri, divertida com a situação e com a tentativa de captura da ave. Junto ao seu corpo, apoiada no braço esquerdo, vejo também uma bengala, mais fina e com design mais sofisticado do que aquela carregada por Filinto. Ele, muito concentrado preparando a própria pose, não percebeu a tentativa de Julia de pegar o pombo. A expressão de orgulho e o leve sorriso são sintomas da certeza de Filinto sobre a qualidade da lembrança que iria levar dessa viagem. O olhar de felicidade quase ficou escondido pela sombra projetada do chapéu que, com o peso do pombo que pousou sobre ele, cobriu parcialmente o seu rosto. O que vejo é uma família de turistas desfrutando de um momento de descontração e produzindo arquivos de si.

Pela perspectiva, a família Almeida parece estar caminhando sobre uma versão em miniatura da praça. Eles são o centro de seu próprio universo. Quando estavam juntos, tudo ao redor se tornava pequeno. Assim como o homem que caminha com postura altiva, como se estivesse desfilando por uma passarela, logo atrás de Filinto. Na imagem, ele tem a altura do cotovelo do poeta. Com passos calculados sob a linha reta marcada no piso de São Marcos, ele exhibe seu terno bem cortado e sua gravata bem posta. Sozinho, busca com o olhar algo que está no lado esquerdo do seu campo de visão. Sua presença inspira confiança e imponência. Mas ali ele é só mais um coadjuvante na cena de uma família se divertindo com os pombos. Ele não é ninguém.

Figura 37: Filinto e Julia Lopes de Almeida na Piazza San Marco, em Veneza, Itália.



Fonte: Arquivo Filinto de Almeida/ ABL

Figura 38: Filinto e Julia em visita a uma cidade italiana, provavelmente Nápoles.



Fonte: Arquivo Filinto de Almeida/ ABL

Nesta outra imagem foram as proporções que me intrigaram. Filinto, apoiado em sua bengala, se impõe com o corpo volumoso, amplificado pelo formato de seu casaco. A mão na cintura, a corrente sobre o colete e a expressão séria transmitem uma postura de imposição. Julia, envolta por um casaco de lã com peles na gola e nos punhos, se apoia no muro com uma mão, e segura sua bolsa de couro e fecho de metal com a outra. Ela

parece ficar encolhida diante da figura grandiosa de seu marido, ocupando uma pequena parte do enquadramento com um sorriso forçado.

Ali, em um local com o que parece ser a vista para o Mar Mediterrâneo, Julia está pequena diante da grandiosidade de Filinto. Mas só ali, para quem viu a foto sendo feita e para quem viu ela revelada depois. Ao longo dos anos que compartilharam, a vida do casal não teve essa disparidade. Julia foi a grande romancista de sua época e Filinto foi o poeta, dramaturgo e comerciante reconhecido em diferentes países. Ambos trabalharam para tornar possível o lar de artistas que criaram juntos. Em termos de reconhecimento, a desarmonia existiu, e com as proporções da foto invertidas: a romancista tem grande volume e o poeta se apequena.

Figura 39: Filinto com os netos. Ao fundo, um quadro de Julia.



Cumplicidade. É o que transmite a troca de olhares entre o avô e sua neta. Sentado no que parece ser uma grande poltrona ou um banco de varanda, Filinto ocupa sozinho a primeira porção do espaço que foi fotografado dividindo com as duas crianças. A que está no meio é a menor. Agarrada em seu bichinho de pelúcia ela lança um olhar assustado para o fotógrafo. Seus pés estão longe de alcançar o chão, no que aparenta ter cerca de três anos de idade. O cabelo liso reflete a luz do ambiente, indicando a tonalidade mais clara. Já a que está na extremidade do banco é mais velha, tem o cabelo ondulado e escuro, e seus pés tocam o chão com algum esforço.

O avô, com sua estatura, consegue envolver as duas crianças com seu braço, enquanto lança um olhar de cuidado sobre elas. A mais velha busca em Filinto a validação sobre a maneira que está se comportando, ao mesmo tempo que demonstra incômodo com a postura da menor. Toda essa cena está exposta na metade inferior da fotografia. Na metade superior, pendurado na parede logo atrás do banco, está um quadro de Julia. Trata-se da pintura a óleo feita por Richard Hall, retratista finlandês, aproximadamente no ano de 1922, que foi reprografada e incluída no livro *Dona Julia*, em 1938¹¹⁸. Considero que a presença das netas e do quadro de Julia no ambiente, indicam que a foto foi possivelmente tirada no Brasil, após os anos vividos na Europa e do falecimento de Julia.

¹¹⁸ A informação é de Michele Asmar Fanini, que analisou a representação de Julia Lopes de Almeida em telas e fotografias. Ver: FANINI, Michele Asmar. *Fardos e fardões: mulheres na Academia Brasileira de Letras (1897-2003)*. 2009. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

Figura 40: Recorte de jornal divulgando *A Casa Verde*, romance escrito em conjunto por Julia e Filinto em 1932.



Fonte: Arquivo Filinto de Almeida/ ABL

Esta outra fotografia, um recorte de jornal, resume em texto e imagem a relação do casal Julinto. Julia com expressão de felicidade e Filinto com cara de orgulho. Orgulho de quem estava pela primeira vez escrevendo em conjunto com a maior romancista do país, sua esposa. Nas palavras da matéria, a exaltação dupla aos dois consagrados estilistas que reafirmaram naquela nova obra o conceito elevado que sempre tiveram nas letras nacionais. O lenço no bolso do terno do poeta e os colares sobrepostos de Julia mostram

que este foi um ensaio agendado, com roupas e penteados pensados para aquele momento. E o anúncio agradou os escritores, pois fez com que a página do jornal fosse cuidadosamente recortada e arquivada nas memórias da família. Ele chegou até os netos, que o repassaram para a ABL, que permitiu que eu o pegasse em minhas mãos e que agora compartilho nessa pesquisa.

O óculos de Filinto, sempre redondo, desta vez combinou com os escolhidos pela companheira de vida, um modelo mais oval e com armação de metal delicada, que deixou seu rosto limpo. No fundo escuro, os cabelos grisalhos se destacaram, como a marca do tempo sobre esses dois corpos que compartilharam a existência um do outro por muitos anos. O bigode curvado, que acompanha Filinto em todos os retratos que tive acesso, foi ganhando espessura e perdendo cor ao longo do tempo. O que permaneceu igual foi a admiração e o amor por Julia. A foto de divulgação do livro que escreveram juntos foi tirada apenas dois anos antes da morte da romancista, momento de grande dor para Filinto.

Como fez com os sentimentos confusos do início da paixão, o poeta transformou a perda e o luto em versos para sua amada. A folha datilografada e envelhecida, arquivada na ABL, traz um conjunto de marcações que foram se acumulando com o tempo. O texto original, um soneto de despedida para Julia, recebeu posteriormente e escrito a mão um título, ou uma descrição: Soneto (I). O (I) trata-se da numeração de uma nota de rodapé, que mais abaixo da folha traz a informação: Recitado pelo s. Alberto de Oliveira. A assinatura de Filinto antes do primeiro quarteto e uma correção em uma estrofe também foram adicionadas depois. Nas extremidades superiores, outras duas anotações foram feitas com lápis ou giz de cera vermelho, assim como na extremidade inferior, onde uma escrita um pouco maior foi feita em azul. Destas, só consegui identificar as palavras “artigo” e “para”.

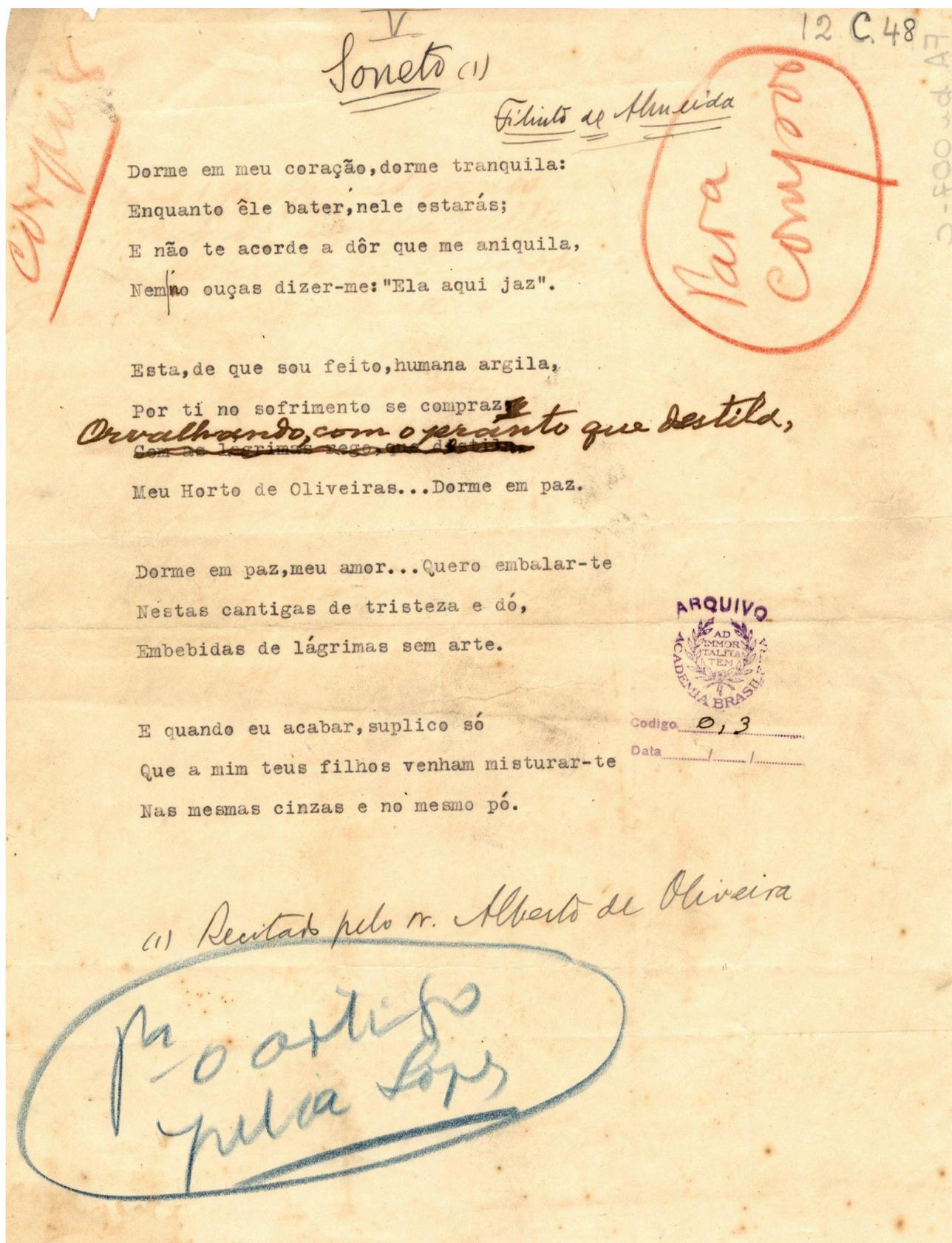
Algumas correções gramaticais também foram adicionadas com a pena depois, como acentos e indicação de espaçamento. Na frase rabiscada, ainda consigo ler “Com as lágrimas nego, que destila,”, no que foi substituída por “Orvalhando, com o pranto que destila,”. Talvez a mudança tenha sido feita em uma das releituras realizadas por Filinto. Ele perdeu a mulher com quem dividiu a vida por 47 anos, a mulher por quem frequentemente anunciava sua admiração e seu amor. Mas mesmo com a partida ela continuou sendo sua musa inspiradora, a quem dedicou um livro inteiro de versos. Com cuidado, escolheu cada palavra para expressar a grandiosidade de Julia e a saudade que

sentia. Com esforço, releu o produto do seu luto para identificar erros e melhorias. Ao menos não acredito que ele tenha passado por esse processo sem esforço.

Neste soneto, percebi que Filinto assimilou a morte de Julia como um sono profundo, no qual logo ele estaria envolto também. Em cinco momentos o poeta pede para que sua amada durma em paz e tranquila, ou para que não se acorde, apesar da dor que o aniquila. O misto de tristeza, consciência e carinho de que foram formados esses versos emocionam. “Dorme em meu coração, dorme tranquila: Enquanto ele bater, nele estarás;”. Julia esteve viva por mais alguns anos dentro do coração de Filinto, que, à espera de sua própria partida, suplicava apenas que toda a família se reunisse outra vez, mesmo que transformados em cinza e pó.

Sem sua musa, o poeta se derrama em lágrimas que encharcam suas rimas de tristeza e dó. A arte desapareceu junto com Julia. O soneto transmite ao leitor um tom de despedida do próprio Filinto, que, sozinho, também espera o seu fim. A cor e a alegria desapareceram de sua vida, e a última energia do escritor no campo das letras foi a publicação de *Dona Julia*. Ele sentiu que precisava concentrar seus versos em uma última homenagem, em uma última declaração. Por quatro anos ele trabalhou em folhas como essas, rememorando os bons momentos e lamentando a solidão. O livro foi publicado em 1938, quando ele tinha 80 anos. Ele suportou mais sete, até finalmente reencontrar sua amada, em 1945.

Figura 41: Soneto escrito por Filinto de Almeida após a morte de Julia.



Barthes, ao escrever sobre a perda de sua mãe, definiu seus sentimentos dessa maneira:

Dizem que o luto, por seu trabalho progressivo, apaga lentamente a dor; eu não podia, não posso acreditar nisso; pois, para mim, o Tempo elimina a emoção da perda (não choro), isso é tudo. Quanto ao resto, tudo permaneceu imóvel. Pois o que perdi não é uma Figura (a Mãe), mas um ser; e não um ser, mas uma *qualidade* (uma alma): não a indispensável, mas a insubstituível. Eu podia viver sem a Mãe (todos vivemos, mais cedo ou mais tarde); mas a vida que me restava seria infalivelmente e até o fim *inqualificável* (sem qualidade).¹¹⁹ (grifo do autor)

Entendo que a descrição caiba na situação que Filinto vivenciou. Ele perdeu a referência familiar de pai e mãe muito cedo, tendo que encontrar e criar seus caminhos sozinho desde o momento que saiu de Portugal. Quando encontrou Julia, ela se tornou a pessoa para a qual dedicou seu carinho, seu respeito, e com a qual construiu cumplicidade. Com a sua partida, Filinto perdeu a alma e enfrentou 11 anos de uma vida inqualificável.

Quem o acompanhou nos anos finais foi a filha Margarida, que dedicou parte de sua vida para organizar e preservar os arquivos produzidos por seus pais. Nesta última foto, Filinto posou sozinho em frente ao casarão do Morro Santa Teresa, espaço que abrigou o Salão Verde, recebeu muita gente e foi palco de muitos eventos. Pelas características físicas do poeta, a foto data do período após a morte de Julia. O poeta está mais magro, com a postura menos imponente, apesar de seu esforço. Seu olhar distante parece vazio, muito diferente da expressão de orgulho e confiança que mantinha em todas as fotos com a esposa.

As folhas caídas da árvore que vejo no lado direito da foto se espalham pela calçada que chega até uma porta aberta do casarão. Essas folhas, combinadas com a ausência de outros personagens no enquadramento, aumentam a sensação de que Filinto está sozinho, quase desamparado. Seu único apoio é a bengala. Como o casarão foi vendido antes da família se mudar para a Europa em 1925, esse é possivelmente o registro de uma visita à antiga moradia, então com outros donos. O olhar distante talvez estivesse em outros tempos, quando aquele local abrigava um lar de artistas, quando a família se reunia para jantar, quando Julia e Filinto discutiam a escrita dos capítulos de suas obras, ou de quando as crianças apresentavam peças de teatro no jardim.

¹¹⁹ BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018. p. 67.

Figura 42: Filinto de Almeida visitando o casarão em Santa Teresa.



Fonte: Arquivo Filinto de Almeida/ ABL

A trajetória de Filinto de Almeida não foi linear, nem tão pouco previsível. Contra o cenário incerto para uma criança órfã em um país estranho, fez-se poeta. Vivenciou o amor, a perda, a mudança, a alegria e a tristeza. Escreveu sobre muitos assuntos e nos mais diferentes formatos. Se envolveu em discussões políticas, deu voz ao projeto de nação que acreditava ser possível. Foi elogiado e criticado na imprensa. Fez boas amizades e trabalhou no comércio. Seus versos e suas crônicas tocaram muitas pessoas, mas sua obra segue pouco explorada. Seu nome, quando não foi associado ao adjetivo “marido”, ficou preso entre o dilema de ser um “poeta lyrico de talento” e um “poeta medíocre”.

5. CRONOLOGIA DE FILINTO DE ALMEIDA

1857: no dia 04 de dezembro, Francisco Filinto de Almeida, filho de Margarida Monteiro de Almeida e Francisco de Almeida, nasceu na cidade de Porto, Portugal.

1858: viveu no Porto com a família até 1866 e é alfabetizado no Colégio da Lapa.

1862: no dia 24 de setembro, Julia Valentim da Silveira Lopes, filha do então Visconde de São Valentim (Valentim José da Silveira Lopes) e de D. Antonia Adelina, nasceu na cidade do Rio de Janeiro.

1867: no dia 05 de dezembro, Filinto saiu de Portugal em direção ao Brasil.

1868:

- 15 de janeiro: aportou no Rio Grande do Sul.
- Abril: viveu na casa de um primo mais velho no Rio de Janeiro, então Capital Federal do Brasil.

1869:

- com 12 anos, saiu da casa do primo e vai viver por conta própria.
- trabalhou na Loja de calçados Amorim e Rocha, na rua São Pedro, nº 43.

1870: com 13 anos, trabalhou na Papelaria e Livraria Oliveira Gonçalves & Correia na Rua da Quitanda, nº 86.

1872: com 15 anos, trabalhou na Loja de ferragens e armarinho Miranda Taveira & Cia - Rua das Violas esquina de Candelária

1873: com 16 anos, trabalhou na Papelaria e Livraria Gayoso e Cia - Rua da Alfandega 18.

1876: escreveu o entreato cômico *Um idioma*, representado no Teatro Vaudeville.

1878: colaborou na revista ilustrada *O Besouro*, publicando sonetos até 1879.

1879: criou e administrou a revista *A America: Publicação quinzenal, científica, litteraria, commercial, industrial e noticiosa*, que durou até 1880.

1880:

- foi redator, junto com Coelho Neto, do *Diário Ilustrado*.
- convidado por Lopes Trovão, colaborou com o jornal republicano *O Combate*.

1881: colaborou em *A Comédia*, de São Paulo.

1882:

- com 25 anos, trabalhou na Photographia Allemã Henschell & Cia, na Rua do Barão da Victoria, nº 52.
- colaborou no periódico *Folha Nova*.
- escreveu para a folha *Gazetinha*.

1883:

- 9 de dezembro: Valentim Magalhães escreveu para a *Gazeta de notícias* que recebeu Filinto em sua residência, e que estes trabalharam na tradução de *Gran-Galeto*, do dramaturgo espanhol José Echegaray y Eizaguirre, no dia 7 daquele mês. A informação foi publicada no dia 10.
- 10 de dezembro: o jornal *O Mequetrefe* anunciou que Filinto e Valentim Magalhães estavam traduzindo o *El Gran-Galeoto*.

1884:

- 1º de janeiro: junto de Silvestre de Lima e Antonio Figueira, Filinto lança a folha intitulada *Meio Dia*. Uma nota em *O Mequetrefe* informa que Filinto e Silvestre deixaram a redação do *Meio Dia* logo no dia 10 de fevereiro do mesmo ano.
- 20 de janeiro: *O Mequetrefe* anuncia que o teatro Recreio Dramatico iria reabrir com a apresentação de *El Gran-Galeoto*, traduzida enfim por Filinto e Valentim Magalhães.
- 6 de junho: teve os primeiros versos publicados na *Gazeta de Notícias*. Seu nome já havia sido mencionado em artigos de outros autores, sobre diversos temas.
- 15 de junho: estreou no teatro Recreio Dramatico a comédia em 1 ato chamada *Amostra de Sogra*, escrita por Filinto e Valentim Magalhães.

1885:

- 03 de janeiro: publicou o primeiro número da revista semanal *A Semana*, que criou com Valentim Magalhães.
- publicou, junto com Valentim Magalhães, a peça *Mulher Homem*, da revista cômico-fantástica dos acontecimentos de 1885, em 1 prólogo, 3 atos e 11 quadros, que foi representada no Teatro Santana em janeiro de 1886, musicada por Chiquinha Gonzaga.
- 28 de fevereiro: colaborou com a publicação de versos em *O Mequetrefe*.
- traduziu, junto de Valentim Magalhães, outra obra de EcheGARAY, *No seio da Morte*, encenada no teatro Recreio Dramatico.

1886: no dia 10 de outubro e 20 de dezembro, colaborou outra vez com a publicação de versos em *O Mequetrefe*.

1887:

- publicou o monólogo cômico em versos *Os Mosquitos*.
- publicou (entre os meses de janeiro e março) o livro de versos intitulado *Lyrice*, que compilou em 280 páginas um conjunto de produções anteriormente impressas em jornais.
- Filinto visita Campinas e tem uma opinião publicada no *Diario de Santos* no dia 1º de abril, na qual aprovava a atitude do deputado provincial João Egydio de Souza Aranha, que havia concedido liberdade às duas escravas que possuía. Depois da visita no mês de abril, o *Diario* publica alguns versos de *Lyrice*, de Filinto, ao longo daquele ano.
- 24 de setembro: publica sua última participação em *A Semana*.
- a edição de 01 de outubro anuncia a ausência de Filinto em virtude de sua iminente viagem de casamento.
- 12 de outubro: partiu para Lisboa a bordo do navio *John Elder*, para casar-se com Julia.
- 15 de outubro: *A Semana* publicou um conjunto de despedidas à Filinto.
- 28 de novembro: Filinto e Julia se casaram na Igreja de São Domingos em Lisboa, Portugal.
- em Lisboa, escreveu a comédia em verso intitulada *O defunto*, que foi apresentada no teatro D. Maria II, em Portugal, no ano de 1891, no teatro Recreio Dramatico,

em 1892, na cidade do Rio de Janeiro e no Theatro Minerva, em 1893, na cidade de São Paulo.

1888:

- 31 de agosto: uma menção no jornal *A Estação*, informa o retorno de Filinto ao Brasil, indicando que após o casamento em Lisboa, os noivos teriam passado um período em Paris.
- 21 de dezembro: nasceu Afonso Lopes de Almeida, filho o casal.
- no *Correio Paulistano*, Filinto teve versos publicados nos dias 20 de maio, dia 14 de junho e 15 de junho.

1889:

- Filinto e Valentim Magalhães escreveram a revista musicada *Abolindenrepcotchindegó*.
- foi redator e cronista no *Diario do Commercio*.
- 19 de novembro: deixa o Rio de Janeiro e muda-se para São Paulo para tomar a chefia da redação da Província de São Paulo.

1889: trabalhou até 1895 como redator chefe no jornal A Província de São Paulo, e foi responsável por renomear O Estado de São Paulo com a mudança para o regime republicano.

1890:

- 21 de junho, o *Correio Paulistano* publicou uma nota informando a ocorrência, na noite anterior, de um princípio de incêndio na chaminé da casa de Filinto, na rua da Liberdade.
- nasceu Adriano Lopes de Almeida, filho do casal (que morreu antes de completar um ano).

1891:

- 12 de janeiro, nasceu Valentina Lopes de Almeida, filha do casal (que morreu com cerca de dois anos).
- Filinto se tornou cidadão brasileiro no evento conhecido como “grande naturalização”, que diz respeito ao procedimento adotado pela Constituição de

1891 (a primeira Constituição da República) que, em seu artigo 64 , § 4º estabeleceu que seriam considerados "cidadãos brasileiros os estrangeiros que, achando-se no Brasil aos 15 de novembro de 1889, não declararem, dentro de seis meses depois de entrar em vigor a Constituição, o animo de conservar a nacionalidade de origem".

- 18 de março: apareceu no *Correio Paulistano* uma prévia da lista dos nomes que seriam os senadores e deputados eleitos, constando o de Filinto.
- 21 de junho: o *Diário do Comercio*, do Rio de Janeiro, comunicou o falecimento do menino Adriano, ocorrido em São Paulo.

1892:

- 27 de fevereiro: a lista oficial dos candidatos da chapa do partido Republicano foi divulgada no *Correio Paulistano* pela primeira vez. Filinto foi apresentado como jornalista, e seu número de candidato era o 14. A mesma lista foi divulgada no dia seguinte, e depois nos dias 1º, 3, 4 e 5 de março.
- 7 de março: ocorreram as eleições para o Congresso do Estado de São Paulo.
- 8 e 9 de março: o *Correio Paulistano* divulgou o resultado das eleições em algumas localidades. No distrito do Braz, Filinto recebeu 21 votos; no distrito da Consolação, 22 votos; no distrito de Santa Efigenia, 16 votos; no distrito do sul da Sé, 10 votos.
- 18 de março: o resultado final da eleição na Comarca da Capital de SP foi divulgado no *Correio Paulistano*. Filinto recebeu 1410 votos no total, sendo o 12º deputado mais votado, com uma diferença de 21 votos para o 1º.
- 30 de março: faltavam ainda 18 colégios eleitorais para serem somados. Até este dia, Filinto somava 12812 votos, sendo o 13º deputado mais votado.
- Início de abril: ocorreu a 5ª sessão preparatória da Câmara dos Deputados do Congresso do Estado de São Paulo, na qual Filinto foi reconhecido como um dos deputados eleitos e foi convocado, junto com os demais, a instalarem o congresso no dia 7 de abril.
- 27 de abril, Filinto foi mesário nas eleições para deputados e senadores do Congresso Federal, alocado na na 6ª seção, referente aos quarteirões 24 e 25, com 192 eleitores, no Lyceu de Artes e Officios, na rua Marechal Deodoro.

- iniciou sua legislatura na Assembleia Legislativa de São Paulo, que durou até 1894.

1893:

- 22 de fevereiro: Filinto é nomeado agente geral da Companhia Nacional de Seguros de Vida A Educadora, cujo diretor presidente era Valentim Magalhães e o diretor gerente era Edgar Gambaro. (Correio Paulistano)
- 23 de março: Filinto foi mesário na eleição para um senador e dois deputados ao Congresso Federal, alocado na 6ª seção, de 1251 a 1407, no antigo Paço da Câmara Municipal, pavimento térreo, na sala de espera (à esquerda).
- 11 de junho: o *Correio Paulistano* publicou uma nota lamentando o falecimento de Valentina, com um ano e alguns meses de idade.
- 24 de junho: no dia 23 de março, Filinto foi mesário na eleição para um deputado ao Congresso Federal, alocado na 6ª seção, de 1251 a 1407, no antigo Paço da Câmara Municipal, pavimento térreo, na sala de espera (à esquerda).

1894:

- a família retornou para o Rio de Janeiro e Filinto ficou transitando entre os dois estados.
- 27 de abril: *O Estado de S. Paulo* publicou uma nota informando que, no dia anterior, Filinto e Julia haviam retornado de uma viagem à Europa. Na edição de 28 de abril de *A Semana*, saiu uma nota informando o retorno de Filinto à redação para contar aos velhos amigos que tinha voltado.
- 22 de maio: nasceu Albano Lopes de Almeida, filho do casal, na Rua Hadock Lobo 127, no mesmo quarto onde nasceu o Afonso em 1888.
- assumiu como diretor tesoureiro da Companhia de Seguros de Vida a Educadora, cujo presidente era Valentim Magalhães.

1895:

- 11 de janeiro: Filinto e Julia estiveram presentes em um baile no Palácio do Governo de São Paulo, a convite do senhor Dr. Bernardino de Campos, em virtude da formatura do genro Dr. Alfredo Salles.

- Julho: Filinto deixou a redação de *O Estado de São Paulo*. O *Correio Paulistano* divulgou que além do jornal, Filinto estava também deixando a cidade de São Paulo para voltar a morar no Rio de Janeiro.
- A comédia *O Armario do Diabo*, traduzida para o português por Filinto, ocupa os palcos do teatro Eden-Lavrado.

1896: no dia 7 de abril, nasceu Margarida Lopes de Almeida, na Rua Aprazível em Santa Teresa.

1897: no dia 20 de julho, Filinto torna-se fundador da ABL, passa a ocupar a cadeira de número 03.

1898:

- colaborou com a revista *Branco e Negro: semanário ilustrado*, de Lisboa, Portugal.
- 5 de setembro: Filinto visitou a redação do *Correio Paulistano*.

1898: entre os dias 18 de dezembro de 1898 e 26 de março de 1899, escreveu e publicou em formato de folhetim o romance *A Casa Verde*, nas páginas do *Jornal do Comércio*, em parceria com a esposa Julia, sob o pseudônimo A. Julinto.

1899:

- 13 de julho: nasceu Lucia Lopes de Almeida, filha do casal, na Rua do Curvelo, em Santa Teresa, hoje Rua Dias de Barros.
- escreveu a comédia em verso *O Beijo*, que foi apresentada em 5 de dezembro no teatro português Dona Amelia, em Lisboa. (A Notícia)

1900:

- 1º de janeiro: o jornal *A Notícia* publicou um anúncio da Companhia de Seguros A Educadora que apresentou Filinto como secretário-tesoureiro, enquanto Valentim Magalhães era o presidente.
- Outubro e Novembro: Filinto esteve em Buenos Aires para acompanhar a passagem do presidente brasileiro na região do Rio da Prata, Argentina e Uruguai, junto com outros jornalistas. A viagem foi divulgada pela *Revista da Semana*.

1901: Filinto entra para a “Associação dos Empregados do Commercio do Rio de Janeiro”.

1912: no dia 17 de agosto, a Revista da Semana divulgou um serão na casa de Filinto e Julia, em homenagem a Julio Vila y Prades, pintor espanhol.

1913: Filinto e Julia fazem uma passagem por Lisboa, onde são recebidos com um jantar no salão de honra do Palace Hotel.

1914: Filinto e Julia são recebidos em Paris, em um banquete de 400 convidados, que tinha como pretexto apresentar a escritora ao mundo intelectual francês.

1915:

- Filinto publicou o livro de poesias chamado *Contos e Cantigas*.
- 23 de janeiro: a *Revista da Semana* divulgou a conferência de Julia no salão do *Jornal do Commercio*, na qual Filinto esteve acompanhando.

1917: no dia 13 de setembro, ocorreu uma reunião com os membros da Academia Brasileira de Letras, na qual Filinto solicitou uma manifestação de apoio à criação de uma Faculdade de Letras, e cobrou a ausência de uma cadeira de literatura portuguesa.

1918: em 12 de janeiro, a *Revista da Semana* divulgou em três páginas a representação de “Nos jardins de Saúl”, peça encenada nos jardins do casarão de Filinto e Julia. O evento foi em benefício da *Assistencia de Santa Theresa*.

1919: no dia 13 de janeiro, publicou a primeira crônica no jornal *A Noite*, substituindo a tarefa semanal então ocupada por Alberto de Oliveira.

1921:

- 28 de novembro: publicou a última crônica na revista *A Noite*.
- publicou o livro *Colunas da Noite*, que reuniu as produções dedicadas à revista durante três anos.

1924:

- 02 de abril: uma notícia nas páginas de *A noite* informa a partida de Filinto, acompanhado pela filha Lucia, para a Europa no dia seguinte, em busca de tratamento médico.
- 24 de abril: uma notícia em *O Paiz* informa a chegada de Filinto e Lucia em Lisboa.
- Margarida Lopes de Almeida foi laureada com o prêmio Viagem a Paris pela Escola Nacional de Belas Artes, onde realizaria um estágio subvencionado.

1925: toda a família se muda para Paris. *O Paiz*, na edição de 25 de abril, cita a premiação de Margarida e a mudança para a Europa.

1927: Filinto e Julia moram na França.

1929: Filinto e Margarida estiveram em Madrid.

1931: no dia 9 de abril, uma nota no *Diario de Santos* informa que Filinto deixou Paris rumo a Lisboa, onde iria embarcar para retornar ao Rio de Janeiro.

1932: o romance *A Casa Verde* é publicado como livro pela Companhia Editora Nacional, com a assinatura de Filinto e Julia.

1933: Filinto retorna para o Brasil.

1934: no dia 30 de maio, Julia faleceu na cidade do Rio de Janeiro, com 71 anos, após adoecer retornando para o Brasil depois de visitar a filha Lúcia, em Moçambique, no continente africano.

1938: publicou uma edição particular de *Dona Julia*, livro que reuniu poemas escritos para a sua esposa ao longo de sua vida conjugal.

1945: no dia 29 de janeiro, faleceu na cidade do Rio de Janeiro, com 87 anos, em decorrência de esclerose cardio hepatorrenal. Seu sepultamento foi realizado no Cemitério São Francisco Xavier.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de construção desta pesquisa, assim como a trajetória de Filinto de Almeida, não foi linear e muito menos previsível. Entre readequação de objetivos e formato dos documentos utilizados, encontrei de maneira inesperada o fio condutor da minha narrativa: Filinto fez e foi muito mais do que apenas o homem que roubou o lugar de Julia Lopes na ABL. Reuni e atualizei as informações biográficas antes espalhadas em diversos materiais e tentei me aproximar da intimidade do casal, destacando uma história de amor e trocas intelectuais. Encontrei e conectei registros da participação do escritor no âmbito da política, das artes e do comércio. Segui os rastros da vida do poeta. Entretanto, abdiqueei neste texto uma das ideias iniciais do projeto, a de analisar produções de Filinto considerando a palavra como movimento. Compreender de que maneira Filinto de Almeida, enquanto intelectual multifacetado (que escreveu matérias em jornais, poesias, romances e peças de teatro), fez uso de diferentes espaços para divulgar sua palavra, é um campo aberto para investigação.

Nesse sentido, as lacunas deste trabalho se tornam objeto para novas pesquisas. É o caso da análise das *Colunas da Noite*, um conjunto de 99 crônicas escritas semanalmente por Filinto no jornal *A noite*, entre os anos de 1919 e 1921. Algumas delas foram reunidas e publicadas em formato de livro. Um material denso e diversificado com este pode ser utilizado como termômetro para compreender as movimentações e os debates na cidade do Rio de Janeiro, uma vez que o escritor abordou os mais diferentes temas em seus comentários semanais. Alguns dos títulos trazem menções a assuntos como “O caso da Caixa Economica”, “O monumento da Independencia”, “A nova Galeria Jorge”, “Pela cidade”, “A dança das letras”, “Carta ao novo prefeito” e “O teatro Nacional”.

Além disso, as obras que compilam seus versos como *Lírica, Cantos e Cantiga e Dona Julia*, também não receberam atenção crítica neste trabalho e fornecem material rico para estudos sobre o estilo do poeta. Por meio delas, a relação do casal pode ser lida em palavras contadas e planejadas, e a devoção de Filinto por sua musa inspiradora, pelo amor e pelas possibilidades da vida, podem ser exploradas de maneira profunda. Outro aspecto da vida do escritor que merece mais atenção é a sua participação enquanto Deputado em São Paulo. A análise das atas de sessões e a publicação de notícias a respeito de projetos nos quais estava envolvido durante o seu mandato tem condições

de evidenciar seus posicionamentos políticos e a sua relação com as demandas sociais do período.

O leque de possibilidades de pesquisa a partir da vida e das produções do escritor aponta para uma dimensão da formação da elite letrada e de intelectuais no Brasil muito maior do que a que já foi explorada. Atentar-se para a diversidade de sujeitos que pensaram e formularam instituições tradicionais como a ABL, permite que projetos e ideias mais radicais, que foram abafadas ou superadas com a passagem do tempo, sejam redescobertas. Ao redescobrir os processos de disputa e tensão dentro destes espaços e sociabilidades, posso descobrir também apagamentos que foram produzidos e decisões equivocadas que foram tomadas.

REFERÊNCIAS

Documentos

A Constituinte de SP - Orgam Liberal. São Paulo, 1879 - 1880. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<https://bndigital.bn.br/acervo-digital/constituente/709646>>

A Estação. Rio de Janeiro, 1879 - 1904. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<https://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/estacao/709816>>

A Folha Nova. Rio de Janeiro, 1882 - 1885. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<https://bndigital.bn.br/acervo-digital/folha-nova/363723>>.

A Noite. Rio de Janeiro, 1911 - 1964. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<https://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/noite/348970>>.

A Notícia. Rio de Janeiro, 1894 - 1916. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=830380&pesq=&pagfis=1>>.

A Semana. Rio de Janeiro, 1885 - 1895. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<https://bndigital.bn.br/acervo-digital/semana/383422>>.

Cidade do Rio. Rio de Janeiro, 1887 - 1902. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<https://bndigital.bn.br/acervo-digital/cidade-rio/085669>>.

Correio Paulistano - Orgam Republicano. São Paulo: 1854 - 1942. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DOCREADER/docmulti.aspx?BIB=090972>>.

Diário de Santos. São Paulo, 1887 - 1932. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=892777&pagfis=63>>.

Diário do Commercio. Rio de Janeiro, 1888 - 1892. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=248070&pesq=&pagfis=113>>.

Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro, 1875 - 1956. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<https://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/gazeta-noticias/103730>>.

Gazetinha. Rio de Janeiro, 1880 - 1883. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<https://bndigital.bn.br/acervo-digital/gazetinha/706850>>.

O Estado de S. Paulo. São Paulo, 1875 - atual. Acervo mantido pelo próprio jornal. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/acervo/>>.

O Mequetrefe. Rio de Janeiro, 1875 - 1892. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<https://bdigital.bn.br/acervo-digital/mequetrefe/709670>>.

Revista da Semana. Rio de Janeiro, 1900 - 1918. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<https://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/revista-semana/025909>>.

Bibliografia

ABREU, Martha; DANTAS, Carolina Vianna. É chegada “a ocasião da negrada bumar” comemorações da Abolição, música e política na Primeira República. *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 27, nº 45. p.97-120, jan/jun 2011.

ALONSO, Angela. *Idéias em Movimento: A geração de 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ALVES, Moema de Bacelar. *Quando os artistas saem em viagem: Trânsito de pintores e pinturas no Brasil na virada do século XIX para o XX*. 2019. 284 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

ARFUCH, Leonor. *O Espaço Biográfico: Dilemas da Subjetividade Contemporânea*. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2010.

BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BRITO, Clóvis Carvalho. Sob os véus de Thalia e Melpômene: Júlia Lopes de Almeida em cena. *Cadernos Pagu*, n. 52, 2018.

CARRIJO, Fabrizia de Souza. Carlos Malheiros Dias. *Convergência Lusíada*, n. 26, julho - dezembro de 2011.

CARRIJO, Fabrizia de Souza. *Questões raciais e políticas presentes no romance A Mulata, de Carlos Malheiros Dias*. 2016. 190 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

CASTRO, Ruy. *As vozes da metrópole: Uma antologia do Rio dos anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

COQUEIRO, Wilma dos Santos. Entre o silenciamento e a busca por expressão: a representação da voz feminina subalterna em Lívia Garcia-Roza. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 14, n. 3, p. 1-12, jul.-set. 2021.

COSTRUBA, Deivid Aparecido. Para além do sufragismo: a contribuição de Júlia Lopes de Almeida à história do feminismo no Brasil (1892-1934). 2018. 200 f. Tese (Doutorado

em História) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2018.

COSTRUBA, Deivid Aparecido. Por dentro da biografia: trajetória intelectual e “Campo Literário” em Júlia Lopes de Almeida. *Oficina do Historiador*, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 10, n. 2, jul./dez. 2017

DA SILVA, Helenice Rodrigues. A História Intelectual em Questão. In: *Grandes nomes da História Intelectual*. LOPES, Marcos Antônio (Org.). São Paulo: Contexto, 2003. p. 15-24.

DA SILVA, Helenice Rodrigues. *Fragmentos da História Intelectual: entre questionamentos e perspectivas*. Campinas, SP: Papirus, 2002.

DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: escrever uma vida*. 2. ed. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2022.

ERNAUX, Annie; MARIE, Marc. O uso da foto. *ZUM - Revista de Fotografia*. São Paulo, v. 26. Abr, 2024. pp 60-85. p.63

FAEDRICH, Anna; FANINI, Michele Asmar. Entrevista com os netos de Júlia Lopes de Almeida: Claudio e Fernanda Lopes de Almeida. *Aletria*, Belo Horizonte, v. 30, n. 4, 2020. p. 315-328.

FANINI, Michele Asmar. As mulheres e a Academia Brasileira de Letras. *História (São Paulo)*. vol. 29, nº 1, 2010.

FANINI, Michele Asmar. *Fardos e fardões: mulheres na Academia Brasileira de Letras (1897-2003)*. 2009. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. doi:10.11606/T.8.2009.tde-19022010-173143. Acesso em: 12. abr. 2025.

FANINI, Michele Asmar. Júlia Lopes de Almeida em cena: notas sobre seu arquivo pessoal e seu teatro inédito. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 71, p. 95-114, dezembro de 2018.

FANINI, Michele Asmar. Júlia Lopes de Almeida em “retrato e prosa”: a propósito dos diálogos entre as imagens da escritora e sua produção literária. *Cadernos Pagu*, n. 41, julho/dezembro de 2013.p. 159-199.

FARGE, Arlette. *O sabor do Arquivo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

GOMES, Angela de Castro. Essa gente do Rio... Intelectuais cariocas e o modernismo. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro. vol.6, n. 11, 1993, p. 62-77.

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patricia Santos (Orgs). *Intelectuais Mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da História Oral*, Rio de Janeiro, FGV, 1996. p. 167-182.

LOBATO, Denise Araújo. *Prosas de Júlia Lopes de Almeida em jornais paranaenses oitocentistas: entre a temática moralizante e a palavra moralizante*. 2016. 144 f. Dissertação (Mestrado em Letras - Estudos Literários) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

LOPES, Marco Antônio. Pena e espada: sobre o nascimento dos intelectuais. In: *Grandes nomes da História Intelectual*. LOPES, Marcos Antônio (Org.). São Paulo: Contexto, 2003. p. 39-48.

Machado, Eliza Salgado de Aguiar. *Arquivos Pessoais: Implicações teóricas e a organização do Arquivo Filinto de Almeida*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia)- Instituto de Arte e Comunicação Social – Universidade Federal Fluminense. Niterói: UFF, 2017.

MACHADO, Raul. Filinto de Almeida. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, n. 13, jun./1945. pp. 11-21.

MACHADO, Ricardo. Por uma História Intelectual à margem. *Gavagai*, Erechim, v. 8, n. 2, p. 107-114, jul./dez. 2021.

MAUAD, Ana Maria. *Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX*. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.13. n.1. jan. - jun. 2005. p. 133-174.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MONTEIRO, Rosana Horio. *Arte e ciência no século XIX: um estudo em torno da descoberta da fotografia no Brasil*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro. n. 34, julho-dezembro de 2004, p. 51-70.

MONTEIRO, Vanessa Sattamini Varão. *Crianças do sertão: a história de vida dos jaguncinhos da guerra de Canudos*. 2011. 152 f. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, 2011.

MOYSÉS, Stefanie Clarice Ramos. As pinturas das fazendas de café de Antonio Ferrigno. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 16, 2022. Atas do XVI Encontro de História da Arte. Campinas: IFCH/UNICAMP, n. 16, 2022.

NEVES, Margarida de Souza. Os cenários da república. O Brasil na virada do século XIX para o século XX. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Jorge Luís (Orgs). *Brasil republicano: Estado, sociedade civil e cultura política. O tempo do liberalismo excludente. Da Proclamação da República à Revolução de 1930*. 1.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, v. 4. p.14 a 44.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas (SP): Pontes, 1999.

PERINELLI NETO, Humberto. Nos quintais do Brasil : homens, pecuária, complexo cafeeiro e modernidade – Barretos (1854-1931). Tese – Doutorado – História – Faculdade de História, Direito e Serviço Social – UNESP–Franca : UNESP, 2009.

PINTO, Gabrielle Carla Mondêgo Pacheco. Sobre fontes e arquivos: o repertório para investigar Júlia Lopes de Almeida. *Revista Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades*. Teresina (PI), v. 4, n. 1, 2022. p. 01-11.

RIO, João do. A Alma Encantadora das Ruas: crônicas. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995.

RIO, João do. O momento literário. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/Dep. Nacional do Livro, 1994[1905].

SALIBA, Elias Thomé. Cultura/As apostas na República. In: A abertura para o mundo: 1889-1930. v. 3. Coord: Lilia Moritz Schwarcz. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. pp. 239-294.

SALOMONI, Rosane Saint-Denis. *A escritora/ os críticos/ a escritora: o lugar de Júlia Lopes de Almeida na ficção brasileira*. 2005. 231 f. Tese (Doutorado em Letras - Literatura Brasileira) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma história cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 231-269.

SILVEIRA, Célia Regina. Trajetória de Gaspar da Silva na imprensa luso-brasileira em fins do século XIX: mediador cultural entre os dois lados do Atlântico. In: Sociedade de Estudos do Oitocentos SEO. Anais dos Seminários Internacionais, Volume 2, 2017. Disponível em: <<https://www.seo.org.br/volume-2-2017>>. Acesso em: 20/12/2024.

SILVA, Arielle Farnezi. Papéis para mulheres: Educação e abolição nas “Croniquetas” de Arthur Azevedo (1885-1889). 117 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018. Programa de Pós-graduação em História.

SURIANI, Ana Cláudia. Moda e literatura: o caso da revista A Estação. *IARA – Revista de Moda, Cultura e Arte* – São Paulo v.2, n. 1. set./dez. 2009 – Artigo 1.

Sites:

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL). Disponível em <<https://www.academia.org.br/academicos/coelho-neto/biografia>>. Acessado em 05 de jun. 2025.

BRUNET, Daniel. O machismo na Academia Brasileira de Letras. *Portal Geledés*, 2017. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/o-machismo-na-academia-brasileira-de-lettras/>>. Acesso em: 03, jan. 2025.

POMPERMAIER, Paulo Henrique. “Estamos ainda diante de um ambiente refratário à presença feminina”. *Revista Cult*, 2017. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/estamos-ainda-diante-de-um-ambiente-refratario-a-presenca-feminina-diz-pesquisadora-sobre-abl/>>. Acesso em: 03, jan. 2025.

SIMONSEN, Roberto. Discurso de Posse. *Academia Brasileira de Letras*. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/roberto-simonsen/discurso-de-posse>>. Acesso em: 02 jan. 2025.

WANDERLEY, Andrea C.T. Série “Feministas, graças a Deus!” XVIII – Júlia Lopes de Almeida (1862 – 1934), a “escritora da Belle Époque tropical”. *Brasiliiana Fotográfica*, 2024. Disponível em: <<https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=35687>>. Acesso em: 03, jan. 2025.

ANEXO A -

Entrevista de Álvaro Salgado - Poetas do Brasil: Filinto de Almeida.

*do
mentre
Filinto de Almeida
de Álvaro Salgado*

1



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

SERVIÇO DE RÁDIO-DIFUSÃO EDUCATIVA

RIO DE JANEIRO, D. F.

POETAS DO BRASIL.
(Filinto de Almeida).

(11.º) Programa literário de Álvaro Salgado.

.....

Querem uns que o parnasianismo seja uma escola; negam outros, ironicamente, precise haver escola para o culto da poesia - na forma e na ideia - desde que não existe arte sem a verdadeira perfeição.

Do segundo grupo faz parte o Sr. Filinto de Almeida.

Ninguém melhor do que ele pôde dar provas disso, quando nos comunicamos de que aos 15 anos fazia versos "parnasianos", sem que, entretanto, fossem ainda conhecidos, aqui, os dogmas de Heredia...

De resto, sabemos que só aos vinte anos, aproximadamente, veio a folhear as primeiras leis de versificação, quando teve aos olhos o "Tratado de Metrificacão", de Castilho. Antes já era tido como apurado poeta.

Ao penetrar na original e tranquila residência, em Copacabana, do venerando acadêmico, longe do bulício citadino de todas as horas, na convidativa sombra das árvores que circundam a mansão do poeta, sentimos algo diferente dentro de nós mesmos.

Presentíramos o espírito do seu dono. Ali estava o artista, dentre as telas raras e a estatuária preciosa.

Vêmo-lo alto e forte, em indumento matinal, elegante, enquanto o sorriso distinto, franco, e a maneira afável nos põem á vontade. Com um olhar bondoso, simpático, cordealmente extênde-nos a mão. E esse "shake-hands" parece dizer-nos:

"Amigos, a minha alma inda é moça, e flutua
Dentro de um corpo sem idade, que ela ignora;
Para os meus olhos inda ha púrpura na aurora,
Inda ha ouro no sol, inda ha prata na lua!



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

SERVIÇO DE RÁDIO-DIFUSÃO EDUCATIVA

RIO DE JANEIRO, D. F.

.....Inda hoje me enternece o palpitar de uma asa,
 Inda vibro ao calor de todas as ternuras...
 E para não ficar na velhice ás escuras
 Semeei, providente, astros dentro de casa".

Filinto de Almeida é um sêr que nos enche as medidas. Sua vida é dessas que deveriam figurar nos livros didáticos, servindo de modelo aos desanimados, aos que julgam sómente o dinheiro capaz de nos levar adiante.

Atenta! Ele era pobre, caixeirinho, órfão! A escola primária frequentára vinte meses, apenas. Bem sabemos que os predestinados sobrenadam aos vagalhões da vida - é a força do Destino! Em todo caso, é de pensar-se que a oportunidade, ás vezes, não aparece, embora, em todas as circunstâncias, a vontade seja o fator preponderante, como aconteceu com o nosso poeta.

Agora, Filinto de Almeida vai desenovelar no tear dos minutos o que foi seu passado, sua vida tão bonita!

Nasceu longe daqui - além-mar do Brasil - no Porto, a 4 de dezembro de 1857.

Órfão de pai, separáram-no, pequenino, da mãe enferma.

Completava dez anos quando um parente que se dirigia ao Brasil, trouxe-o em sua companhia.

A 15 de janeiro de 1868, desembarcavam no Rio Grande do Sul. Em abril desse ano, Filinto transferiu-se para esta Capital que o abrigaria, de início, como caixeirinho de uma loja de calçado, e, depois, membro fundador da Academia Brasileira de Letras.

O Snr. Filinto, embora não seja orador, tem a palavra fácil, colorida, original, pontilhada de idéias próprias. A prosa flúe, cheia de atrativos,



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

SERVIÇO DE RÁDIODIFUSÃO EDUCATIVA

RIO DE JANEIRO, D. F.

sempre renovada.

Á certa altura da nossa palestra súrge-nos, á semelhança de uma balada viva do poeta, uma das netinhas, educada, inteligente e carinhosa. E o excelente chefe de família - exemplo vivo do autor de "L'Art d'être grand-père" - acariciá-a ternamente, beija-a, provóca-lhe uma resposta espirituosa e sorri satisfeito. Seus olhos, alegres, recitam:

"Transmitir só a vida é pouco e vão:
Fá-lo o ínfimo inséto, na inconciência
Do bruto instinto da conservação.
Ventura, é transmitir a inteligência;

Os dótes da bondade e da clemência
Legar de geração a geração,
E a nobre, íntegra força da conciência,
Com os frutos de amor do coração.

Feliz quem, como nós, de alma sensível,
Gera outras vidas com seu próprio ideal,
Nos filhos elevando o próprio nível.

Assim, prolonga a vida imaterial
Imprimindo á matéria perecível
Algo de superior e de imortal".

Recorda, em seguida, os tempos de menino: A mãe que mal conhecera, os tios - capitães de navio - que lhe incutiram o gôsto pelas viagens.

Seria longo enumerar todos os episódios e o Snr. Filinto, ansioso por falar em Da. Júlia, prosségue, apressado, nos outros detalhes.

Quando caixeiro fez muitos versos.

Sua cultura, então, era nenhuma; apenas o instinto, a alma do artista ma-



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

SERVIÇO DE RÁDIO-DIFUSÃO EDUCATIVA

RIO DE JANEIRO, D. F.

nifestada.

Sequioso de progredir, bebia, em háustos, os clássicos portugueses.

Por essa época Junqueiro publicava "A Morte de Don João", revolucionando o mundo das letras. Filinto, como muitos, foi influenciado pela poesia e pelo ateísmo desse poeta.

Filho único dos Almeida, do Porto, Filinto é nosso; nosso, porque "no Brasil se fez homem, física, moral e intelectualmente" e "além disso, é cidadão brasileiro civil e politicamente" - como afirmou Valentim Magalhães.

Corroborando o que vimos dizendo, encontramos em "A Notícia", de Manoel da Rocha, uma carta do nosso poeta, em resposta a certa insinuação pública, em que se dizia ser êle menos brasileiro do que um político, brasileiro nato, de grande evidência naquela época. Filinto respondeu mostrando as injunções do meio sobre a nacionalidade em geral, independente, "in totum" da vontade do indivíduo. Ao passo que a sua nacionalidade, desejada "ex-corde", teria mais valor que o acaso do nascimento, tanto mais que escolhera a pátria de caso pensado, concientemente, e, ainda, aproveitando a lei de 15 de dezembro de 1890, reafirmára, pela imprensa, a cidadania brasileira.

Revelou-se, a princípio, sentimental, grande amoroso, apaixonado, e foi sempre esse o característico essencial de suas obras.

Uma grande paixão modificára quase seu destino. Na idade em que "a poesia parece ser a língua universal" noivou com sincera dedicação. Mas, as Parcas, invejosas daquela vida tão ditosa, arrebatáram-lhe a noiva... E os versos do nosso poeta, marejados de lágrimas, ecôam não mais num riso cristalino, e, sim, em soluços entrecortados de saudades.

Filinto escreveu muito depois desse transe, numa expansão espiritual daquela dôr sem limites. O "Poema da Morta" - sentida página de literatura - é uma lembrança dorida desse período.

Desiludido dos sonhos mais caros, jura não mais casar. Será um penitente,



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

SERVIÇO DE RÁDIO-DIFUSÃO EDUCATIVA

5

RIO DE JANEIRO, D. F.

anacoreta da amargura.

Lança-se á política: é abolicionista, republicano, certo de que não encontraria jamais no mundo sentimental a Arcádia de seus ideais.

Filinto de Almeida não sabia francês. No afán de esquecer, entrega-se inteiro aos livros, buscando um lenitivo para suas máguas, um sedativo para suas dôres.

De uma feita, numa livraria, seu amigo João Chaves, "o Careca", lê, no original, para o poeta, a última sensação de Edgard Quinet. Filinto fica "in albis". Resolve, logo, estudar aquele idioma. Noutra não cairia...

Morava com um amigo conhecedor da língua de Racine. O nosso poeta, dentre uma dúzia de livros franceses, na estante do colega, como se fôra um náufrago, agárria-se a um deles, ao acaso. É "La joie de vivre", de Zola... Tão sugestivo para quem buscava um ideal na vida vazia!...

Leu, leu, leu a dúzia toda dos livros do amigo e, finalmente, a memória visual - notória em Filinto de Almeida - vencera; mais tarde, aquela qualidade conjugada á força de vontade fizeram com que se tornasse manejador exímio do francês.

Fugindo ao amor, todo afeito á lembrança daquela que se fôra, da noiva que o Destino lhe tirára, Filinto não visitava famílias em cujo seio houvesse moças.

Tinha muitas relações. Cita o acadêmico alguns que faziam parte daquele grupo brilhante:

"Companheiros da minha juventude,
O Valentim, o Adelino, o Urbano,
O Patrocínio, o Artur..."

Até os vinte anos estivera no comércio. Trocou-o pelo comércio das idéias,



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

SERVIÇO DE RÁDIODIFUSÃO EDUCATIVA

6

RIO DE JANEIRO, D. F.

o jornalismo.

Escreveu em muitos periódicos: "Diário do Comércio", "Diário de Santos", "Gazetinha", "O Combate", de Lopes Trovão, "Revista da Academia Brasileira de Letras"... Dirigiu, com Valentim Magalhães, "A Semana", onde publicava crônicas sob o pseudônimo de Filindal. Foi correspondente de "A Província", de S. Paulo; redator de "O Estado", de S. Paulo, "O País", "A Notícia", "A República", "A América", "Diário Ilustrado", "Novidades" e outros.

Quando colaborador de "A Noite", em substituição e por indicação de Alberto de Oliveira, escreveu crônicas que se acham reunidas no volume "Colunas da Noite".

"De crônicas se faz a história" - diz o Snr. Filinto. Naturalmente! Quando se trata de crônicas como essas de "Colunas da Noite", que, além de estudos de História Geral, passagens dos acontecimentos de mais vulto, da época, possuem reminiscências raras de um sabor diferente!...

A crônica que, geralmente péca pela futilidade ou fica no olvido, é um gênero ingrato, em que poucos teem a fortuna de as fazer sobreviver á primeira publicação. Aliás, Filinto sempre foi um preocupado com os assuntos atinentes á lingua portuguesa e aos argumentos históricos.

Agora sua fisionomia se transforma: é o homem e o poeta que se encontram mais do que nunca. O assunto transcende a todos os outros. É a Mulher.

As pedras de Pirra merecem do Snr. Filinto mais do que admiração: um preito, extensivo a todas as suas qualidades.

Deifica a Mulher, guia da ação, inspiradora dos mais belos feitos, controladora das paixões masculinas, equilíbrio moral do homem.

Tambem, se êle aprendeu a amar a Mulher dentro daquele conjunto de todas as graças - beleza, inteligência, virtude - que foi Júlia Lopes de Almeida, só poderia dedicar á Mulher hinos de seu espírito, de seu coração:



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

SERVIÇO DE RÁDIODIFUSÃO EDUCATIVA

7

RIO DE JANEIRO, D. F.

.....
 "Fonte da vida, razão da vida, rio de amor,
 Que fôra do homem se tu não fôras, ó criatura,
 Cheia de graça, cheia do encanto da fôrmosura,
 Resumo excelso da natureza, mística flôr!

Matriz divina, fóco radioso deste esplendor,
 Que nos envolve, nos ilumina, nos transfigura,
 Nos dias negros, nas horas tristes da vida escura,
 E faz ~~da vida~~ do homem mais miserável um somhador!

Tu foste a origem da divindade: na dura lida
 O homem primevo não pôde crer-te seu par e igual!
 E creou deuses, ~~para~~ para crear-te do ceu descida.

Tu serás sempre, do homam, na Terra supremo ideal
 Que és o transunto da natureza, pois que és a vida,
 Fonte da vida, causa primeira, causa final! "

Sim, êle jurára não mais amar... Mas Deus dispõe...

Um dia, apresentaram-no a bela jovem, de radicsa inteligência. Já a admirára através de sua pena em "O País" e "A Semana".

Nãa a vira, até então, porque ela morava em Campinas.

Conheceu-a pessoalmente na porta da "Gazeta de Notícias". Não se impressionou com sua presença; cortejou, tão somente, a festejada autora das "Iluminuras", de "O País"; viu-a mulher inteligente e nada mais.

Tempos depois encontrou-a, com a irmã mais velha, Da. Adelina Amélia Lopes Vieira, no Teatro Sant'Ana. A impressão pouco variou da anterior. Instado a comparecer em casa de Da. Adelina, num domingo, ao chá das 20 horas,



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

SERVIÇO DE RÁDIODIFUSÃO EDUCATIVA

8

RIO DE JANEIRO, D.F.

então em moda no Rio, ali foi ter por simples ética social.

Casmurro, intransigente, jurando não amar, eis o nosso poeta apaixonado mais uma vez.

Naquela reunião, o Destino aproximára Filinto de Da. Júlia Lopes.

O coração e o espírito, aliados, presos pelo amor!... Era a perfeição!

Mas, quem ousaria tirar, facilmente, do lar dos Lopes aquele primor de graça e inteligência?

Uma vez por ano Da. Julia vinha ao Rio e, numa dessas estadas aqui, passou alguns meses que consolidaram o amor entre ela e Filinto.

As relações com a família Lopes se estreitavam. ~~XXXXXXXX~~ Filinto, todavia, não foi recebido como o príncipe encantado a quem destinavam a imortal romancista.

"Audaces fortuna juvat"...

Certo de seu valor, o nosso poeta, já de renome no Brasil, modesto, embora, não se deixou abalar pelas oposições quiméricas.

Tudo ia muito bem, apesar da pouca vontade com que os Lopes viam o casamento.

Infelizmente, chega o momento em que Dr. Lopes resolve levar a família para Portugal.

Filinto pede Da. Julia em casamento, às vésperas da viagem. O pai responde-lhe, porém: "Vá busca-la, se quisér".

Enquanto a noiva estava longe, bem perto, em seu coração, ela se reproduzia:

".....a minha estrela!

Hoje é que sinto o meu amor veemente,

Hoje que ela está longe, ausente dela,

Eu de mim mesmo penso estar ausente".

Como Dante desce a outros mundos, para ver Beatriz, Filinto deixa o Brasil em busca de Da. Júlia.

Casam-se em Lisboa, a 28 de novembro de 1887, regressando logo ao Brasil.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

SERVIÇO DE RÁDIODIFUSÃO EDUCATIVA

9

RIO DE JANEIRO, D. F.

Unidos pelo espírito e pelo coração, êle traduz esse amor:

"Somos sentimentais:

Este é o nosso defeito e a nossa glória".

A vida prática prossegue. A família se inicia e Filinto entra a labutar em busca do conforto. Dedicou mais tarde vinte e tres anos de sua vida á "Cia. Sul América" de que foi funcionário destacado.

Volviendo á vida literária de Filinto de Almeida vemos que os seus primeiros versos foram publicados n'"O Mosquito" - jornal humorístico. Fundou uma revista literária e científica, de pouca duração, a "América". Com Valentim Magalhães fez peças de teatro e traduziu, em verso, o "Grangaleoto"(1884) e outras. São de sua autoria as seguintes peças teatrais: "Amostra de sogra", "O Defunto"(1896) representada no Teatro Da. Maria, em Portugal e que, aqui, subiu á cena várias vezes; a revista "Mulher-homem"^{-interpretando} a opinião pública -, o monólogo "Os Mosquitos" etc.

Publicou, em 1887, o primeiro livro de poesias - "Lírica" - que foi bem recebido pela crítica; em 1896, em colaboração com Da. Júlia, o romance "Casa Verde" e, em 1900, a comédia em verso "O Beijo".

Em 1938 dá á lume, em edição de luxo, que não foi posta á venda, o volume ~~XXXXX~~ "Dona Júlia" - uma exaltação á esposa morta.

Promete-nos, ~~para~~ ^{para} muito breve, tres obras inéditas, em verso - sonetos na maioria - seu ~~XXXXX~~ ^{genero} predilêto.

Considerava Bilac a "Balada" do livro de Filinto "Cantos e Cantigas" (1914) um modelar poema e, oferecendo "Poesias", em 1888, ao nosso poeta, traçou a seguinte dedicatória: "A Filinto de Almeida, grande poeta e grande amigo".

De 1892 a 1894, na segunda legislatura da República, foi deputado, no Congresso paulista. Entretanto, não apreciava a política.

Filinto de Almeida é membro fundador da Academia Brasileira de Letras.

11
XX

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

SERVIÇO DE RÁDIO-DIFUSÃO EDUCATIVA

(11)

RIO DE JANEIRO, D. F.

A neve, em flócos, sobre nós esvoaça,

Mas não atinge o coração e a mente.

Como a primeira vez, ~~H~~amor fremente, *de //*

Ainda na tua a minha mão se enlaça.

E ha-de ser sempre assim, mau grado enganço

E trsitezas da vida, que este gozo

É o derradeiro bem que ~~eu~~ lhe reclamo.

Quando tivermos cem, mais de cem anos,

Ainda tu me ouvirás dizer-te, ansioso,

"Minha doce velhinha, eu te amo, eu te amo!"

O amor, a dedicação de Filinto de Almeida por Da. Júlia era qualquer coisa de sublime, inexprimível, nestes dias de egoísmo dos homens. Só uma alma de poeta poderia amar com a intensidade, a elevação desse sentimento profundo, invariável, tenaz, manso e doce.

Sua linguagem, embalada em termos românticos, tinha requintes e ternuras de Dante. Beatriz foi a "donna del mio cuore, sol dei miei occhi!" Da. Julia foi sua "lira medieval", seu "bandolim peninsular", o "sol de sua vida".

Foram tão felizes aqueles dois intelectuáís, como não houve outro par que melhor se amasse, melhor se compreendesse.

Ânimo forte, inteligente, culta, ela concitava-o ás belas realizações. E o poeta, simples, modesto, tão grande em seu amor, fazia-se obscuro, pequeno, afim de que ela o suplantasse mais e mais, para ~~XXX~~ adora-la como um ídolo branco, delicado, lá em cima, no altar do seu amor.

"Finis" é um resumo desse romance bonito, que foi vivido, exalçado:

"Teu nome abre estas páginas singelas

Do livro em que á minha alma inteira puz;

Teu nome, para mim facho de luz

Mais radiante e vivaz que a das estrelas.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

SERVIÇO DE RÁDIODIFUSÃO EDUCATIVA

12

RIO DE JANEIRO, D. F.

.....Ê-me, pois, estas páginas: por elas
 Às vezes, louca, uma paixão transluz;
 É do passado; que hoje não traduz
 Minha lira paixões, nem posso tê-las.

Antes de conhecer-te, mergulhava,
 É certo, em váio mar o coração: *r/*
 Ensaíava os amores; não amava.

Hoje, sim, endoidece-me a paixão;
 Sou teu cativo; eis a minha alma escrava,
 Meu raro ideal da humana perfeição".

Seus versos são belos, delicados, teem alma:

"Fê-los o sentimento
 Disse-os o coração".

Eis as harmoniosas estrofes de Da. Julia, a "Excelsa":

"Quando penso que és minha, eu estremeço
 De grande e íntimo orgulho e de alegria.
 Sei que tu és um bem que eu não mereço...
 Mas nenhum homem te mereceria.

Porque me coube um prêmio de tal preço,
 A mim, tão imperfeito e sem valia?
 Benigna sorte dadivosa e pia,
 Magnânima Fortuna, eu te agradeço!

Luz da bondade, fonte cristalina
 Da virtude e do bem, que o bem sugeres,
 Alma que em tudo é rara e peregrina;



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

SERVIÇO DE RÁDIODIFUSÃO EDUCATIVA

(13)

RIO DE JANEIRO, D. F.

..... Bendita sejas tu, que bem me queres,
Pelo tempo dos tempos, bh divina,
Oh única mulher entre as mulheres!"

A felicidade parecia morar na residência de Santa Teresa. João do Rio foi quem melhor pintou aquele quadro de família:

"Esse sentimento de mútua admiração é um dos encantos daquele lar. Filinto esquece os seus versos e pensa nos romances da esposa. Leva-a a certos trechos da cidade para observar o meio onde se desenvolverão as cenas futuras, é o seu primeiro leitor, ajuda-a com um respeito forte e másculo. Da. Julia ama os versos do esposo, quer que êle continue a escrever, coordena o volume prestes a entrar no prélo. E ambos, nessa serena amizade, feita de amor e de respeito, envolvem os filhos numa suave atmosfera de bondade!"

Filinto e Da. Julia fizeram de colaboração o romance "A Casa Verde", publicado, primeiramente, em folhetins no "Jornal do Comércio" e, hoje, reunido em volume. Trabalhavam juntos, censuravam-se, corrigiam-se, elogiavam-se mutuamente. Na vida foi bem uma casa verde, a casa da esperança, o lar que construíram.

São todos artistas os 4 filhos: Albano, pintor; Afonso, consagrado poeta e diplomata; Lúcia, pianista e cantora, e Margarida, a grande escultora, exímia declamadora, Margarida "quella delle belle mani" - como diria D'Annunzio.

São todos artistas. E Filinto de Almeida, exclamou, certa vez, para João do Rio: "Esta casa está perdáda, fazem todos versos, são todos poetas, o menos poeta sou eu..."

"...o menos poeta sou eu..." - doce mentira do mestre, cujo orgulho eram a mulher e aqueles filhos.

Por certo os versos de Filinto, já publicados, podem não ser primores de alta imaginação. Mas, são verdadeiras joias do sentimento. É que o nosso poeta não conheceu sempre a companheira dos demais poetas - a dôr - a dôr que fere, crucia, arranca, ás vezes, d'alma os remanescentes mais profundos.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

SERVIÇO DE RÁDIODIFUSÃO EDUCATIVA

⑤

RIO DE JANEIRO, D. F.

Dos seus últimos versos, salienta-se um lindo soneto composto quando da abdicação de Eduardo VIII:

"Príncipe, um homem não hesitaria.
 Não ha nada que valha um coração.
 A vida é só amor, é só paixão;
 Mais que rei, si és um homem renuncia.

Crê-me: o amor é maior que uma nação
 Mais belo que a real soberania,
 Só êle enche a existência de alegria
 E na vida sensória é o vinho, e o pão.

.....

Ó meu finado amor, tu bem o vês:
 Si o meu destino me não fôra adverso
 E tu ressucitáras uma vez,

Ao calor do meu pranto e do meu verso,
 Eu por ti trocária o trono inglês
 E mais todos os trônos do Universo".

Filinto de Almeida, antes de nos despedir, ali, defronte da tela de Da. Julia, falou do divórcio, pleiteand-o, porque foi feliz e pôde sentir o contraste na infelicidade dos outros.

Mostrou - em seu espírito evolucionista - as diferenças da moral de hoje. Afirmau que, se ^{ela} ~~XXXXXX~~ não está abalada completamente, o pudor, porém,



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

SERVIÇO DE RÁDIO-DIFUSÃO EDUCATIVA

16

RIO DE JANEIRO, D. F.

decaiu muito nas praças, nas ruas, nos salões.

Abraçando-nos, á despedida, olhos fixoa na tela amada, parece dizer-nos que depende, tambem, de nós, homens, tudo o que fomos, somos e seremos, na vida de cada um de nós:

"Ama e honra a mulher que é a melhor obra do homem".

A vida de Filinto de Almeida pode ser dividida assim: antes de Da. Júlia, Da. Júlia e após Da. Júlia.

Antes, um poeta, um sonhador; depois, um grande poeta, animado da chama do olhar da esposa - seu escravo e rei - pois, só um homem de espírito estava á altura de fazer feliz áquela que foi uma flor da intelectualidade; por último, Filinto de Almeida, o poeta, ancião, de imaginação fresca, renovada, como se tivesse 30 anos... Que belo é Filinto transbordante de amor e fidelidade por quela doce estrela que foi, é, e será a essência de sua obra, a flama de sua vida: Da. Júlia.

Descrente, ateu, por ela tem rasgos de uma filosofia diferente! Rouba a crença dos outros, no último assomo de amor, para amparar a alma vazia, como o pobre, faminto, furta o pão alheio - "Pane altrui":

"Eu, que não creio na sobrevivência,
Nem na imortalidade prometida,
SEI que espírito e alma são da vida
Não mais que a função nobre e que a excelência.

Mas quase todos crêem noutra existência,
Além da que é por morte interrompida;
E é porisso, talvez, Morta querida,
Que nem sempre acredito em tua ausência.

Porém, sabendo que não estás presente
E que tudo que foste é hoje extinto,
Eu te sinto e te falo como um crente.

17



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

SERVIÇO DE RÁDIO-DIFUSÃO EDUCATIVA

17

RIO DE JANEIRO, D.F.

Mas, posto que não possa confirma-lo,
É pela crença alheia que eu te sinto,
É pela fé dos outros que eu te falo".

Deixando a sombra poética da residência de Copacabana,- aquele cenáculo do espírito - parece que despertamos de um sonho maravilhoso, guardando na lembrança que o gigante, ali visto, "Parnasiano" "par droit de naissance et de conquête", traz no coração e no espírito duas intensas paixões:

"Sua esposa e a nossa língua".

Alvaro J. Salgado

8
III
1940 Rio

